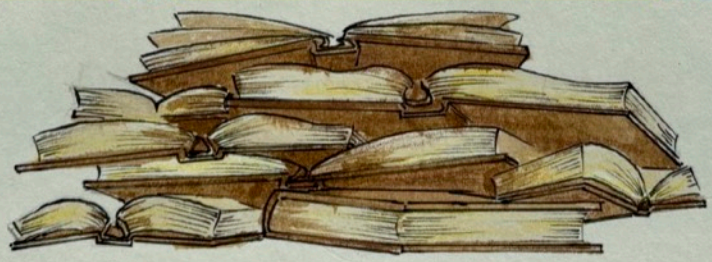
A Saga Magister-Auctor



O regresso do papel

Maria Liber Catherina & Liberty Auctor

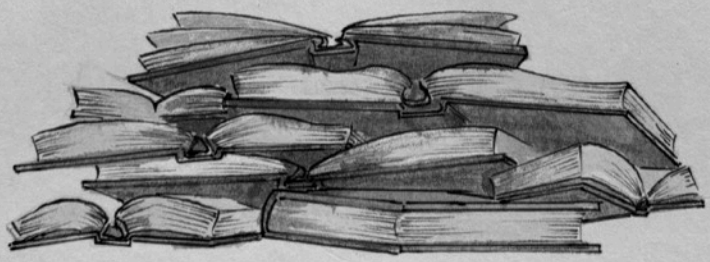
Versão 2.03

Título: *A Saga do Magister Auctor. 13. O regresso do papel*
Título Original: *De Magister-Auctor Saga 13. De terugkeer van gedrukt papier*
Co-autores: Maria Liber, Liberty e Catherine Auctor
E-book em Páginas com fonte Charter 14
122.25 HE
E-book em Páginas com fonte Charter 14
Para o século XXI, A Saga do Magister Auctor © 2020-2026 Pascal Paulus com capa de livro de Frank Nuyts lançado sob a licença CC BY-NC-ND 4.0

Para a parte 12 da saga Magister-Auctor, utilizámos conversas com Lev Auctor, Sara Lector, Alberto Auctor e Maria Liber, gravadas por Catherine e Liberty Auctor.
Algumas destas conversas serviram de base para experiências mais pessoais nesta parte.
As conversas foram gravadas em 122.07, logo após a viagem de Liberty e Wolfgang para Marte.

Abreviações e acrónimos utilizados.
CIA: Comunidade Interpolitana de Antropogogos
Cou-Clib-Clan: Counter Measures Culture and Library Clan
CUA: Comboios Urbanos Automáticos
(*projeto*) DiSoCol: (*projeto*) Dinâmico Social e Colectivo
EJCD ou Espaço JCD: Espaço Joana en Catherine Demeester
HE: Holocene Era - Calendário Holoceno Cesare Emiliani
MIT: *Martial Investment Trade Centre* gerido pela Fundação Flegetonte
OPNHM: Ondas Portadoras Não Humanas Modificadas.
RecIn: Recolha de Escolhas Individuais
RR: Rovelli Rockets
VTE: Viaturas de Transporte Eléctricos
VSA: Veículos Semi-Automáticos

A Saga Magister-Auctor



O regresso do papel

Maria Liber Catherina & Liberty Auctor

Para Manuel, Sebastião
e Olivia

O nascimento de uma saga
(121,93 - 122,07)

Deixe-nos dizer e escrever

Este é o último livro de *A Saga Magister-Auctor*, como nosso querido marido e pai queria que se chamasse este projeto de escrita. O presente livro tem três narradores. Algumas partes são das filhas. Outras são da mãe.

Escrevemos o livro na primeira pessoa do singular na primeira pessoa do plural e há parágrafos na terceira pessoa do singular.

A primeira pessoa do plural somos nós as três juntos, é claro.

Depois de escrevermos alguns parágrafos, percebemos que seria melhor de nos revezar em certas partes. Daí o abundante uso da primeira pessoa do singular.

Quando os nomes de Catherine ou Liberty aparecem, é porque a mãe ou a outra irmã estão a falar.

Quando o meu nome aparece, é naturalmente porque Catherine ou Liberty seguram a caneta. Ambas, às vezes.

Acostumamo-nos a esta mudança de narradora depois de algumas páginas. Acreditamos que os leitores também se acostumarão a ver as três a aparecer às vezes como narradores ativos e às vezes como pessoa a ser falada.

Conforme o livro avançava, perguntámo-nos se devíamos ter aceite sermos nós a escrevê-lo. Mas quem senão mais poderia tê-lo feito?

Alberto já tinha trabalho suficiente para escrever o primeira livro.

Lev?

Acreditamos que se teríamos dado a escrita deste livro a Lev ou

a um dos nossos amigos eles teriam estragado o Alberto por completo com mimos.
E escrevemos a frase anterior de propósito juntos!
Em retrospectiva, achamos que a melhor escolha foi mesmo sermos nós a escrevê-lo.
Nesta revisão de 122.25 HE (Holoceen Era) que também serve de modelo para o livro impresso, inserimos aqui e ali referências aos livros anteriores para dar aos leitores interessados uma ideia de onde encontramos as informações.
Não contem a ninguém mas copiamos a ideia do Alberto que fez algo parecido no Livro 01, *Imprimatur*.

E agora vou exercer o meu direito de primogénita. Nunca gostei muito de lentilhas. Mas gosto de grão-de-bico.

A morte de um membro na família continua a ser um evento de pesar hoje também em Bibliopolis. Dizer definitivamente adeus continua a ser uma dor humana. Mesmo se a perda de um antepassado é sentida de muitas maneiras diferentes pelos descendentes de diferentes culturas.
A morte de Emmy, a avó de Alberto no ano passado, foi difícil para todos nós. Mas ao mesmo tempo a família estava cheia de entusiasmo por causa das conversas acerca das escavações em Megalissipo. Alberto e o seu pai falavam-nos quase diariamente acerca de novo achados. Desde o início das escavações, ambos já tinham solicitado por duas vezes de lhes aumentar o espaço disponibilizado na Biblioteca Central. Eles estavam a tentar de classificar e tornar público todos os documentos dos primeiros anos da ignarometria e da antropogogia institucional.

No mês de Ketwromehns deste ano 121.93 HE, Alberto já tinha quarenta anos ao regressar mais uma vez de Megalissipo. Passou rapidamente por casa para tomar um banho para logo, mergulhar na poeira tropical da Biblioteca Central de Bibliopolis depois três meses na poeira gelada mais a Norte.
Nesse mesmo ano o espaço de Lev e Alberto assumiu o tamanho que mantém até hoje tem, agora como Espaço JCD. Foi destinado à toda o espólio subterrâneo da Biblioteca Paulo Demeester com foco na ignarometria e na história familiar. Tem prateleiras e armários previstos para futuros documentos provenientes de outros locais possivelmente. Livros sem anotações nas margem contudo preservados no subsolo pela equipa de Sérgio Mestre receberam o seu lugar lógico na biblioteca geral. Destes livros impressos compilou-se um catálogo digital regularmente actualizado, pormenorizando a localização precisa na Biblioteca Central.

Com dez anos, Liberty tinha pela terceira vez consecutiva o pai em Megalissipo no início da primavera do hemisfério norte. Ela ficou um pouco zangada com ele. Pela terceira vez consecutiva não estava no seu dia de aniversário. Quem já leu *Imprimatur* sabe que Alberto, como ele mesmo disse, nunca entendeu muito bem o ritual de se reunir para celebrar o envelhecimento. Mais tarde na sua vida isso não o impediu de aparecer nessas reuniões para 'entreter' os outros convidados com divagações e histórias que ele próprio achava interessantes ou divertidas.
Porém enquanto pai entendia que não era agradável para a pequena Liberty ficar vários meses por ano sem o ver. Decidiu de

não voltar ao sítio arqueológico no próximo equinócio do hemisfério norte, ou melhor, no próximo equinócio que marca a chegada da primavera no hemisfério norte.
E cumpriu a palavra como normalmente fazia.

Mas voltando ao ano de 121.93 HE. Pouco depois do seu regresso, ele visitou o grupo de aprendizagem da Liberty. Acompanhei-o naquele dia. As crianças estavam a pesquisar acerca da comunicação. Uma das perguntas era *É possível comunicar com pessoas que viveram no passado?*
Essa parecia ser para Alberto uma pergunta muito interessante. Não por razões filosóficas ou metafísicas, mas por razões históricas. Ele aproveitou a oportunidade para explicar ao grupo que as suas viagens a Megalissipo não tinham tanto a ver com falar com pessoas, mas sim de escutá-las com a tentativa de compreender o mundo e o pensamento, o espírito da época a partir de quem vivia naquele tempo.
Ele explicou que, de certa forma, conseguia ouvir ou ver Paulo, os seus avós, os pais ou filhos contando histórias assim que abria um caderno. Será coincidência cadernos e diários estar frequentemente interligados? De certa forma ouvia ou via um antepassado contando histórias no tempo e no lugar em que este vivia. E para Alberto, o lugar e o tempo tinham uma influência significativa sobre a formação dos pensamentos de uma pessoa. Para ele era isso o *espírito do tempo*.
Graças aos excelentes arquivos mantidos pelos netos de Paulo, Alberto quase podia ouvir o que Paulo estava a pensar e a fazer, ainda hoje cento e cinquenta anos após a sua morte. Contudo trata-se de uma comunicação unilateral. Alberto podia ver e

ouvir o que alguém tinha dito ou pensado naquela época. Não podia responder; não podia dialogar diretamente com a pessoa. Pelo que sabia não podia elaborar contra-argumentos para essa pessoa ou falar de novos pensamentos surgindo do que ouvia. E mesmo que isso fosse possível, Alberto pensava que seria muito difícil alcançar uma troca genuína de ideias, impossível até se o mundo e o tempo das duas pessoas fosse demasiado divergentes uns dos outros.

Era possível partilhar ideias mesmo quando estávamos quase no mesmo tempo? Mas e se o contexto fosse muito diferente?

Ele falou dos Elysianos e Terráqueos que emigraram para Ganímedes e que o seu pai conheceu durante os *Diálogos de Refundição*. Quando recebia uma mensagem de Ganímedes vinha de meia hora a uma hora do passado. Se ele respondia imediatamente, a sua resposta chegava lá entre uma e duas horas mais tarde. Era por isso que as gravações de uma conversa entre alguém em Ganímedes e na Terra eram editadas. Num diálogo entre dois participantes e durante o qual cada um falava quatro vezes seguidas por dois minutos havia até oito horas de silêncio para oito minutos de fala.

Era portanto de certa forma possível possível comunicar-se com alguém sobre o que disse no seu passado, embora nunca seria um passado muito distante na vida dos interlocutores. Acrescentou que as Bolhas-Espaciais em uso hoje permitiam que massas, incluindo pessoas, viajassem mais rápido do que nunca e em segurança, mas isso não afetava as conversas. Os sinais electrónicos que carregavam a informação viajavam ainda muito mais depressa mas eram mesmo assim sujeitas às leis da

natureza, em grande parte descritas pela matemática humana. Essa matemática dizia-nós não ser possível de romper os limites conhecidos da física. Ninguém sabia por certo se isso tinha a ver com a nossa proeza matemática ou com a própria física. A nossa descrição da física sugeria que estávamos de um dos lados da barreira da velocidade da luz. A maioria continuava a afirmar que era um fenómeno absoluto, mas alguns continuavam céticos. De qualquer forma os interlocutores estariam na mesma cada um no seu mundo e obrigando-nos seja como for a incorporar a perspectiva desse mundo e o espírito dessa época.

Isso levou o grupo a falar de outro aspecto da comunicação: *É possível ligar a comunicação humana com a comunicação não humana e alcançar uma genuína partilha de ideias?* perguntou um adolescente de quatorze anos do grupo de aprendizagem.

Alberto então discutiu as formas de comunicação ecossistémica entre diferentes grupos de animais e plantas. A questão, claro, era o que as pessoas entendiam por comunicação. Poderia ser simplesmente uma troca sensorial, uma proteção mútua ou uma proteção própria contra um agressor. Significava proteção própria um forma de autoconsciência? A planta que secretava uma toxina contra um insecto demonstrava autoconsciência? Os humanos não estavam muito avançados na compreensão da autoconsciência. Muitos investigadores continuavam a usar o teste do espelho como base para suas descrições. Crianças reconheciam a sua própria imagem a partir de uma certa idade. Alguns animais, como golfinhos e primatas, também eram capazes de reconhecer a sua reflexão. Alguns etólogos acreditavam que todos os cetáceos se reconheciam. Havia até

quem pensava que certos sons produzidos por cetáceos eram destinados a um membro específico da espécie, seguidos de uma mensagem. Mas era realmente esse o caso? Pássaros monogâmicos reconhecem parceiros e filhotes; são eles também auto-conscientes? Sabíamos que numa grande floresta como a circundando Bibliopolis, as árvores e plantas se comunicavam, partilhando informações químicas sobre potenciais ameaças para bem-estar e crescimento, mas como evitar especulações antropomórficas ao pensar sobre isso e quando realizar experiências?

Notei o quanto nossa filha estava absorta na conversa. Ela perguntou o que significava especulação antropomórfica.

Alberto explicou então que, para o bem ou para o mal, especialmente antes da Refundição, mas também depois dela, biólogos e etólogos muitas vezes não sabiam como abordar a comunicação entre espécies. Segundo Alberto, ainda não tínhamos resolvido possíveis equívocos entre uma informação que um indivíduo pode interpretar dentro dum ecossistema e um potencial canal de comunicação entre espécies. Para se comunicarem eram necessários sentidos compatíveis. Que sentidos possuíam diferentes espécies? O que registravam ao certo? Pode um ser humano interpretar informações como o faz um cão? A imagem, evidência de autoconsciência, pode ser um rastro de urina? Um rastro que o nariz de um cão interpreta como seu, enquanto o reflexo de um rosto num espelho é interpretado pelos olhos humanos como seu? Certamente ainda havia muito território inexplorado para pesquisa.

E voltando à interação com o meio envolvente. Implicava

autoconsciência? A autoconsciência era algo que um indivíduo de uma espécie aprendia ou era desenvolvido internamente? O que era aprender e o que era treinar? Ganhar experiência para capturar um insecto ou um pássaro era o quê? Antes da Refundição alguns psicólogos afirmavam que os galos se reconheciam ao espelho, outros diziam que eram simplesmente animais treinados. O quanto avançamos desde a Refundição? E quanto a peixes, polvos, raias e tubarões? Confundimos inteligência com comunicação? Confundimos comunicação com autoconsciência? Deixamo-nos levar por ilusões?

Será que eu próprio estou simplesmente a baralhar tudo e todos, concluíra Alberto com um sorriso, por falar de coisas que nem sempre compreendo completamente? Teria sido melhor ficar pelas perguntas do tipo 'por quê'?

Durante a nossa caminhada pelo parque de regresso à casa notei que não tinha mencionado às crianças algo que parecia ser da família. Segundo o meu sogro as histórias sobre a Comunidade Hunt e a sua capacidade de interpretar o Conhecimento Não Humano surgiram regularmente desde Fernanda Mestre. Será que algum dia poderíamos usar esse conhecimento?

***

A minha irmã estava a pensar no que o pai tinha dito no seu grupo. No ano 122.25 HE, ela continuava a pensar nisso. Sentidos, informação, inteligência, comunicação. Tudo isso interessava-a muito.

Mas, em 121.93 HE ela estava principalmente irritada consigo própria. Adorava comer peixe e carne. Será que aquele frango ou coelho que ia para a panela teria alguma autoconsciência?

Ela estava completamente perdida. O pai disse para ela evitar interpretações antropomórficas muito genéricas. Se contudo tinha muitas dúvidas mas mesmo assim gostava de carne, talvez pudesse comer carne cultivada de células de músculo. Não exigia matar nenhum animal. Eu estava na minha fase 'absoluta' na época. Por mim, era tudo ou nada, logo comia frango e coelho apesar de toda a nossa empatia pelos animais. Seja como for, a proteína animal foi historicamente a fonte de alimento necessário para a evolução dos nossos cérebros. Biologicamente éramos omnívoros; culturalmente, éramos o que quiséssemos. Afinal podíamos um vegetariano convicto podia perfeitamente sobreviver. Na altura eu não ara nada. E havia em Bibliopolis muitos vegetarianos mas também muitos pescadores. Um grupo considerável também caçava com arco e flecha. Um peixe, um frango assado, um coelho bravo ou uma ensopada de borrego eram comidas saborosas. Autoconsciência ou não…

Naquele ano, completei 14 anos e minha irmã tinha 11. Como os leitores provavelmente já perceberam, a minha mãe passou me a caneta. As discussões com a minha irmã eram as típicas conversas de adolescentes que tendem a considerar menos nuances e a reduzir opiniões a preto ou branco. Os grupos de aprendizagem ajudavam a aprender a fazer as nuances. Reuniam-se na Biblioteca Central quando não estavam num saída de estudo pelo bairro ou pela floresta, ou quando os subgrupos não estavam a desenvolver os seus próprios projetos para apresentação posterior. Quando discutíamos acerco de algo ou mesmo quando só fazíamos perguntas, o meu pai raramente dava uma resposta imediata. Sempre incentivava-nos a explorar

Bibliopolis com um pequeno grupo de membros do nosso grupo de aprendizagem. Visitávamos frequentemente outras bairros com alguns amigos. Era o que a avó Sara também lhe tinha recomendado quando era adolescente. E os nossos avós antes também gostavam de ir para o terreno. Caminhar e colectar informações fora do grupo de aprendizagem continuava a ser um aspecto importante da nossa forma de aprender. Os antropogogos haviam aprendido isso com seus antecessores. Os hubs Dewey e Vigotsky dos CUA (*comboios urbanos automáticos*) eram bons pontos de partida para pesquisas. E não era coincidência procurarmos esses hubs. Viajar para adquirir conhecimento foi o primeiro passo para viajar com o objetivo de aprender e conhecer outras pessoas. E havia quem viajava para desenvolver os seus projetos.

Quando começamos a fazer perguntas sobre o êxodo para Marte e Ganímedes, acabamos no hub Marta Nussbaum ou no hub Michel Foucault. Mas queríamos saber mais. Porque é que os nossos avós viveram por um tempo na Lua, por exemplo. O nosso pai sugeriu que entrássemos em contato com Raja, amigo do avô Lev. Ele levou-nos a conhecer Milo Takis.

Durante nossa conversa, Milo apresentou-nos o filho Manuel, que era um ano mais velho do que eu. Mais tarde, encontrei-o de novo na Biblioteca Central. Aqueles que o conheciam sempre ficaram impressionados com a facilidade com que ele conseguia produzir resumos adequados até mesmo de documentos e conversas complexas.

Naquela altura dizia se interessar por todas as formas de comunicação nas mais diversas formas. Era particularmente

fascinado pela evolução da comunicação e como ela moldava e desenvolvia a cultura dum grupo, duma comunidade ou mesmo duma instituição. Mais tarde, o subgrupo no qual se inseria passou a trabalhar frequentemente com um subgrupo da minha irmã que, como disse, já vinha demonstrando um interesse crescente pelo assunto da comunicação.

Mas voltando à nossa conversa. Milo falou sobre os *Gestores das Fundações*. A sua história começou com a mudança deBloomcamp para *Elysium*. Ele então partilhou connosco o que sabia sobre a evolução de *Elysium*. A primeira oligarquia a administrar aquela Cidade Espacial foi gradualmente substituída por tecnocratas financeiros que concentravam cada vez mais sua riqueza em ativos virtuais, que eles chamavam *bitcoins*. Os seus pais eram verdadeiros tecnocratas do dinheiro e preferiam minerar *bitcoins* a criar filhos. Foi a sua escolha em tempos turbulentos. Contudo diziam não querer impor a mesma escolha aos filhos. Então, os pais enviaram-no para a Terra quando ele era um bebé. 'O que também foi uma forma de impor coisas' riu-se. A história terminou por ele ser acolhido por Ayala. A irmã foi criada pelos pais de Hachim. Desde cedo, descobriu que valorizava a liberdade de participar em tudo que lhe interessava. Nos grupos de aprendizagem os seus interesses eram sempre tomados em consideração. Não impedia haver uma certa responsabilidade associada a cada tarefa assumida. O envolvimento com os outros era sempre incentivado.

Observei alguns elementos do Princípio da Empatia na primeira história de Milo. Os ricos moradores dos

CondomíniosBloomcamp eram claramente viciados em dinheiro e nos bens materiais que adquiriam com ele para posse pessoal. Eles não queriam se livrar do vício e preferiam comprar o céu. Talvez ouviram dizer que os viciados se sentiam bem durante um *trip* até o céu. E um viciado a sentir-se bem… bom. Logo decidiram construir o seu próprio paraíso para viciados e mudaram-se para *Elysium*. Após cerca de cinquenta anos de vício celestial, os Gestores de Fundições continuaram a demonstrar claramente não querer abandonar o seus hábitos. Eles preferiam minerar *bitcoins* em Marte onde diziam eles iriam desfrutar de uma vida de ricos em vez de retornar à Terra onde temiam não poder fazer o que mais desejavam. Preferiam a emigração mesmo sabendo que não corriam perigo de serem atacados em Terra. A população de Sabedores que ficou em Terra não os culpava pelo seu vício. Mas tentaram mostrar que a sua própria ausência durante cinquenta anos deu a possibilidade de incluir cada vez mais os ignorantes nas suas comunidades de aprendizagem tinham. Significava que foi sobretudo a esta sua ausência haver muito menos indivíduos a se sentir puxado para o vício de dinheiro e bens materiais pessoais.

Os Contadores de Mitos que apresentavam o dinheiro como algo de natural já não compreendiam aquela rede de comunidades estabelecidas, críticas e conviviais. Dentro dessas comunidades cultivavam-se as perguntas 'porquê', havia menos perguntas 'como'. E embora os Contadores de Mitos tivessem boas respostas em como acumular dinheiro, calavam-se em relação ao porquê de acumular dinheiro e bens. A sua resposta que os bens pessoais eram algo de natural era hoje tão

dogmática como era em tempos a resposta de outros Contadores de Mitos levando os Ignorantes que a Terra era plano e o centro do universo. A posse era um mero fenómeno cultural assim como o dinheiro. Ouvia-se com frequência claro que algo que sempre existiu sempre existirá. Mas até o dinheiro e os bens pessoais eram algo de muito recente no advir de Homo Sapiens e *A Rede* de *Convivialis Civitas* tinha hoje uma alternativa em funcionamento que alcançava um bem-estar comum bem mais global do que o bem-estar comum de parte da população mundial até cerca de cem anos antes do Inverno Vulcânico.

Os possuidores de bens eram poucos hoje em dia e não conseguiam encontrar na Terra seguidores suficientes desejando dinheiro ou poder pessoal. Aqueles que queriam pesquisar, pesquisavam; aqueles que queriam viajar, viajavam; aqueles que queriam estabelecer uma Comunidade Tipo 2 [ver *Anexos*], estabeleciam uma. Ninguém culpava ninguém por querer possuir dinheiro, mas a maioria simplesmente não nele nenhum sentido.

Através da história de Milo, o nosso grupo de aprendizagem percebeu claramente um aspecto importante do Princípio da Cooperação. Uma atividade na qual todos se podiam envolver por considerar ser interessante e dar prazer não era uma atividade desligação dos outros membros do grupo ou até fora dele. Cada atividade e projeto vinha acompanhado de algum tipo de responsabilidade. Essa responsabilidade podia ser muito local ou muito global, como veremos mais adiante. Mas evitava-se que durante implementação dum projeto os idealizadores podiam atentar ao bem-estar de outros. Em conjunto

procuravam-se soluções para que todos pudessem trabalhar nos seus próprios projetos sem impedir que os outros da mesma comunidade continuassem a se dedicar ao que gostavam e pelo qual demonstravam interesse.

Viajar, possuir, colaborar. *Porquê* não é o mesmo que *como*. *Como* era a questão amplamente abordada por alguns cientistas do hectano 121. Pense em alguém como Václav Smil, que formulou excelentes perguntas e forneceu respostas abrangentes e bem documentadas em livros de fácil leitura do qual… *Como o Mundo Realmente Funciona* que encontramos na biblioteca de Paulo é um bom exemplo.

Dado o estilo de vida americano que descreveu, ele abordou poucas questões 'porquê'. Talvez tenha sido difícil para alguém imerso numa sociedade capitalista do Tipo 1.

Como muitos investigadores da época ele também não questionava por exemplo o 'porquê' do transporte individual. Perguntava-se com outros, como tornar este transporte individual mais eficiente e como usar a energia de forma ainda mais eficiente. Como, não porquê. Não estava entre aqueles poucos que questionavam a razão do transporte individual. Não estava entre os que se perguntavam porque razão uma megacidade precisava de funcionar 24 horas por dia. Globalmente estas megacidades continuavam a consumir mais energia durante a noite do que durante o dia. E mais uma vez esses investigadores não questionavam o porquê, mas como gerar e distribuir de forma mais eficiente a energia.

Eles criavam assim a impressão de que o consumismo era uma também uma característica natural e não um fenómeno cultural

humano. Portanto, não havia perguntas sobre o 'porquê' de cruzeiros marítimos transportando milhares de idosos, mas sim perguntas sobre 'como' evitar infecções pandémicas não tirando o mérito de respostas muitas vezes bem interessantes. Contudo, na nossa opinião essas respostas não abordaram a essência da questão. Raramente questionava-se o 'porquê' da Sociedade Tipo 1. Até o surgimento da GNet-Z depois dos Bloomcampers se isolarem nos seus próprios condomínios, praticamente todas as comunidades de Tipo 2 e Tipo 3 eram sistematicamente corrompidas pelos grandes proprietários da Sociedade Tipo 1. Faziam-no de forma consciente ou inconsciente. Havia práticas ilegais de imposição através de chantagem e práticas legais de imposição commumente chamadas de doações. Os esforços de mudança para desenvolver comunidades ou sociedades verdadeiramente cooperativas eram tipicamente minados internamente nem raras vezes por líderes que rapidamente se tornavam tão arrogantes quanto os líderes que queriam substituir.
Assim como os piedosos do passado a distribuir esmolas no portão da igreja, havia nos tempos modernos filantropos incluindo gestores de Fundações doando dinheiro. Contadores de histórias profissionais narravam os seus feitos, frequentemente repetidas na comunicação social. Poucos iam ao fundo da questão perguntando por que os pobres eram pobres. E o pai já o dizia em *Imprimatur*. Não era incomum culpar os pobres por serem pobres.
Parafraseio uma boutade de Illich. Ele teria dito certa vez que onde não havia escolas, não havia insucesso escolar. Hoje, poderíamos dizer, com outra ironia, que onde não há poder presa à propriedade privada, não há pobres nem oprimidos.

Poucas vezes ia-se ao funda da questão de saber o que constituía a natureza e o que constituía a cultura. Quais eram as investidas locais ou globais criados pelo homem? E segundo os antropogogos a mudança cultural baseia-se na observação, no diálogo e na educação. Mas queriam os proprietários de bens realmente desfazer-se dos seus posses, doando-os? Queriam eles realmente investir energia no desenvolvimento de uma comunidade sem bens? Uma contradição nos termos, sobretudo para os Bloomcampers.

Milo Takis então falou acerca da maciça destruição da Terra causada pela corrida a cada vez mais bens materiais. O planeta inteiro estava praticamente arruinado devido ao que se ensinava a população mundial. Os ricos eram os modelos a serem seguidos. E dizia a fábula que todos aqueles que ainda não eram ricos o podiam ser através do árduo trabalho e um pouco de sorte. Segundo Milo foi assim que a bomba explodiu.

Raja explicou como quase todas as narrativas económicas ruíram. O conto do crescimento ilimitado era seja como for um conto de fadas. A Terra não era o Universo. Em termos de magnitude, o planeta era um grão de poeira finito em comparação com a parte finita visível do Universo que, mesmo na época em que escrevemos este livro, muitos acreditam ser infinito em si mesmo.

Os *Bloomcampers* tornando-se *Elysianos* tentaram então exterminar cada vez mais pessoas na esperança de assim retomar o controle do planeta. Mas eram simplesmente demasiado poucos a viver em Elysium. Os antropogogos que organizavam as comunidades de aprendizagem na Terra

encontraram o antigo filme *Elysium*. Cópias do filme espalharam-se rapidamente. Toda a mensagem pré-Refundição, com os seus enredos clássicos e histórias heróicas fez dele um excelente filme para expor os sonhos impossíveis dos mais ricos completamente viciados em dinheiro e bens materiais privados. O crescimento perpétuo mostrou-se tão mítico quanto a vida perpétua. Para Raja a autoconsciência servia de fundamento para duas linhas culturais básicas. Uma para maior empatia, outra para maior individualismo.

Para o nosso grupo de aprendizagem de adolescentes a segunda história dava informações valiosas. Convidava-nos a refletir acerca do Princípio do Ecossistema mas também acerca do Princípio da Empatia. Nas Megapoleis e a certa altura já sem sistema de escolas, os possuidores originaram sentimentos de inveja durante gerações. Eles próprios usavam o medo e a violência como táticas para convencer os não possuidores a fazer da posse pessoal o seu maior desejo. E quem já possuía muitos bens pessoais isolava-se e organizava o bullying em. Logo no início da posse privada usavam ameaças e táticas enganosas para forçar outras a ceder parte do seu trabalho ou da sua produção alimentar. Isso forçou rapidamente os que lavravam a terem que produzir mais, simplesmente porque tinham que ceder mais, enquanto aqueles a quem tinham que ceder ofereciam apenas uma proteção mínima. E essa proteção podia até ser mais por preservação própria do que por preocupação com os outros. Deixavam essa preocupação com os outros para os Deuses. Afinal, era para isso que os deuses eram pagos com sacrifícios.

Nos tempos modernos a proteção (do trabalho) continuou a ser um logro. Uma coisa era manter uma empresa de produção no bairro, outra era ir para o outro lado do planeta, onde a mão de obra era mais barata, logo o lucro maior…

A história de Milo Takis demonstrou que a autoconsciência pode levar tanto à empatia quanto a um maior individualismo. Ao tomar consciência da própria fragilidade enquanto ser humano pode-se adotar uma atitude empática e ajudar os outros a se prepararem melhor para situações difíceis, ou pode-se aumentar o individualismo e cuidar de si mesmo em detrimento dos outros.

O filme *Elysium* não ofereceu exatamente um retrato simpático daqueles que detêm o poder e a riqueza, mas também não transmitiu uma visão muito empática daqueles que tentam combater o abuso de poder e riqueza.

Nas muitas conversas em comunidades de aprendizagem com Ignorantes e Errantes a por vezes subtil diferença entre o uso e o abuso da natureza tornava-se clara. Outros diálogos sobre ecossistemas passaram a ser possíveis. Entre elas, a ilusão de poder criar uma espécie de Terra artificial perpétua simplesmente porque o planeta original teria sido arruinado devido a ânsia de possuir bens pessoais.

A história de Milo Takis esclareceu a diferença entre o filme e o que a cidade espacial real havia alcançado. Até entre os muito ricos das gerações mais antigas e das mais novas surgiram algumas dúvidas. Uma minoria daqueles que viveram a aventura em Elysium preferiram vir para uma comunidade Tipo 2 ou Tipo 3 na Terra em vez de embarcar numa nova aventura Tipo 1 em Marte, ou talvez em Ganímedes. Mas eram poucos.

Milo Takis também falou sobre o poder de acreditar. Ele refletiu sobre a fé no valor declarado em *bitcoins* ou *dígitos* de uma pintura, uma escultura ou um livro raro. Para ele, essa crença no valor flutuante dos objetos materiais era semelhante à crença em como os fenómenos naturais eram controlados por deuses e demónios e sobre os quais práticas religiosas de exorcismo supostamente exerciam influência. Ele demonstrou, a esse respeito, o caráter enganoso das religiões implantadas nas mentes das pessoas pelos desenvolvedores de sistemas. A demanda pessoal por uma explicação era explorada por aqueles que detinham o poder, fossem eles sumos sacerdotes, místicos ou consultores bancários. O princípio era o mesmo. Eles sabiam como manipular a ignorância e os ignorantes. Como resultado, ofereciam certezas fáceis, geralmente impossíveis ou difíceis de verificar e não de hipóteses por vezes complexas mas fáceis de verificar por quem compreendia através do Conhecimento o funcionamento das coisas.

No nosso grupo de aprendizagem, alguém observou que mesmo com o fruto da criatividade havia dois caminhos possíveis. Podia-se ser criativo e descobrir como apoiar o desenvolvimento de outros, ou ser criativo e descobrir a melhor maneira de manipular outros. Colocar dinheiro numa escultura depois de ter posto na cabeça de todos uma crença religiosa no dinheiro, era certamente mais fácil do que discutir a escultura em conjunto ou pedir ajuda a quem a fez para aprender a criar as suas próprias representações de algo. Um músico do nosso grupo de aprendizagem achou isso uma bela maneira de refletir acerca do Princípio da Criatividade.

Talvez a criatividade tivesse ela também algo a ver com a autoconsciência. Antes da Refundição as pessoas eram até bastante criativos para eternizar a estrutura material na qual o espírito ou a alma residiam. Se observarmos a criatividade a partir de dessa perspectiva disse um dos facilitadores do grupo de aprendizagem talvez possamos procurar exemplos de onde a criatividade esteja presente na Rede de *Convivialis Civitas* (abreviadamente *A Rede*) para ajudar a entender o princípio do ecossistema.

O Princípio da Heterogeneidade significava para a EquivaGente de não julgar a forma como os outros pensavam. Nos grupos de aprendizagem d*a Rede* voltados para passar a Ciência e o Saber às novas gerações, o princípio visava proteger a educação do pensamento dogmático que força os outros a pensarem como nós. Isso pareceu-nos muito importante desde a Refundição. Aqueles que se sentiam mais confortáveis num mundo movido pelo dinheiro e tomavam essa decisão com base em conhecimento não seriam forçados a algo diferente contra a sua vontade. A integração numa comunidade do Tipo 1 ou do Tipo 2 era sempre possível. Aqueles que optavam por fazê-lo recebiam assistência nesse processo. No entanto, quando os Gestores de Fundações optaram por uma sociedade do Tipo 1, eles próprios não propuseram a Terra ou a Lua como destinos elegíveis. Dado o potencial em minérios em Marte e a corrida para garantir terras, este planeta tornou-se o destino preferido para muitos deles. Eles não foram dissuadidos dessa escolha. Contudo, segundo o nosso avô, já se tinha demonstrado que tal

emigração não seria fácil. Foi a razão pela qual havia voluntários na Terra para os ajudar nessa migração.

As comunidades de aprendizagem simplesmente observaram que pouca EquivaGente optava por tal sociedade depois de adquirirem conhecimento suficiente. Em última análise, atividades criativas, intelectuais e artesanais eram todas possíveis numa sociedade do Tipo 3. Uma compreensão profunda dos Princípios de Partilha e Cooperação facilitava o entendimento de que a propriedade não era necessária para desenvolver projetos e construir uma vida confortável. Mesmo assim continuava a haver atividades que envolviam assumir riscos. E havia muita gente que gostava de tomar esses riscos. Pensem nos aventureiros que apreciavam caçar meteoros e cometas usando as Bolhas Espaciais, por exemplo.

***

Retomo a caneta da minha filha. O Conselho Interpolis e o grupo de apoio ao *projeto DiSoCol* bem como os fundadores da CIA [Ver parte 12. *A Refundição do Mundo*] frequentemente iniciavam discussões relacionadas à aprendizagem. Descreviam por exemplo como antes da Refundição os governos e posteriormente os líderes fantoche de Poleis empossados por Bloomcamp transformaram o propósito da educação generosa numa instrução restritiva. Numa certa altura aprender a ler e escrever tornou-se novamente opcional, enquanto a instrução nunca questionava o credo da propriedade pessoal. O direito à não participação [Ver livros 10 e 11] que era vendido como uma espécie de ápice da democracia até Bloomcamp se mudar para Elysium era uma expressão disso.

Gradualmente os antropogogos interessaram-se pelo que teria acontecido em Marte quanto ao ensino para as crianças e jovens. Tratava-se de instrução ou de diálogo? Os jovens eram manipulados para ver a propriedade como algo natural, ou discutiam-se as três visões sociais possíveis descritas há muito? O estudo sobre desenvolvimento social foi conduzido por sociólogos ignarométricos a pedido da próprio Bloomcamp [ver livro 10. *Arrogância e Ignorância*]. Por outras palavras, só *A Rede* incluía o Princípio da Heterogeneidade no campo da educação ou não? Os biólogos alertaram para uma provável dificuldade. Era eticamente justificável em Ganímedes ou Marte discutir outras formas de comunidade em outros lugares no sistema solar? Podia a Terra ser uma opção visto que seria um lugar inabitável devido a gravidade sem longos períodos de adaptação? Talvez essa adaptação envolvesse mais de uma geração para um ser humano nascido fora da Terra. Havia uma diferença entre um eventual sonho cultural idealizado e um sonho fisicamente impossível. Nesse caso a utopia da Terra era literalmente um sonho impossível, um *Não-lugar.*

Na Terra, havia a questão dos nomes a ocupar os grupos de RecIn, os a trabalhar com o projeto DiSoCol e vários comités *ad hoc*. A escolha de nomes certamente teve um significado histórico. Até que ponto isso representou um assunto a merecer atenção no conjunto de princípios que *A Rede* procurava defender?
Após o Inverno Vulcânico os nomes antigos tornaram-se pouco úteis em termos de interpretação por diversos motivos. Na Terra, a EquivaGente já não se sentia europeia, africana, asiática, americana ou da Oceania. Após a Refundição, ninguém

sentia-se cidadão de um Estado ou de uma MegaPolis. Alguns continentes apresentaram hoje formas ligeiramente diferentes como resultado de desastres naturais antes e durante o Inverno Vulcânico. Muita EquivaGente simplesmente usava cinco números de zona, de 1 a 5. Os números estavam ordenados segundo a hipótese que continuava a ser a mais aceita relativamente a dispersão de Homo Sapiens pelo globo. Mas, assim como aconteceu com os hubs sem nome, havia quem não gostava muito. Um Grupo de Trabalho de Nomes abordou a questão. Durante os primeiros anos da Refundição, às vezes até mesmo já antes da Refundição, as pessoas estavam ansiosas para encontrar nomes originais. A palavra *original* não tinha tanto o significado de *no início*, ou o que veio primeiro, mas mais de *criativo*. Afinal, o que significava *no início* quando todas as línguas só muito tarde adquiriram a sua forma escrita? Será que os primeiros habitantes da Terra tinham sequer uma noção completa do planeta? Portanto, não se tratava propriamente de pesquisa científica sobre a origem dos nomes, mas sim de distinguir um longo período de agressão como consequência do conceito cultural de posse.

O antigo continente africano e agora Zona 1, acabou por receber o nome de Alkebu-lan, com ou sem hífen. Talvez o tracinho tenha sido adotado por alguém que gostava de por linhas e traços nos mapas. A palavra — com ou sem tracinho — significaria algo como o *mãe da humanidade*. Era um tanto difícil acreditar que alguém usasse esse termo antes da humanidade deixar a Zona 1 como diziam alguns. Se a fonte ou a origem da humanidade estivesse implícito na palavra, então

essa palavra provavelmente era bem mais recente. Poderia claro referir-se Rio Nilo. Mas também *Afri* seria uma raíz indo-europeia para a palavra África... Ora, muitas das rotas migratórias do que era chamado de Eurasia Ocidental e Central em direção a *Paraíso dos Livros* tinham passado por aquele rio. Alkebulan era simplesmente uma palavra bonita para diferenciar do passado. Talvez o significado simbólico fosse apenas 'voltar à estaca zero'. A palavra soava bem aos ouvidos de muitos e talvez tenha sido usada anteriormente por europeus excêntricos, mesmo antes de alguns africanos. Certamente era difícil e discutível buscar a palavra virgem convincente em línguas originalmente orais e não escritas. Talvez a palavra virgem tenha permanecido na floresta virgem para sempre.

Depois, havia a Zona 2. Para o período que antecedeu os totalitários hectanos 120 e 121 e a Refundição, o Grupo de Nomes tomou as costas orientais do Mediterrâneo como o seu centro. Foi lá que surgiram as antigas línguas semíticas e fenícias. O próprio continente foi formado pela tectónica de placas continentais muito antes de existirem humanos e línguas na Terra. Mas, visto do ponto de onde essas línguas referidas se desenvolveram, o sol se punha na terra do anoitecer. Para anoitecer a palavra primordial teria sido *Ereb* ou talvez *Erebu*, então o grupo sugeriu *Erebúm* em tom de brincadeira. Um continente com tanta arrogante nobreza agressiva ao longo de toda a sua história merecia a onomatopeia explosiva *bum*!

Os habitantes desse continente foram posteriormente profundamente influenciados pela língua e pelos mitos da antiga civilização grega. Ao longo da história, guerreiros do sexo

masculino podem ter sido atraídos pela lenda do deus supremo grego que raptou e seduziu a princesa fenícia Europa, dando posteriormente o seu nome ao mundo ocidental. Mas Europa também pode ser uma corruptela de Érebo.

Para a parte oriental, anteriormente conhecida como Ásia, o grupo propôs o nome *Waçúm*, derivado da antiga palavra acádia *(w)ast*, que significa algo como nascer do sol. Acredita-se também que a corruptela dando origem a palavra Ásia tenha-se originado na língua grega. Até pouco antes da Refundição, dois continentes receberam nomes derivados da língua dos mitos daqueles que se consideravam civilizados e poderosos.

Nos tempos recentes, a Zona 3 era conhecida pelo nome dado pelos colonizadores europeus. Os cartógrafos também eles europeus designaram a nova área com o primeiro nome de um de seus navegadores: Américo Vespúcio, ou Americus em latim.

O Grupo de Nomes encontrou informações sobre Takir Mamani, um líder do povo Aymara, original da parte tropical sul deste continente e do no final do hectano 119. Ele propôs a palavra Kuna *Abya Yala* para uma grande parte desse continente. A palavra provém da língua falada na parte tropical norte do continente e significava algo como 'Terra em plena floração'. A parte norte da zona 3 ou Abya Yala era tradicionalmente habitada por grupos nómadas que consideravam a terra como de uso e não de posse. Talvez por essa razão, fosse menos importante para eles designar regiões com nomes próprios. Eles preferiam fornecer uma descrição topográfica para aqueles que se deslocavam. No entanto, parte da área já havia sido nomeada por outros europeus quase meio milénio antes de Americo. Nos

seus relatos, eles se referiam-se à terra com o nome de *Vineland* que supostamente significava 'terra do vinho'. O Grupo de Trabalho de Nomes propôs a adoção desse nome, já que não conseguiu na época encontrar uma designação de origem não europeia. Havia pouca dúvida para a parte sul daquele continente. A palavra surgiu da língua asteca. *Anahuac* significava 'Terra banhada por Água'. Culturopolis ficava relativamente perto do maior dos três oceanos pelos quais a linha VSA navegava de leste a oeste. A palavra Anahuac rapidamente se tornou uma escolha popular. Mesmo antes da Refundição, alguns Estadistas já tinham tentado renomear pelo menos a parte daquele continente com a mesma palavra.

A Zona 4 abrangia o que antes era a Oceania e consistia principalmente de água oceânica. Muitas das ilhas menores deste vasto continente estavam agora desabitadas, depois de algumas terem sido inicialmente submersas por tempestades e inundações e, posteriormente, afetadas pelo Inverno Vulcânico. Na maior ilha, apenas as áreas mais ao norte eram permanentemente habitadas por comunidades Bregmanianas e da Rede. As primeiras ainda usam, por vezes o antigo nome Austrália. Na maioria das vezes fala-se só de Zona 4. As Comunidades do Tipo 3 agrupam principalmente descendentes de quem usava a terra, mas não a possuía. O Grupo de Trabalho de Nomes propôs a manutenção do nome Oceania, uma corruptela do greco-europeu Okeanos. A Zona 5 permaneceu desabitada e manteve o nome Antártica.

Naquele ano o Conselho Interpolis divulgou a proposta do grupo de trabalho. Em muita *Convivialis Civitas* os números e os

nomes das zonas passaram a ser usados indistintamente. Usar números era mais fácil e tendia a sugerir menos um tipo de direito de propriedade ancestral através do uso de uma palavra de um idioma específico, mesmo que *A Rede* presumisse que possuir terras fosse um conceito sem sentido. Mas, para quem nos lê ou já leu, os nomes podem ter um significado diferente dos números. Portanto usamos frequentemente os nomes na nossa saga. A partir do livro 10 *Arrogância e ignorância* usamos os nomes pós-Refundição para ajudar leitores do hectano 122 a localizar lugares. Muitas das pessoas que viviam nos períodos relatados usavam naturalmente os nomes pré-Megapoleis nas suas próprias conversas talvez com algumas exceções para Anahuac e Alkebulan.

Em Bibliopolis, os nomes eram um pouco menos utilizados do que os números das zonas. Nos grupos de estudo, os nomes eram discutidos quando se debatia a apropriação cultural da terra. Portanto, o grupo de co-autores decidiu indicar as equivalências no livro 0, *Pequeno guia para os distraídos*. Existem também tabelas para localizar cidades anteriores e comparar medidas de distância.

Faz parte do projeto *DiSoCol* — será que todos ainda se lembram que se trata de um *projeto dinâmico social coletivo*? — que até os nomes das coisas mudam. As gerações sucedem-se dinamicamente e não estaticamente. Se não quisermos cair numa ditadura totalitária como algumas que já vivenciamos no planeta Terra, mudamos as coisas, as vezes o nome das coisas. Nada é perfeito e não tem que ser. Não porque só Deus seja perfeito mas porque todo o pensamento humano se baseia em

hipóteses. Hoje, a EquivaGente vive numa cultura onde é normal aceitar a refutação, a falsificação científica de hipóteses e de rejeitar a dogmatização de uma entre elas. Mas continuamos cautelosos especialmente quanto a adaptações do nosso modelo de coexistência. Repetimo-lo com frequência: pluralismo não tem nada a ver com a decisão da maioria. Pluralismo é diálogo. Talvez o único consenso que adaptámos foi de estar sempre disponíveis para dialogar. Nesse sentido, todos os projetos são possíveis, desde que não silenciem os outros. Algumas pessoas podem estar insatisfeitas com um projeto adotado e expressar isso. Só tentamos que nenhum projeto seja prejudicial ao planeta; isso é inerente ao Princípio do Ecossistema. Talvez exista até uma espécie de consenso hoje em dia sobre projetos destrutivos. O Inverno Vulcânico e a Refundição são discutidos não para comemorar períodos históricos mas para fornecer às gerações futuras uma estrutura dentro da qual elas possam evoluir e avaliar riscos.

Os nomes das coisas não mudam por imposição, mas sim porque grupos de EquivaGente usam e adaptam nomes. Há aqueles que se apegam a abril e maio, aqueles que falam dos meses 1 e 2, e aqueles que estão acostumados a usar Phromehns e Dwiterómehns. A transição do sol no equinócio era considerada de significado mais geral do que a aparente inversão do sol no Trópico de Câncer. Ao longo das conversas durante a Refundição pareceu mais lógico voltar a iniciar o novo ano naquele momento. Foi um indício de uma ruptura cultural. Mas não totalmente. Esse momento de início de ano ocorria quando os movimentos do sol e da Terra sinalizavam o início da primavera acima do equador, e

não abaixo dele. Para a natureza isso não é um problema. Para a cultura é. É por isso que, quarenta anos depois, ainda existe um grupo de trabalho questionando em que altura a repetição da contagem de 365 revoluções da Terra em torno do seu eixo deveria começar. Quando se inicia a primavera no sul do equador? Quando se inicia a primavera no norte? Uma contagem dupla? Por que não?

Aparentemente jogos filológicos de palavras eram mais fáceis do que definir um ponto inicial para um ano. Embora... talvez a EquivaGente do período de Refundição não tenha achado que isso justificasse uma discussão na época e que fosse simplesmente divertido inventar novas palavras. No fim das contas abril foi equiparado a Phromehns, não a Swekstomehns. Ficou o ímpeto inicial. Será que abril poderia eventualmente receber um nome duplo e ser chamado de Phro-phro ou Swekstо-phro, dependendo da preferência da EquivaGente de uma Civitas? Essa era uma proposta viável? Era uma proposta útil? Essa dupla contagem, de Phro-phro para Phro-swekstо ou de Swekstо-phro para Swekstо-swekstо, ajudaria a discussão e a sociedade convivial? Se sim, por que não tentar? Se não, por que não considerar outra coisa?

Refletir sobre as coisas é um processo lento. Mas o meu sogro sempre dizia: sem dinheiro, temos tempo. Talvez parte da nossa benevolência viesse do fato de não sermos mais obrigados a tomar decisões culturais rápidas. Talvez as adaptações culturais estão a retomar parcialmente o ritmo lento das adaptações biológicas.

Entre parênteses. Palavras novas ou palavras antigas? Segundo

filólogos, os nomes de *Phro* até *Dekmo* para os números de um até dez lembram raízes de palavras antigas, pelo menos em toda a Eurasia. Temos tempo também para continuar a brincar com as palavras…

***

Pouco antes do meu décimo segundo aniversário, tivemos um a visita de alguém que me marcou profundamente. Ele tornou-se uma espécie de terceiro avô. Costumava chamar-me 'pequena Libertina'. Os meus próprios avós não o podiam dizer sem me ver sair furiosa pela porta fora. Sentia-me velha demais para diminutivos, mas quando ele o dizia soava bem. Falo de Delun Huáng, é claro. No seu sexagésimo quinto aniversário tomou uma grande decisão. A sua companheira tinha falecido há quase dois anos. Os seus pais já não eram vivos e filhos e netos não estavam em Arqueopolis onde ele morava. Nem estavam em Bibliopolis, aliás. Ele sempre interessou-se pela aprendizagem dialogada e antigamente trocava frequentemente ideias com Emmy Lehrman. Foi co-autor com a minha avó e a minha mãe de artigos para a revista neo-ignarysis relacionados a grupos de aprendizagem, projetos de aprendizagem infantil e formas de os guiar. Tinha entrado em contacto com Emmy e a minha avó pouco depois de Anui e Taiana Southpath partirem para o que na época se chamava *CC Paradisus*.

Delun anunciou querer conhecer pessoalmente a família Auctor-Liber. Também queria inteirar-se dos achados da Biblioteca Paulo Demeester e procurar informações sobre os primórdios da Pedagogia Institucional que mais tarde deu origem à Antropogogia Institucional.

Houve logo três sítios onde podia ficar, quando chegou a Bibliopolis. Queria procurar um espaço pequeno para morar. Escolheu ficar connosco durante algum tempo enquanto procurou um lugar mais definitivo.

Pouco depois de chegar conheceu Umut Aydin pessoalmente no local onde o meu avô e o meu pai normalmente trabalhavam na Biblioteca Central. Umut e Delun também já tinham escrito diversos artigos em conjunto sobre a percepção do mito e o poder que este exercia sobre quem só tinha tido um breve processo de aprendizagem.

Umut estava por seu lado profundamente interessada em analisar a mentalidade daqueles que detinham o poder antes da ascensão das Megapoleis. Ela procurou as relações entre o mito, o poder tradicional derivado da reivindicação de posses e conhecimento e a maneira como Bloomcamp começou a pôr tais líderes ao seu serviço. Ela utilizava uma abordagem ignarométrica-fenomenológica para as suas investigações.

Delun estava principalmente interessado no processo de aprendizagem dialogado em si. Por isso ela sugeriu que ele fizesse algumas pesquisas na história da educação e da aprendizagem. Provaria-se de grande significado para a saga mais tarde. Nalguns documentos de arquivo proveniente de Megabelgium descobriram a figura de Cláudio Cardinalis. Babitha Chakma guiou-os quando soube do interesse deles pela aprendizagem dialogada ao longo da história. Babitha ficou interessada em continuar esta investigação com Delun quando percebeu como Cláudio assumiu uma postura cada vez mais crítica em relação a grandes sistemas e instituições como a Igreja. Isso ocorreu numa

época durante a qual a Inquisição se opunha regularmente à ciência experimental nascente. Os que detinham o poder viam como esse tipo de ciência baseada na observação rapidamente desafiava mitos e dogmas. Consideravam-na uma ameaça ao poder que exerciam.
Depois de se conhecer pessoalmente Umut e Delun descobriram dar-se muito bem entre eles. Umut era viúva há algum tempo. A casa onde morava tinha dois quartos vagos. Ela sugeriu Delun de se mudar para lá. Ela tinha menos um ano que Delun e brincou ser conveniente poderem cuidar um do outro caso algum problema de saúde relacionado à idade os incomodasse. Com alguma ajuda conseguiram transformar os dois quartos num pequeno apartamento estúdio. Delun aceitou de bom grado e trocou a sua estadia temporária em casa de Alberto e Maria para ir viver permanentemente em casa da Umut.

Delun perguntou Umut qual era a razão de se interessar por mitos antigos. Ela riu e explicou que os mitos não eram exclusivos da antiguidade. A formação de mitos podia acontecer em qualquer época, até mesmo hoje. Ela acreditava que tudo tinha a ver com a adoção de informações não verificadas ou com o disfarce da própria ignorância sobre algo. Procurando uma explicação para um determinado fenómeno, uma pessoa não informada era mais suscetível àquilo que lhe parecia mais atraente como explicação. E a atração podia simplesmente decorrer da natureza mais espetacular da tal explicação.
A Refundição pareceu não ter influenciado o facto de muitas pessoas gostar contar histórias de arrepiar em certas circunstâncias. No entanto nos tempos modernos pouco antes

da Refundição, muitos escritores e influenciadores faziam-no conscientemente. Umut citou o livro O *Mito da Singularidade* de Jean Gabriel Ganascia. O autor fala do ignorante e exagerado medo da inteligência eletrónica (IE) que muitas pessoas designam como Inteligência Artificial ou IA. Sugeriu-se frequentemente naquela época que robôs e máquinas assumiriam completamente as ações humanas porque por meio da auto-aprendizagem tornar-se-iam capazes de pensar por si mesmos. No início do hectano 120 Ganascia explicava que a capacidade de fazer com que um algoritmo controlado eletronicamente melhorasse determinadas ações repetidas com base em observações feitas por sensores foi confundida com a muito superior biológica capacidade de estabelecer conexões em algo como um cérebro humano.

O que surpreendeu Umut em particular foi Ganascia mostrar como incontestáveis génios nos seus respectivos campos de trabalho promoviam por vezes informações incorretas ou parcialmente incorretas acerca assuntos fora do seu campo de ação. Isso podia levar a falsas ideias e até quebrar a relação de confiança com a ciência. Ele próprio citou o exemplo de figuras proeminentes do mundo da física da sua época que alertavam para desenvolvimentos perigosos sem dar informações precisas. Alguém que confiasse num matemático ou físico renomado na sua área e, em seguida, visse o mesmo a opinar acerca de outra coisa, podia dar mais peso às informações desse profissional por ele conhecido do que às de cientistas que não conhecia, mesmo se esses cientistas, esses sim, soubessem do que estavam a falar. Informações incorretas ou vagas provenientes de figuras

conhecidas podiam então alimentar a criação de mitos. Se uma história falsa ou incompleta disseminada por influenciadores em quem se confiava fosse repetida com frequência suficiente, outros rapidamente a aceitariam como sendo verdade.

Pior ainda. Umut contou a Delun que no mundo movido pelo dinheiro tinha encontrado evidências de como cientistas, ou Sabedores como os Bloomcampers os chamavam, espalhavam tais mitos de forma deliberada. Geralmente, o motivo subjacente era obter fundos para investigação. Felizmente também havia muitos Sabedores que corrigiam os seus dizeres ao perceber ter contribuído involuntariamente para afirmações não verificadas feita por um colega.

Mas o assunto continuava relevante. Que histórias contavam hoje certas comunidades sobre *A Rede*? Que histórias estavam a ser disseminadas sem sabermos? Ela sugeriu conversar com Dusan e Lupe sobre a viagem deles à volta do mundo e sobre os meses que passaram numa Comunidade Tipo 2.

Segundo os grupos cuidando do Projeto *DiSoCol* essa fora uma boa razão para com alguma cautela elaborar contatos com os colonos em Marte e Ganímedes, incluindo com os antigos *Elysianos* e os seus descendentes. A maioria da EquivaGente presumia que pouco ou nenhum contato com tais comunidades contribuiria para a criação de mitos sobre a população da Terra.

***

Vou retomar a narrativa. Em 121.94 HE Alberto estava presente no aniversário da nossa filha Liberty. Participou de bom grado na festa de anos! Limitou-se até a abordar só uma vez as escavações em Megalissipo. O meu sogro não era tão contido.

Discursou sem fim sobre o legado de Paulo Demeester já registrado em Bibliopolis e sobre o que ele sabia da vida e obra de Greta Campos.

Como provavelmente acontece com muitos avós e avôs, o meu sogro gostava da companhia das netas. Embora Alberto não tivesse ido a Megalissipo naquele ano, mais caixas e arcas chegaram pela VSA à Biblioteca Central pouco depois do solstício do Trópico de Câncer. Entre elas havia caixas com documentos da cave da antiga Casa Biblioteca.

Lev perguntou às netas se queriam ajudar a desembalar os livros. Catherine tinha na época quinze anos e mostrou-se bastante interessada. Liberty preferia passar o tempo com os primos gémeos e com as gémeas de Dusan e Lupe. Os cinco passavam parte do tempo a ver filmes na Biblioteca Multimédia. Visitaram algumas vezes o bairro Dario Fó. Muitos artistas ligados à música, à dança e ao teatro moravam lá. Eles adoravam assistir a representações feitas para o público adolescente. Às vezes Liberty acompanhava Nadia e Nídia para frequentar oficinas. Ela aprendeu a tocar guitarra bastante bem e ocasionalmente fazia um pouco de teatro.

Catherine apreciava mais a paz e o silêncio do espaço onde examinava documentos com o avô. Lev deu-lhe um catálogo eletrónico que encontrara no ano anterior. Esse catálogo, ainda compilado por Greta Campos fornecia uma visão geral bastante detalhada da Biblioteca de Paulo. Nem todos os livros e documentos estavam no esconderijo. Muitos foram destruídos. No entanto, existiam cópias eletrónicas ou impressas de alguns títulos na Biblioteca Central. Algumas foram trazidas pelos

Livros Vagantes enquanto outras foram descobertas em outros pequenos esconderijos criados por antigos membros da GNet-Z. Contudo tinha se perdido uma quantidade considerável de anotações nas margens feito por Paulo.

Com a revisão de textos da Casa Biblioteca, Catherine desenvolveu um domínio bastante bom do inglês e do ibérico de há 200 anos. Ela também se desenrascava no francês da época. Lia muito bem árabe clássico e era bastante hábil em decifrar textos mais simples vindo de Erebúm Oriental e de Waçúm Central escritos com o alfabeto cirílico. Tinha-se encontrado algumas vezes com o Delun desde que se mudara para a casa de Umut. Ele mostrou-lhe como encontrar palavras-chave em documentos de Waçúm tanto quando escritos com caracteres originais ou reescritos com caracteres latinos.

A própria Greta tinha uma caligrafia fácil de ler e usava principalmente o inglês para expressar seus pensamentos. Um dos cadernos de Greta era muito esclarecedor. Catherine ficou bastante entusiasmada. Nesse caderno, Greta explicava como seu avô parecia fazer ligações entre os livros. Copiámos grande parte dessa informação para o catálogo digital do espaço de trabalho. Pode-se assim ainda hoje encontrar, como se diz na família, a qual dos 'conjuntos de Paulo' pertence segundo op próprio determinado livro [Ver Livro 1. *Imprimatur*]. Ele interligava livros em parte por diversão, usando uma espécie de base de dados relacional para onde também copiava trechos do que lia. A mesmo base de dados irá ser referido novamente mais a frente. Alguns amigos de Liberty eram verdadeiros entusiastas da arqueologia computacional. Eles vasculharam catálogos da

Biblioteca Central e antigos cartões de memória para encontrar essa base de dados e investigar como funcionava.

***

Naquele ano o nosso avô examinou alguns cadernos de Joana e Catherine Demeester. Todos os cadernos que elas escreveram estavam cuidadosamente catalogados. Ele falava muito delas. Ficou cada vez mais claro como Joana reflectia com Paulo, Hypolite D'Ailleurs e o cunhado Alberto acerca da aprendizagem e da comunicação com crianças. Ela também aparentemente desenterrou o diagrama do seu avô John sobre ignorância e arrogância [Ver livro 9. *A Era dos Aprendentes*]. As anotações de Catherine focavam principalmente as conversas com Hypolite e com o seu amigo Steven Bird. Por vezes, discutiam a evolução observada por John Demeester que passou a utilizar cada vez mais o termo 'antropogogia institucional' para se referir à pedagogia institucional para adultos [Ver Livro 8. *A Massa Mediocre*]. O nosso avô também compreendeu rapidamente por que as irmãs Demeester foram creditadas como precursoras da Análise Ignarométrica. Foi muito por causa dos investigadores da GNet-Z que idealizaram o que se ia tornar *A Rede* na Refundição. As irmãs lançaram Ignarysis que se tornou uma excelente testemunha de todo o trabalho realizado.

O nosso avô discutia regularmente as suas leituras com Catherine. Ele entusiasmava-se com as semelhanças que via entre a aprendizagem dialogada e os princípios orientadores do trabalho com grupos de aprendizagem de crianças e comunidades de aprendizagem com adultos e com a natureza instituinte da Antropogogia Institucional.

A minha irmã sugeriu de começar a pensar num nome para o espaço de trabalho. '*Espaço Joana e Catherine Demeester*' não seria uma má ideia, pensava. Era hoje claro que o nosso pai e o nosso avô estavam a reunir sobretudo tudo de e sobre quem iniciou a Fenomenologia Ignarométrica nas Humanidades. Como a ideia partiu da sua neta, o avô Lev adorou. Ele colocou o nome em discussão numa assembleia geral de moradores da Bibliopolis. Os Bibliohabitantes concordaram rapidamente. Sugeriram por sua vez usar Espaço JCD ou EJCD como abreviação. Perguntou-se ao avô se queria ser o curador. Ele achou que aos sessenta e seis anos era velho demais. Pediu ao filho para coordenar o espaço. Este concordou. Desde que podia passar o tempo a ler e organizar tudo o que era enviado de Megalissipo e de alguns outros sítios arqueológicos em Erebúm e Waçúm, ele estava feliz. Naquela época, caixas de livros chegavam à Bibliopolis todos os dias. EquivaGente de Bibliopolis e arredores vinha trabalhar regularmente naquela grande Biblioteca Central.

***

A minha irmã tem razão quando diz que a Biblioteca Central de Bibliopolis se tinha tornado um local frequentemente visitado por EquivaGente de várias Polisses.

No entanto uma grande quantidade de material foi rapidamente disseminada eletronicamente com o objetivo de tornar tudo universalmente disponível. *A Rede* teve um efeito muito estimulante sobre a biblioteca de Bibliopolis e outros repositórios em outros locais de resguarda que cresceram bastante devido às circunstâncias do último hectano antes do

Inverno Vulcânico.

Muita EquivaGente, incluindo Emmy Lehrman, reconheceu a tempo a importância de publicar livros infantis em papel [Ver livro 12, *A Refundição do mundo*]. O projecto de reimpressão de livros levou a reflexões dentro d*a Rede* sobre como desenvolver ainda mais as bibliotecas. Todos concordaram que não era necessário ter um exemplar impresso de cada livro infantil em cada Polis. Isso facilmente significaria 300.000 exemplares por livro, se cada biblioteca quisesse uma dezena exemplares. Isso não era ecologicamente sustentável e não era estritamente necessário para os grupos de estudo. Em algumas Polisses era útil ter mais de dez exemplares de um determinado livro; em outras, não. No entanto, cada Polis sempre teve acesso ilimitado a todas as versões eletrónicas. Uma vez disponível a matriz para o livro impresso, um exemplar podia ser facilmente impresso a pedido. A autonomia sobre o número total de exemplares impressos fazia parte de cada projeto de impressão. A forma como esses exemplares eram distribuídos dependia simplesmente da demanda por uma determinada obra. Curiosamente influenciou também a discussão sobre o uso coletivo de livros por crianças. O empréstimo de livros em papel foi incluído no Princípio da Partilha. Mas algumas coisas precisavam de ser tomadas em consideração. Certos grupos de aprendizagem de crianças podiam ter acesso permanente a determinados livros da Biblioteca Central da respectiva Polis? Como partilhavam os grupos de aprendizagem as informações entre si? Quando utilizavam livros impressos e quando utilizavam livros eletrónicos de acesso universal? Como tornar

histórias criadas por crianças universalmente acessíveis? Em que idiomas?

Gradualmente, as pessoas também começaram a considerar a reimpressão de livros para adultos que já não existiam em papel. Além disso, havia os criativos que escreviam novas histórias. Divulgá-las nunca era difícil; publicá-las gerava conversas. Publicar em papel tornou-se novamente uma atividade. Qualquer pessoa interessada submetia uma proposta e recebia um certo grau de autonomia na distribuição. O Princípio do Ecossistema desempenhou um papel (!) fundamental nisso. Isso não estava relacionado apenas à sustentabilidade, mas também à necessidade percebida de oferecer um determinado livro impresso. Aparentemente, era um facto cultural que muita EquivaGente gostava folhar e virar as páginas. Talvez até como resultado da manipulação de livros infantis nos grupos de aprendizagem.

A edição cruzava portanto o Princípio da Partilha com o Princípio do Ecossistema e até mesmo com o Princípio da Empatia. Dispositivos para acesso eletrónico à informação podiam ser encontrados em quase todos os lugares: nas Bibliotecas Centrais, é claro, mas também na maioria dos hubs com realidade aumentada.

Em todas as Polisses era possível usar certas ferramentas pelo tempo que se desejasse assim como se usava uma casa o tempo que quiser sem possuí-la pessoalmente. O uso de bicicletas, VTE, de dispositivos de leitura e pesquisa seguiu o mesmo princípio básico. Hoje, em muitas Polisses, qualquer casa tem pelo menos um dispositivo de visualização e pesquisa integrado, assim como

há muito todas as casas são equipadas com utensílios de cozinha e talheres.

Em quase todo o planeta, o desejo de ganhar dinheiro foi substituído pelo desejo de fazer coisas. O simples facto de o dinheiro ter desaparecido significava que todo o Saber e todo conhecimento especializado estava acessível a qualquer pessoa interessada.

Manter um currículo não tinha hoje em dia nada a ver com procurar emprego. Uma conversa de rua, sobre um evento, uma descoberta ou uma notícia, identificava imediatamente quem falava. Todos eram incentivados a manter uma espécie de biografia pública. Isso permitia que seja quem for se podia formar uma imagem da pessoa com quem estavam a falar. Como ninguém tinha nada a ganhar em dar informações falsas ninguém mais inventava coisas sobre si mesmo. Por que é que alguém se apresentaria como cirurgião se não soubesse fazer uma operação? Simplesmente não fazia sentido. A própria ideia de co-autoria na maioria das atividades tornou-se banal e natural. Com o desaparecimento dos incentivos monetários, a tentação de disputar a autoria também desapareceu.

A partir daí, avaliar informações e habilidades entre pares tornou-se algo que simplesmente era giro de fazer. Ser igual entre pares numa determinada área do conhecimento significava demonstrar a capacidade de discutir ou aplicar o tópico ou a habilidade em profundidade porque se havia formado extensivamente acerca do assunto ou da actividade. E, mais uma vez, por que é que alguém participaria em algo que não lhe interessasse? É por isso que essa abordagem também

reforçou o Princípio da Empatia. As pessoas estudavam que gostavam de saber e faziam que gostavam de fazer. Se for o caso estavam disponível para outros. Não tinha nada a ver com possuir, enriquecer ou se tornar mais poderoso do que os outros. As profissões não desapareceram, os cargos sim. Que comunidade de aprendizagem ou grupo de trabalho ainda precisava de um diretor executivo, de um CEO com mais poder do que o resto do grupo?

Alguns grupos de trabalho têm quem coordena, quem ouve e quem ajuda a dar a direção, como disse a mãe do avô Lev [Ver livro 12 *Reconstruindo o Mundo*]. Crianças e adultos ajudaram-se mutuamente a desenvolver as suas próprias interpretações dos princípios e a actualizá-las para o projeto *DiSoCol*. Foi certamente útil no geral. E não foi apenas trabalho de antropogogos. Qualquer pessoa que refletisse sobre a evolução das comunidades e das sociedades conseguia dar contribuições valiosas. Talvez seja por isso que aqueles que demonstraram interesse em direito e práticas jurídicas antes da Refundição encontraram e desenvolveram novas atividades em torno da consulta após a Refundição. Consultas não se referiam mais a direitos de propriedade mas sim à elaboração de formas de relacionamento. E isso imediatamente tornou a atividade muito mais envolvente. Tratava-se de seres auto-conscientes e de como eles se comunicam uns com os outros.

Já o mencionamos brevemente. A forma como as pessoas viajavam mudou drasticamente desde a Refundição. Viajar com o objetivo de acumular mais riqueza deixou de ter significado. Viajar deixou de ter a ver com velocidade, com economizar

tempo e com ganhos financeiros. Ganhar tempo durante a viagem era só biologicamente importante no caso das viagens espaciais. Num contexto científico era portanto útil o uso de Bolhas Espaciais, da propulsão TWIST, do número de Rovelli-Mestre e talvez um dia da propulsão WARP [ver livros 10, 11 e 12] ou de uma alternativa [Ver fim deste livro].

O fim do consumismo alterou o teor da generalidade das viagens. Ninguém precisava de viagens de lazer, de sonho, para escapar do entorpecer da rotina do trabalho remunerado. Ninguém ganhava dinheiro a vender viagens. Viajar passou a ser significativo para um projeto pessoal ou de grupo.

Desde o Inverno Vulcânico as viagens não custavam dinheiro para quem se deslocava, tanto para os viajantes das comunidades de Tipo 2 como as de Tipo 3, na Terra e a partir da Terra. Algumas viagens continuavam a exigir uma reserva, mas apenas por uma questão de eficiência. E recomendava-se um exame médico para viagens espaciais. Dado o número limitado de vagas disponíveis em naves espaciais, essas viagens geralmente ocorriam no âmbito de projetos de grupo sobre os quais o Conselho Interpolis divulgava informações e reunia opiniões.

Conversa nos jardins, nas cozinhas e no parque.

Agrupamos os cinco anos seguintes sob esse título porque queremos principalmente falar de aspectos que talvez mais tenham inspirado um de nós as três não só de encontrar a coragem para iniciar a própria escrita, mas também de envolver vários amigos e várias amigas nesse processo. Um de nós. A

mãe, para ser mais precisa. Segundo o pai, foi o plano mais maluco que ela jamais teve. Segundo a mãe, foi o pai a sussurrar-lhe a ideia no ouvido.
Eles discutiram sobre isso até o fim da escrita da saga. O pai resmungava mais, como de costume. Nunca admitiram de si próprio terem tido a ideia. Porém admitiram os dois que graças à saga tiveram alguns maravilhosos anos repletos de conversas, pesquisas e escrita. E como a própria mãe disse [ver Livro 00 *Pequeno guia para distraídos*], o coletivo atribuiu-lhe o trabalho de correção quando a escrita de grupo terminou.
Porém, na prática parece que nós as três ainda estamos a trabalhar na edição final de algo que por assim dizer nunca será concluído. Às vezes, ainda sentimo-nos responsáveis por este projecto que juntou fragmentos da nossa história familiar à toda a história da ignarometria e a aspectos da história da educação.

O meu avô contou-me algo que gostaria de incluir aqui. Poucas semanas depois de Delun se ter mudado para a Umut, ele encontrou-a no parque a caminho da Biblioteca Central. Naquele dia expressou novamente a sua curiosidade sobre o interesse dela por dogmas e mitos e as demonstrações de poder a eles associadas. Ela contou-lhe que tinha perto de vinte anos quando se integrou numa comunidade de aprendizagem, depois de vagar por bastante tempo com os seus pais e a família da irmã da sua mãe. Eles viveram por um tempo perto da Grande Barragem do Nilo num acampamento improvisado habitado principalmente por vagantes que devido às condições de pobreza emigraram de várias Megapoleis no leste de Erebúm. Na Megapolis onde nasceu ela só teve aulas online para

aprender a ler e escrever. Eles chegaram em *CC Paradisus* como então era chamada Bibliopolis cerca de dois anos depois do avô e da avó voltaram da lua. Por acaso arranjaram uma casa no bairro dos historiadores e ela rapidamente leu todas as informações disponíveis nos hubs Paul Ricœur e Patou-Mathis dos CUA. As informações de realidade aumentada referiam *Göbekli Tepe*. Apercebeu-se que esse sítio arqueológico ficava perto da Megapolis onde nasceu.

Contou como abordou a comunidade de aprendizagem com a pergunta de quem mais estava interessado na história daquele monumento. O projeto resultante aprofundou o seu interesse acerca de alguns aspectos de mitos e dogmas. Alguns afirmavam que o assentamento a volta do monumento era anterior ao Ano 0 do calendário Holoceno. Outros situavam o monumento como uma espécie de referência para definir o Ano 0. Outros ainda localizavam *Göbekli Tepe* com precisão no quinto hectano HE. Havia de facto datas conflitantes abrangendo de muitos hectanos. Uma possível explicação podia residir na gradual mudança de práticas xamanistas para uma crença de que o templo era uma espécie de morada dos deuses quando estes visitavam a Terra. Como o avô mostrou cada vez mais interesse, ela prometeu-lhe algumas referências [Ver livro 1. *Imprimatur*].
Então ele confidenciou ter uma razão também mais pessoal para este crescente interesse no que Umut contava. Ele próprio descendia da família Demeester pelo lado materno, disso tínhamos a certeza. Mas graças ao seu avô paternal Sergei, ele sabia que a família iniciou há muito tempo uma jornada com um grupo de geólogos e sismólogos com a intenção de chegar

ao Paraíso dos Livros acompanhado da família da avó Sana e a mãe do seu avô. A maioria morreu durante a viagem, vítima de um tsunami. Aliás a avó Sana perdeu todos os seus parentes conhecidos neste naufrago. E agora o avô acabou de ouvir que a família Umut era originária da mesma região de onde era a sua bisavó. Ele lembrava-se de como o seu avô às vezes falava de *Göbekli.* A história que ele mais tinha ouvido foi como num determinado momento o seu pai Ivan retido nas montanhas que tinham então o nome de Dardanelos chegou a considerar mudar-se para o leste, possivelmente para perto de *Göbekli* para ai encontrar um grupo ao qual se juntar, em vez de continuar rumo ao *Paraíso*, uma jornada muito mais longa do que os cerca de 1.600 km que os separavam do local de nascimento da mãe do avô de Sergei. Contudo acabaram por viajar Nilo acima para Paraíso. Tudo considerado foi uma escolha mais prudente, como se vinha a ver posteriormente. Já sabiam para onde iam enquanto seguir para o leste teria sido a catástrofe na altura do Inverno Vulcânico.

***

Ao sair da Biblioteca Central naquela tarde, Alberto dirigiu-se para o hub de Biblioteca Norte. A nossa casa ficava lá perto. Na maior parte dos dias costumava caminhar a curta distância até o hub Biblioteca Oeste para apanhar o *Spider* dos CUA [Ver livro 1. *Imprimatur*] até Biblioteca Norte. Mas estava bom tempo e ele considerou caminhar para casa a pé.

Enquanto ainda estava a decidir o que fazer, Babitha Chakma passou pelas portas giratórias. Ela ia para o hub Biblioteca Oeste onde ia apanhar o Spider até Hypatia e em seguida mudar para

o Anel Vertical até Patou-Mathis. Ela perguntou a Alberto se queria acompanhá-la até o hub. Prontamente mudou de ideia e decidiu conversar enquanto caminhava em vez se perder nos seus pensamentos indo para casa. Seja como for chegou muito mais tarde do que me tinha dito de manhã. E trouxe a Babitha para preparar o jantar connosco e ficar a comer.

Os pais de Babitha, Faisal e Fara, eram amigos de infância dos pais de Alberto. Faisal havia participado do mesmo grupo de aprendizagem que meu sogro antes de partirem para a Lua. Foi aí que conheceram Sara quando ela e os pais dela também chagaram à Cúpula Lunar 2. Babitha já tinha ouvido as histórias acerca das ansiedades de cada um deles em adolescente. O pai de Alberto tinha pesadelos com os fluxos de lava a ameaçar os seus amigos. O seu próprio pai agora na Lua tinha constantemente pesadelos com a possibilidade de Fara que tinha ficado no Paraíso começar a gostar de outros meninos. Quando fala sobre isso a mãe da Babitha solta gargalhadas ainda hoje. Ela gostou de facto dalguns outros meninos naquela época mas mesmo com seis anos quando recebia frequentemente a atenção de todos os meninos do grupo ela já tinha um fraquinho secreto pelo Faisal. Alberto sabia da história da chegada da Lua dos seus pais. Lev apresentou logo Sara aos amigos reencontrados enquanto Faisal desapareceu a procura da Fara. Nem uma semana depois os dois tornaram-se inseparáveis mesmo sem anel de Olivina. Alberto riu-se também novamente ao lembrar-se dessa aventura lunar dos pais. Já a tinha ouvido vezes sem conta.

Babitha perguntou então se ele sabia como os nomes dos vários

hubs da rede CUA foram escolhidos. Alberto contou o que sabia dos pais de Zanaibu e Idrissa, e dos comentários do próprio pai.
Desde o início de *Paraíso dos Livros* as famílias anfitriãs propuseram organizar o local em bairros para os futuros Livros Vagantes contudo sem impor obrigações de fixação ou de definir limites. Como resultado foram gradualmente surgindo espaços de pertença. A oeste, estabeleceram-se principalmente artesãos e engenheiros, com uma zona dedicada à madeira, metal, energia e ciência da computação. A norte, criou-se um bairro para as humanidades, com pessoas interessadas em sociologia, psicologia, história da humanidade e linguística. A sul e a leste desse bairro, próximo do grande lago, estabeleceu-se uma zona de criatividade com uma transição da linguística para a literatura e a poesia. Estabeleceram-se aqui quem vinha das artes cénicas, da música e de outras atividades criativas incluindo a culinária e todos os tipos de artes gráficas. A sul, pesquisadores das ciências naturais foram se alojando em bairros que abrangiam química, física e biologia bem como a medicina. Os matemáticos instalavam-se frequentemente na interseção entre a engenharia e as ciências naturais. Uma área separada para interessados em astronomia surgiu rapidamente Paraíso expandiu-se sob o nome de *CC Paradisus* durante o Inverno Vulcânico e a rede CUA cresceu junto com ele. Na altura da Refundição foi considerada ter chegado a expansão máxima até ver.
O tal *Spider* já existia antes de grande parte da população partir para a lua. A expansão da rede CUA na superfície deu origem aos anéis e às linhas norte-sul e oeste-leste. Em cada interseção

foi construído um hub. Os Bibliohabitantes propuseram então de dar um nome a cada hub. Após muito debate, surgiram vários acordos gerais. Isto porque a comunidade transmitia assim de certa forma informações entre si e para os seus visitantes. Não havia obrigação de nomear um hub. Bastava indicar a cor da linha mais o número sequencial da estação de norte para sol e de oeste para leste como era feito no início. Foi proposto que cada bairro fornecesse os seus próprios nomes para os hubs. Foi acordado não usar nomes de figuras unicamente militares ou unicamente políticos de antes da Refundição. Valorizava-se muito a autoria e co-autoria em Bibliopolis mas decidiu-se manter referências a todo que cheirava a hierarquias anteriores fora dos nomes dos hubs. Também se acordou nomear os hubs apenas com nomes de pessoas falecidas. Nessa altura a maioria da EquivaGente já tinha acesso à realidade aumentada através de diversos tipos de leitores. Os Bibliohabitantes queriam criar uma espécie de resenha histórica do Saber apresentado em cada hub. Mas isso fazia com que nas apresentações secundárias, certos hubs mostrassem o progresso científico para o qual pessoas ainda vivas tivessem contribuído. Foi o que a *Geração Reconstrução* lhe contou sobre os acordos acerca dos nomes disse Alberto. Babitha confidenciou às vezes simplesmente viajar até um hub por onde por norma não passava ou passava raramente, assim que ouvia falar de novas informações só para aprender mais um pouco sobre uma figura ou um tópico específico. Às vezes era apenas a curiosidade porque alguns nomes não lhe eram de imediato familiares.

Alberto admitiu rindo, que ao princípio ele próprio não tinha a minima ideia porque o distrito da criatividade tinha um hub Gwendolyn Brooks e outro com o nome Philippe Geluck. Nem sabia porque o distrito da energia tinha um hub Pomeroy para só se referir a estes três. O que realmente apreciou foi que cada hub se tinha transformado de certa forma num espécie de pequeno museu interativo a céu aberto.

Foi com esta observação que o ouvi finalmente entrar em casa acompanhado da Babitha. Lembrei-a logo o outro lado da moeda. A cada duas semanas ou nem tanto, tinha que lhe perguntar em que hub ele tinha ficado preso para depois ouvi-lo contar tudo que viu e aprendeu…

***

Umut contou Alberto que Kiril e Vesela tinham reunido um grupo de velhos amigos no jardim lá em casa. O fim de *Elysium* era hoje uma lembrança velha de quarenta anos. Tal como Ayala, Abdul, Sana, Midas e Nore, a família Morshov ainda se lembravam dos tempos e dos lugares onde dinheiro e poder pareciam mais importantes do que relacionamentos humanos. Para recuperar memórias estavam naquele dia também Kendi e Paula, Simba, Yoruba, os Chebois e a própria Umut. Se Alberto soubesse antes, talvez tivesse avisado os pais para se juntarem ao grupo.

Vesela e Paula pareciam ter conversando sobretudo de livros infantis. Debateram entre outras coisas uma nova versão de exemplos para contextualizar os nove princípios em grupos de aprendizagem. Paula explicou considerar que deveria haver pelo menos duas versões novas por geração da descrição ou de

exemplos. Idealmente essas re-escritas também deviam incluir contribuições de pessoas mais jovens. Ela deu como exemplo a adaptação na qual Nadia, a neta de Kiril, e Sayen Quispe tinham participado recentemente. Kiril disse entender as preocupações delas. A co-autoria ajudava a evitar que os autores se tornassem demasiado repetitivos e acabassem contando contos de fadas em vez de descrever fenómenos. Contudo, Kendi achou que Kiril deveria considerar não haver nada de mal em preservar tal qual histórias de Sepúlveda ou de Hemingway ou de poetas do passado e do presente.

Mas um livro sobre os princípios que apoiam a nossa reflexão conjunta não era apenas um livro de histórias lembrou Vesela. Era uma tentativa de explicar o projeto *DiSoCol* para as novas gerações de uma forma não dogmática. Mas convinha não esquecer o porquê dos nove princípios. Paula concordou. Mas não via aquele livro como uma simples história como são as histórias infantis. História infantis eram narrativas diferentes. Quando escrevia um novo livro preferia procurar alguém para criar as ilustrações ajudando-se mutuamente a construir a narrativa. Aqui tratava-se de explicar algo enquadrado na História mas com uma narrativa com um vocabulário actual.

Ayala então fez um comentário acerca das suas observações das crianças explorando um hub da CUA. É sempre muito divertido ver as crianças a explorar interactivamente as informações enquanto estavam num desses hubs. Olhou para os Chebois, Simba e Yoruba e perguntou se não seria útil e talvez necessário fazer com que os moradores mais jovens de Bibliopolis soubessem mais sobre a história da própria Bibliopolis? Afinal, o

local já tinha cem anos de história, se incluir a época de *Paraíso*.

Umut disse ter-se rindo porque se lembrou de algo que Alberto lhe contara recentemente sobre a criação de mitos. Seria bom ou mau por fim aos calendários com dias comemorativos para manter a criação de mitos sob controle. Ajudava ou não para evitar o desenvolvimento de dogmas ou falsas hierarquias? Ele já considerava perigoso dar nomes de *pessoas* aos hubs. Ele próprio tinha mostrado consideráveis reservas acerca do *hub J.C. Demeester*, especialmente devido ao debate em curso se informações referentes a Emmy ou Sang deveriam ser adicionadas ou não. Como evitar que as informações num hub se tornassem uma espécie de livro de histórias onde certas coisas eram contadas e outras não?

Voltando ao encontro. Simba achava que uma das vantagens do hub J.C. Demeester era a facilidade com se podia obter uma concisa visão geral dos três modelos de comunidade ou sociedade descritos pelos investigadores de Ignarysis. Ele contou Umut como o Lev Auctor teria dito uma vez ter preferido hubs com nomes de *fenómenos* em vez de *pessoas*. Não eram em última análise os hubs uma espécie de museu a céu aberto da ciência e do conhecimento, logo…

Umut sabia que Alberto tinha a mesma opinião. Mas não se podia descartar sem mais a ideia de falar de pessoas. Talvez até nem era possível. As pessoas simplesmente gostam de falar de outras pessoas. Umut estava convencido de que as crianças estavam particularmente entusiasmadas em desenvolver nos grupos de aprendizagem projetos sobre *pessoas* que tinham feito *coisas*. Adultos também contam histórias. Gostam falar da sua família. O

que fazem avós quando encontram outros avós? Conversam acerca dos seus netos. Segundo etólogos consultados falar dos outros parece ser uma necessidade biológica para os animais sociais que somos. Então, continuou Umut, parecia importante que os antropogogos da *Comunidade Interpolitana de Antropogogos* continuassem a refletir sobre as pessoas do passado e do presente e mantivessem contato regular com a EquivaGente que acompanhava o projeto *DiSoCol*.

Paula retomou a conversa sobre livros e histórias infantis. Ela explicou como sugeriu ao Conselho Interpolis e os grupos acompanhando o projeto *DiSoCol* um livro infantil abordando o aparecer dos primeiros Três Lugares de refúgio [Ver livro 11. *O Paraíso dos Livros*]. Ela gostaria de escrever uma história que fizesse as crianças refletirem sobre a criatividade com que a EquivaGente lidara com a situação criada pelos Bloomcampers e os seus fantoches totalitários quando chamaram a si o direito de aprisionar a maior parte do planeta. Ela acreditava que criativos da GNet-Z incorporaram desde logo os Princípios da Heterogeneidade e da Partilha. Tentaram assim evitar que os Três Lugares se tornassem novos centros de poder. Queriam simplesmente um ímpeto para se libertarem de uma crença cultural que aparentemente tinha levado a humanidade a um beco sem saída.

Num livro infantil desse tipo dar-se-ia atenção à ideia de grupos de aprendizagem não dogmáticos. O conceito *século da reviravolta,* como a Emmy Lehrman o tinha chamado, era para ser incluído. Paula acrescentou ter encontrado alguma inspiração em *Enquanto isso na Terra*, um livro infantil de Oliver

Jeffers do hectano 120.

***

Zanaibu contou-me ter sabido detalhes desse encontro da Brigada dos Anciãos através de seus pais. Pouco depois ela encontrou o meu irmão Ondjoy no Parque Central e deu-lhe um relato um pouco mais conciso do que escrevi acima.

Ondjoy contou por sua vez que tinha sido convidado para participar numa teleconferência acerca dos Princípios da Partilha e da Refeição. Como muitas outras, a conferências foi organizada por um dos grupos de trabalhos do projeto DiSoCol. Tratava-se principalmente de uma partilha de ideias entre antropogogos acerca do uso desses princípios nos grupos de aprendizagem. Havia participantes de cerca de dez Polisses diferentes. De Perolapolis participou Moana. Ela tem mais três anos do que eu e conversávamos frequentemente em como os grupos de aprendizagem abordam as relações negativas entre as pessoas.

Moana desenvolveu a sua própria linha de pensamento sobre o assunto incorporando elementos da Refundição. Em resumo, tratava-se da dificuldade de enxergar o uso do dinheiro como um fenómeno cultural ainda por cima disseminado globalmente. A hipótese mais aceite é de considerar como na história das comunidades o comércio baseado em pagamentos substituiu o escambo a certa altura. Para uns simplesmente significava que o dinheiro era promovido e passava a ser uma espécie de meio de troca universal. Mas grupos ancestrais dentro de uma comunidade viam quase de imediato como esse meio de troca servia para obter poder. O cálculo que tal meio possibilitava, tinha a vantagem adicional de facilitar os sistemas

de impostos. Imposto significava literalmente onerar os outros com uma obrigação. Recebiam em troca não um bem, mas um serviço: a vaga promessa de proteção. Aqueles que exigiam o imposto rapidamente conseguiam vincular os sujeitos pagadores de uma forma que os punia por inadimplência. Esse sistema, baseando-se seja em força bruta, medo, terror, multas ou prisão, continuou a desenvolver-se. Alguns conseguiram instituir o seu poder sobre os outros. Criaram uma hierarquia baseada em dinheiro. Aqueles sem poder só podiam pagar ou perder a sua liberdade. Os poderosos fizeram acreditar que um sistema para explorar os outros em próprio benefício era legal (pense em imperadores, reis e nas figuras poderosas que deles derivaram). Qualquer pessoa que não pertencesse ao grupo inicial desses inventores da imposição e posteriormente tentasse tomar o poder com exatamente as mesmas técnicas seria então repentinamente acusada de ilegalidade.

Considere as práticas da máfia por exemplo. Elas também envolviam a cobrança de impostos instilando medo e terror para pagar uma vaga promessa de proteção. A ironia era que esses gangues fazendo cobranças, às vezes, forneciam uma proteção mais eficaz aos membros explorados do que as quem dizia utilizar formas legais de impostos.

Quando no desenvolvimento humano recente, os pagadores perceberam ter perdido completamente o controlo sobre as coisas, surgiram movimentos de oposição para propor uma outra distribuição de riqueza. Esses movimentos foram sistematicamente rejeitados pelos proprietários ricos e poderosos, tanto faz considerar-se legalmente ou ilegalmente

ricos. Para eles, os não ricos eram os indivíduos perigosos.
Contudo de início esses contramovimentos propuseram simplesmente substituir os impostos por contribuições. Queriam com isso dizer que todos os contribuintes decidiriam coletivamente directamente ou através de representantes o destino do dinheiro arrecadado. Isso funcionou bem em comunidades relativamente pequenas. Estabeleceram associações cooperativas e comunidades mutualistas para redistribuir a propriedade e uso do dinheiro através de contribuições ou quotizações. As comunidades Bregmanianas do Tipo 2 continuam a ser uma evolução sustentável disso. Mas na era pré-Refundição reis, imperadores, autocratas e todas as outras figuras autoritárias, independentemente de terem ou não inventado o conceito *nobreza*, rapidamente transformaram a representação em direitos concedidos por outros para dispor dessas contribuições como se fossem impostos. Os enganos mais vis ocorreram nas chamadas sociedades democráticas, nas quais orçamentos Estatais eram supostamente elaborados por representantes com base em resultados eleitorais. Quando cada vez menos pessoas elegiam representantes, por considerar que todo o tão alardeado sistema democrático não passava de uma fantasia, eram poucos os representantes a travar de facto o processo de perversão em curso. Bem pelo contrário. Eleitos por pequenas minorias de votantes afirmavam por todo lado que detinham uma maioria legitimado em escrutínio. Depois investiam o dinheiro em guerra, ódio e divisão, tal como os imperadores e reis mais sanguinários fizeram durante décadas. Pouco ficou para os sistemas de apoio a aprendizagem e para redistribuir em estruturas sociais.

Contribuições em dinheiro feitos novamente impostos. Todas as tentativas de mutualismo ou de cooperativas foram sempre vistas com a maior suspeita por aqueles cujo único objetivo era aumentar o seu próprio poder através do aumento da sua riqueza pessoal ou da família. A crença no dinheiro e no poder tornou esses indivíduos completamente cegos ao Princípio da Empatia. O Princípio da Partilha e o Princípio da Refeição foram descartados como ideias românticas que serviam apenas a um propósito idealista no *Não-Lugar* impossível de ser alcançado.

Bem, continuou a Moana acontece que após a Refundição, havia três Tipos de *Sim-Lugares* descritos para a sociedade das pessoas [Ver *Anexos*]. Depois do desaparecimento do dinheiro n*a Rede*, de repente muitas coisas tornaram-se possíveis.

Moana seguiu aqui a mesma linha de raciocínio de outros analistas, que afirmaram que o quase planetário desaparecimento do dinheiro não foi tanto devido ao trabalho semi-clandestino dos grupos GNet-Z, mas sobretudo resultado da crença inabalável dos próprios ricos mais poderosos no seu dogma de ser possível continuar a enriquecer infinitamente num mundo finito. Depois do Inverno Vulcânico os grupos de aprendizagem não precisavam mais da Carta do Aprendente. O Princípio da Partilha que decorria do Princípio da Refeição era cada vez mais valorizado nas comunidades de aprendizagem. A aprendizagem deu a possibilidade a crianças e adultos de se aperceber como o dinheiro não era um fenómeno natural mas fenómenos cultural, originado por crença baseada no cultivo da hierarquia. Ao mesmo tempo conseguiam experimentar outros tipos de organização de grupo possíveis e viáveis.

Para ficar muito claro, segundo Moana a alastramento dos grupos de aprendizagem cooperativos foi paradoxalmente impulsionado por duas características inerentemente egoístas de um pequeno grupo de super-poderosos e ricos. Eles isolaram-se em *Elysium* e, além disso abandonaram uma classe de cidadãos menos poderosos mas ainda assim ricos. Em resultado disso pessoas arrogantes e ignorantes exterminaram mais ou menos metade da população mundial. Os egoístas e super-poderosos hipocritamente os apoiaram acreditando assim reconquistar a Terra. O Inverno Vulcânico acrescentou um acontecimento imprevisto resultando na morte de muitas dessas pessoas arrogantes e ignorantes. Os antropogogos nos grupos de estudo analisaram como o poder e o dinheiro permaneceram a base da fé para um grupo ainda pequeno ao lado de um maior grupo de sobreviventes em Terra. Este último era principalmente composto por Sabedores e Vagantes menos arrogantes. Estes experimentaram pessoalmente a incapacidade de usar o dinheiro, devido ao colapso da organização societal que dava acesso a ele. Viam o poder resultante do dinheiro como algo ainda mais fútil. Mas não proibiram poder e o dinheiro. Nas comunidades de aprendizagem foram simplesmente apresentados como a expressão de uma crença radical de um pequeno grupo.

Dentro das comunidades de aprendizagem dava se atenção às três tipos de sociedade. Para explicar o funcionamento sem dinheiro nas Comunidades Conviviais Illich do Tipo 3, os Nove Princípios compilados pelo projeto *DiSoCol* e os grupos de trabalho *RecIn* serviam de base. O princípio orientador em todos

as comunidades de aprendizagem era de evitar de acreditar sem mais, mas de experimentar e dialogar sobre isso. É verdade que as pessoas que desejavam sentir-se poderosas através da ostentação de seus bens encontravam depois do Inverno Vulcânico cada vez menos apoiantes ignorantes na Terra que vissem um imposto como uma contribuição para a sua própria realização. E é isso que torna as comunidades de aprendizagem tão robustas hoje em dia.
O discurso de Moana na conferência na qual Ondjoy participou tornou-se um clássico entre os antropogogos. Continuámos a explicar três formas de organização social e, ao fazê-lo, parecíamos estar a caminhar agora sim em direção ao que há muito tempo se tinha chamado a *arte de aprender* ou *matética*. Desenvolvendo ainda mais essa arte conseguimos compreender coletivamente por que é que o nosso futuro reside na aceitação da heterogeneidade e não na imposição de uma crença única.

Acho que Alberto e eu voltamos a ver aquele discurso dezenas de vezes. Para o muito empático Alberto a verdadeira desigualdade e talvez injustiça residia em não ter impedido os habitantes de *Elysium* de partirem para Marte. Ao adotarem uma postura não proibitiva, os terráqueos encorajaram quem queria uma sociedade capitalista Tipo 1 por assim dizer de emigrar para Marte. Para a terceira geração após o Inverno Vulcânico havia circunstâncias naturais e biológicas que dificultavam ou até impediam por tempos prolongados o regresso a Terra para quem o desejasse. Os apoios biónicos existentes e com os quais os seus antepassados muito sonharam ainda não o permitiam. Entretanto ele pensava ser melhor

discutir sistemas educacionais não apenas entre nós mas também nas comunidades Bregmanianas Tipo 2 e nas já mencionadas comunidades capitalistas Tipo 1.

Voltaremos a este assunto no final deste livro. Parece-nos que Alberto antecipou bastante a reflexão em como construir relacionamentos com os demais seres humanos fora dos *Convivialis Civitas* procurando não enfraquecer o Princípio da Empatia.

***

Dois anos passaram. A minha irmã tinha agora quatorze anos e eu dezessete. Acabámos de comemorar o septuagésimo aniversário do avô Lev. O meu pai disse aí que após uma interrupção de dois anos tinha agora a certeza que não voltaria a Megalissipo. A cave protegida da Biblioteca Paulo Demeester estava completamente inventariada e o envio dos achados para a Biblioteca Central estava devidamente organizado. Graças aos cuidados de Sergio Mestre e de Alexandra N'Kondo de que hoje sabemos ter sido uma prima em segundo grau, a primeira catalogação de todos os documentos armazenados já se fez na altura em que o espaço protegido foi criado. Sérgio por sua vez tinha utilizado o catálogo feito pela sua mãe com o apoio dos primos dela, depois da morte de Paulo.

Durante os dois últimos meses de 121.96 HE e o primeiro de 121.97 HE Delun e Umut visitavam regularmente o meu avô e o meu pai no que agora se chamava o Espaço JCD. Delun mergulhava constantemente nos documentos à procura de mais informações sobre a relação entre a pedagogia institucional e a

antropogogia institucional. Entretanto contribuía com novos documento ao enriquecimento da realidade aumentada tanto no Hub Jean Oury quanto no Hub Vigotsky.

Umut era como uma mãe para Binh Pham. Apesar de ter quase cinquenta anos ele parecia sempre um pouco despistado, razão pela qual ela sentia que precisava cuidar dele. Entre os livros preservados na Biblioteca Central e as anotações de Paulo Demeester tinha encontrado material interessante que o podia interessar. Era acerca de dois conflitos mundiais que também originaram alguns episódios dramáticos para os ancestrais de Binh. O avô Lev tinha de facto pedido a sua ajuda porque estava a procurar encontrar o que iríamos chamar de primeira geração da dinastia ou seja os antecessores de Alberto anteriores ao avô de Paulo Demeester. Começaram a chegar documentos de partes já acessíveis da *Megabelgium* incluindo das ruínas de uma cidade anterior às Megapoleis então conhecida como Leuven. Surgiram igualmente alguns documentos do que aparentemente tinham sido arquivos secretos na capital administrativa instalada porBloomcamp e que era conhecida na época com o nome *EuroBrussels*. Nesses arquivos aparece algumas vezes o nome Mestre a Demeester. O mesmo apelido aparece num documento de Leuven às vezes com o nome próprio de Paulo, às vezes com o nome próprio de John. Sabíamos de uns cadernos do pai de Paulo e que encontramos na Biblioteca Paulo Demeester que este nasceu numa pequena cidade perto de Leuven. *Tienen* (literalmente '*Dez*') não era uma referência numérica como pensávamos inicialmente mas simplesmente o nome daquela cidade desaparecida. John falava às vezes também dos cadernos

da avó que ele nunca conheceu e que aparamente teria morrido ainda jovem na mesma terra de Tienen. Ela teria tido algum tipo de ligação com uma organização de professores.

O meu avô sempre me encomendou trabalhos minuciosos porque sabia da minha paciência para desatar nós e decifrar coisas. E para algumas das anotações de John, era preciso dominar as escritas rúnica e cuneiforme, a taquigrafia e ter um bom conhecimento de hieróglifos. Estava sobretudo a procurar nomes de pessoas e lugares. Depois de um tempo, tanto nas anotações de John como em dois textos presumivelmente do pai dele, encontrei tabelas que se assemelhavam muito à tabela ignarométrica. Uma dessas tabelas era aparentemente atribuída a Johanna Lemaître. Esse Lemaître era completamente desconhecida para nós, mas, como a minha mãe observou e bem, Lemaître podia ser o francês para Demeester. Talvez foi essa a conexão? Uma tradução nalgum momento? Algo para nos manter atentos. Será que Johanna Lemaître tinha alguma ligação com as irmãs Demeester? Existiram mesmo ideias acerca da ignarometria mais antigas do que as de Paulo e talvez as de John? Continuámos nossa busca e o meu avô, Delun, e Idrissa envolveram-se gradualmente mais na pesquisa. Acho que os pequenos achados que nos traziam tanta alegria naquela época são um dos motivos pelos quais me quis aprofundar na arte da análise e da documentação.

A descoberta aconteceu por acaso como acontece muitas vezes quando se procura vestígios do passado. Primeiro Delun encontrou entre os cadernos de Paulo um pequeno diário que não era dele mas era escrito à mão pelo seu avô materno Lucien

Souris. Encontramos nele um longo relato contando a sua presença no primeiro grande conflito mundial no hectano 119. Decifrar as anotações foi ainda mais difícil do que ler a caligrafia de John. As coisas tornaram-se um pouco mais fáceis quando descobrimos que Lucien falava e escrevia misturando o francês e o neerlandês. Felizmente a minha mãe tinha duas amigas que me podiam ajudar. Elas também ainda falavam esse idioma hoje praticamente extinto. Como disse a maioria das anotações tratava das suas experiências durante as duas guerras mundiais em que esteve envolvido [Ver livro 7. *Tempos de chumbo*].

Mas também houve uma breve menção a uma conversa entre o pai de John e ele próprio. Lucien escreveu algo sobre a sua escola e o seu professor de ensino primário. Mais tarde, descobriríamos que ele se referia a Edward Peeters. Sabíamos que esse professor tinha sido brevemente responsável por uma revista MINERVA e um gabinete internacional de educação nos quais a Escola Nova desempenhou um papel. [Ver livro 7. *Tempos de chumbo*]. Lucien menciona casualmente a visita de uma professora francófona chamada Jeanne. Ela terá feito um comentário sobre o trabalho do pai de Lucien que operava máquinas de vapor. Essa visita à sala de aula foi um dos motivos pelos quais a segunda das suas filha recebeu o nome de Jeanne. Descobriu-se num outro caderno de John referências a cadernos da avó Jeanne que deixou com o filho Louis, pai de John. Num dele ela falava de um tal Edward que Louis conhecia e de uma visita à cidade onde este morava na época. Essa Jeanne era provavelmente a tal professora que o avô materno de Paulo conheceu em criança. Nas suas anotações Jeanne mencionava

por sua vez frequentemente a sua avó Johanna Lemaître. Embora houvesse entre chamámos de primeira e de segunda dinastia duas gerações sobre as quais só aprendemos mais em 122.14 HE, havia sim uma ligação entre Lemaître e Demeester. Não se tratava de uma tradução de nomes como tinha pensado a minha mãe. Mas havia uma ligação com a Johanna Lemaître que definitivamente pertencia à família! Afina ela era a avó da avó de John! Informamos a EquivaGente a fazer pesquisas em várias Polisses com base em registros de nascimento recuperados que queríamos saber mais de menções anteriores ao hectano 119 do nome Lemaître em Megabelgium e talvez em Megaparisios, ou seja na então *Belgium Austriacum* e no Reino, posteriormente República e ainda Império da França.

***

Até o final do hectano 121, Alberto mostrava-se frequentemente irrequieto durante os meses nos quais os escavadores de gelo e de caves estavam lá no Norte. Embora o meu marido tivesse decidido para não mais viajar até Megalissipo, o passatempo dele em visitar mais vezes os hub CUA durante estes meses onde utilizava às técnicas de realidade aumentada para ver novas informações. Num desses dias de gostaria-de-estar-em-Megalissipo-mas-na-verdade-estou-em-Bibliopolis cruzou-se com a Kaira. Em criança tinha feito parte do nosso grupo de aprendizagem. Perdemos o contato com ela quando os pais se mudaram para Arqueopolis. Ela contou Alberto que regressou fazia agora dez anos acompanhado do seu marido Manish Sampath que conheceu em Arqueopolis. Hoje o pai Arjun dele morava com eles pois era viúvo. Ela

contou Alberto das vivências da família de Manish antes de chegarem a Arqueopolis no início da Refundição. Os pais nasceram ambos na região de Rwenzori. Kaira contou como os avós haviam passado por muitas dificuldades pouco antes do Inverno Vulcânico. Quase morreram. Na época circulavam um pouco por todo lado místicos prevendo com certeza profética a chegada do apocalipse. Não aquele original, o da revelação do conhecimento. Nem se tratava sequer do retorno à Terra de uma das hipóstases do Deus cristão. Segundo esses místicos Deus há muito tinha abandonado a Terra. Não, tratava-se do terrível fim dos tempos. Alberto disse logo que a história do vivido interessaria a Umut. Sugeriu que Kaira e Manish passassem um dia lá em casa, para evocar todo este passado.

Alguns dias depois, estávamos todos juntos. Umut e Delun, as minhas filhas, Alberto, e claro, Kaira e Manish. Eles trouxeram o filho Dulan de treze anos e Arjun. Preparamos o almoço com o que cada um tinha trazido. A primeira hora da nossa conversa foi aquela a partir da pergunta 'lembras-te?' típica para pessoas que não se viam há muito tempo.

Pouco depois as nossas filhas e Dulan desapareceram para fazer um passeio pelo bairro e entre adultos começamos a conversar de outros assuntos. Vidrados, Umut e Delun ouviram a história de Arjun. Umut via aparências com as experiências da sua própria família. Durante anos, todo tipo de influenciadores exploraram a ignorância causada pelos Bloomcampers por meio do controle que exerciam sobre o sistema educacional, um eufemismo para dizer o regra geral completo desmantelamento.

Entre esses influenciadores, além dos míticos, havia os populares

pregadores do ódio e do medo com muitos seguidores. Talvez a maneira como filmes e programas de televisão exploravam os medos tenha facilitado essa evolução. Sobretudo nos últimos seis meses antes do Inverno Vulcânico os filmes de espectáculo com elementos superficiais de ficção científica predominavam. Muitas séries televisivas eram claramente mais ficção do que ciência, mas ainda assim recebiam uma aparência científica. Geralmente acusavam os Sabedores de reter informações por motivos egoístas. Talvez esse fosse realmente o caso para alguns, mas, em geral, essas séries não passavam de um tipo de entretenimento sinistro cheio de teorias de conspiração denegrindo além disso a imagem dos Sabedores em geral.

Arjun relatou como os seus pais fugiram da Megapolis onde moravam ainda influenciado por clima de suspeitas gerais. Foram parar a uma comunidade com poucos filmes e nenhum livro. No entanto havia os tais influenciadores místicos pregando constantemente à comunidade que havia muitos sinais de que o fim estava próximo. Segundo os pregadores aqueles que não lhes pagavam contribuições nem os seguiam, corriam o risco da danação eterna. Só podiam ser salvos se os libertar da sua indiferença para com os sinais reveladores. Pior, como não tinham consciência do perigo, porque não vinham ouvir os sermões, colocavam todo o resto da comunidade em risco. A tarefa dos seguidores era portanto de os persuadir a vir e ouvir libertando-os assim dum fim de mergulho eterno nas trevas onde seriam durante toda a eternidade atormentados por espíritos malévolos que os iriam torturar.

Cerca de um ano depois da sua chegada na tal comunidade o

cometa Halley aproximou-se da Terra. O seu regresso estava previsto há muito tempo mas os místicos pregadores não o sabiam ou então omitiam que o sabiam para assim melhor aproveitar-se da ignorância geral. Depois houve um eclipse solar também previsto há muito tempo e mais uma vez os pregadores aproveitaram habilmente a ocorrência.

Os dois fenómenos naturais levaram muitos seguidores a uma espécie de êxtase. E os místicos exploraram astutamente a situação. Faziam tudo para ganhar mais fanáticos dispostos a libertar aqueles que pareciam relutantes em enfrentar os perigos. A libertação consistia em cometer suicídio assistido ou simplesmente em ser assassinado. Os pregadores do ódio e os líderes de culto que previram o fim dos tempos estavam por tanto simplesmente incitando os seus seguidores ao assassinato. Quem não os seguiam e se mantinham na sombra (*sic!*) eram forçados a cometer suicídio. Os menos ignorantes viam nisso a mão dos *Cou-Clib-Clans*. E nalguns casos até tinham razão.

Os pais e avós de Arjun escaparam a justo do extermínio que segundo os líderes do culto era meramente uma purificação ritual para aqueles que não acreditavam no apocalipse iminente. Eles foram acolhidos por um simples e pacífico grupo de caçadores-coletores. Arjun nasceu ali e na sua infância aprendeu tudo o que era necessário para sobreviver numa comunidade de neo-caçadores-coletores. Houve momentos difíceis durante o Inverno Vulcânico devido escassez de alimento. Entretanto é claro, ele passou a saber nunca ter havido o tal apocalipse de que falavam os místicos. Houve isso sim uma quantidade enorme de mortos fortuitos. Anos mais tarde viajou com a sua

jovem esposa a procura de outros grupos. Entrou em contato com os Sabedores de Arqueopolis que tentavam ajudar os Vagantes a entender tudo que havia acontecido nos últimos vinte anos. Ambos decidiram se mudar para Arqueopolis onde a vida era bem mais fácil do que na região de Rwenzori.

Os pais de Manish também tinham muito a oferecer a comunidade. Eles ensinavam outros a caçar com arco e flecha. Possuíam um vasto conhecimento prático na identificação de ervas medicinais. Os médicos de Arqueopolis estavam particularmente interessados. Durante a juventude de Manish mais arqueólogos chegavam a Arqueopolis. Os pais de Kaira mudaram-se para lá porque estavam interessados em descobrir locais perdidos sob poeira e gelo e o conhecimento possivelmente aí guardado em lugares escondidos.

Kaira conheceu Manish durante uma excursão pesquisando plantas medicinais. A decisão de se mudarem para Bibliopolis surgiu do interesse em continuar estudos de medicina, numa altura em que Bibliopolis procurava EquivaGente interessada nessa área.

Era durante conversas deste tipo que ouvia Alberto suspirar frequentemente. Naquele dia abordou as várias interpretações da palavra apocalipse que originalmente significava revelação. Quem tinha dinheiro e poder rapidamente fez dessa tal revelação uma eternidade na qual poder e dinheiro continuavam a ter protagonismo. Quase todas as religiões transformaram a revelação num assunto místico controlado pelos seus líderes, fossem eles Papas ou pregadores importantes. Quem aqui ou ali tentasse colocar a revelação fora do contexto

divino era rapidamente punido. Até mesmo a minoria da Igreja Cristã Primitiva foi logo feito esquecer. Esta minoria acreditava que o retorno de Cristo à Terra seria um sinal de que o apocalipse havia começado inaugurando um Reino Milenar de Paz ou um Paraíso em Terra. Nos hectanos seguintes, a narrativa assumiu cada vez mais um significado diferente, um que se adequava melhor a uma fé na qual alguns detinham o poder e outros não, obrigando os segundos a serem seguidores dos primeiros. Qualquer um dos modelos mais espetaculares de grande extermínio servia como pretexto para conseguir esse fim. Os *Elysianos* que sonhavam com uma Terra dividida em vastos domínios de que tomariam posse eram provavelmente aos seus próprios olhos, nada mais do os tais indivíduos poderosos destinados ao reinado milenar de paz. Em última análise o seu direito de posse simplesmente decorria de serem eles os possuidores mais próximos do Grande Todo-Poderoso. Se essa figura era real ou imaginária, pouco importava. O poder estava justificado.

Chegados a esse ponto da nossa conversa, voltaram os três jovens do passeio de bicicleta. Os olhares que trocaram sugeriam que veríamos Dulan com mais frequência nos próximos tempos. Rapidamente Manish e Kaira também começaram a receber visitas da Liberty com frequência.

***

Em 121.97 HE a minha irmã completou 18 anos. Ela insistiu que a data fosse comemorada com grande estilo. Na festa que organizou no jardim dos nossos pais, estavam presentes alguns amigos de antigos e atuais grupos e projetos de aprendizagem.

Sugeriram juntar-se para se inscrever num workshop de dança de dois dias com uma bailarina vivendo perto do hub Dário Fó. A minha irmã achou a ideia maravilhosa e logo convidou-nos a mim e ao Dulan para participar. Disse-me que podia convidar alguns amigos do meu círculo. Encontramo-nos com a anfitriã no final do mês. Os quebra-gelos iniciais rapidamente criaram uma boa atmosfera, e a música certamente contribuiu bastante para tal.

A minha irmã apreciou a participação de Manuel Takis com quem já tinha tido contacto. Nós tínhamos na altura um projeto num subgrupo no qual ele também participava. Queriam investigar sobre algo que alguns membros do grupo de trabalho *RecIn* às vezes mencionavam: a *Máquina de Habermas* [Ver livro 12. *A Refundição do Mundo*]. Manuel tinha dezenove anos e era o mais velho do nosso grupo. Adorámos tê-lo como guia, pois ele estimulava-nos muito com as suas perguntas. Manuel era também uma presença agradável nas festas. Nesses dois dias ele trouxe a sua irmã Halona que ainda não conhecíamos. Quando Catherine se encontrou com Manuel pela primeira vez ela tinha ida de visita em casa de uma tia noutra Polis. Acho que nos tornamos amigas quase instantaneamente. Dulan e Catherine também. No final do segundo dia, nós os cinco já tínhamos combinado um outro workshop de dois dias. Uma amiga de Halona morava perto hub Frida Kahlo. Ela ofereceu-se para nos ajudar a desenvolver os nossos talentos para o desenho. Era uma pintora apaixonada e iniciou uma conversa connosco sobre comunicação não verbal. Depois de dois dias intensas de pintura e desenho no início do ano seguinte nós os cinco tornámo-nos

completamente inseparáveis.
Pouco antes do primeiro equinócio do ano, a minha irmã perguntou aos nossos pais onde o pai tinha aprendido a subir árvores em preparação à primeira expedição para Megalissipo. Ela e Halona fizeram então uma viagem à comunidade de Bukoba. Lá, aprenderam a usar arneses para se içar em árvores altas. Passaram dois dias maravilhosos acampando no topo de uma árvore. Estavam lá a convite de um entomologista que pesquisava um inseto específico encontrado apenas nas copas de certas árvores. Costumavam dizer mais tarde que foi lá, na copa daquela árvore, que decidiram ir morar juntas. Mas com os dois, ou melhor, os quatro pés na terra.

***

A minha irmã é discreta quando fala sobre o nosso primeiro encontro. Assim que vi Halona naquele estúdio de dança, fiquei enfeitiçada por ela. Ela teve a mesma sensação. Foi divertido como, naquelas primeiras semanas depois do estúdio de dança, oferecíamos constantemente ajuda a Liberty e Manuel com o projeto deles. Prontificávamo-nos a procurar todo tipo de documentos e de os compilar para eles. Um aspecto corolário da nossa crescente paixão foi que este grupo de *RecIn* ficou impressionado com a grande qualidade da pesquisa sobre a história da *Máquina de Habermas* feito por um grupo tão jovem. O grupo de aprendizagem passou a ser visto como um grupo de investigação constituído por jovens. Eles ficaram entusiasmados. E Dulan claramente passou a admirar ainda mais Manuel e Halona a partir daquele momento. E ainda os admira hoje.
O interesse de Halona pela etimologia tinha também a ver com

as relacionado às declinações de palavras em determinadas línguas. Pensa em guiar e governar. Em neerlandês diz-se *sturen* (guiar) e *besturen (*governar*)*. Uma simples preposição transformava a ação de quem orienta na ação de quem governa. E optar pela palavra *conduct* quem fala Inglês nem precisa de preposição… Quem detinha o poder utilizava muitas vezes estas subtilezas da língua antes da Refundição. Halona observava a falsificação de certas relações ao fazer sinónimas certas palavras ou expressões. Nas democracias tornaram *representante do povo* equivalente a *membro do parlamento*. Na maioria das então democracias um governo era formado a partir dum parlamento. E muitas vezes ofuscava-se a parte da representação. Tornou-se claramente evidente quando membros do parlamento começaram a tomar decisões nas quais não representavam verdadeiramente o povo. A decisão mais flagrante, claro, foi quando governadores decidiram em nome dos Bloomcampers e não em nome dos eleitores de confinar a população mundial a distritos nas MegaPoleis. A minha mãe ficou agradada com este tipo de reflexões de Halona sobre as palavras e incentivou-nos a visitar Umut e Delun. Fomos vê-los para perguntar se estariam interessados em um projeto sobre palavras que fomentavam a arrogância na criação de mitos. Delun e Umut acharam a ideia interessante. Desenvolvemo-la mais nos dias seguintes.

Juntas regressámos para a casa dos meus pais. Quando entrámos estava aí Moana Southpath com os pais dela! Depois de tantos anos a falar sobre uma possível visita à Bibliopolis de repente aí estava. Naturalmente, Keanu e Meava ficaram encantados de conhecer presencialmente outra EquivaGente activa na *RecIn* e

nos grupos do projecto *DiSoCol*. Lev e Sara insistiram em ficar com eles enquanto procuravam um lugar adequado para morar. Os meus pais alojaram Moana e o marido.

***

Lev e Sara organizaram outro reencontro dias depois. Dusan e Lupe e as gémeas vieram visitar Moana e os pais. Moana contou às gémeas que conheceu os pais delas quando recém-casados decidiram viajar pelo mundo. No fim da sua viagem passaram vários meses em Arqueopolis procurando informações acerca de nomes de antigos lugares em Erebúm. Foi pouco antes do seu amigo Amadeus levar Lev e Alberto para procurar a Biblioteca Paulo Demeester.

Moana contou estar interessada na história dos movimentos e das organizações de pessoas que ao longo da história se tinham opostos a estruturas de poder monopolistas. Muito contribuiu para visualizar em formato eletrónico a história mais recente da GNet-Z por meio de histórias e documentos. Resultou numa coleção visualmente atraente disponível na Biblioteca Central de qualquer *Convivialis Civitas*. De facto depois da época dos Livros Vagantes todas as informações conhecidas e classificadas estavam hoje quase imediatamente disponíveis em formato digital havendo fácil acesso a eles em qualquer lugar.

Agora Moana queria concentrar-se nos desenvolvimentos antropogogicos na altura em que o capitalismo global se começou a afirmar, em última análise tendo levado a uma forma insustentável de sociedade global. Ela estava a pensar sobretudo no hectano 120. O meu querido Alberto convidou-a logo para o Espaço JCD, claro. Ela poderia examinar todos os arquivos,

sobretudo aqueles que ele ainda tinha aberto, acrescentou provocando um pouco. Prometia a cada nova pessoa que convencia a trabalhar na análise de documentos dos pais e avós de Paulo que iria certamente encontrar material do seu interesse. Moana achou a ideia maravilhosa. Assim começaram as suas visitas regulares no espaço onde muitas vezes todos estávamos.

Nadia contou-lhe que Sayen e ela tinham começado um projeto para compreender a evolução do ensino para a aprendizagem desde as escolas no período anterior ao de Bloomcamp até aos grupos de aprendizagem hoje. Já tinham lido bastante sobre as comunidades de aprendizagem da Carta do Aprendente. Mas desconfiavam haver influências anteriores. Ela corou um pouco ao acrescentar que Paula Pax tinha encorajado as duas de propor um grupo de trabalho dentro de um ou dois anos para sugerir quais exemplos dos Princípios poderiam ser atualizados.

Sayen e Nadia foram gradualmente recebendo mais sugestões de Moana. Por fim, Nadia decidiu de explorar mais a fundo as técnicas de comunicação remota juntamente com a nossa filha Liberty. Com efeito Liberty virou-se cada vez mais para os seus anteriores interesses em física e matemática.

Em resultado disso tudo Sayen começou a cooperar mais com Moana. Gradualmente construiu um sólido reconhecimento em tudo relacionado à contradição entre a aprendizagem dialogada e o estabelecimento de hierarquias em sociedades baseadas na propriedade e no dinheiro. Por volta de 122.25 HE ela seria co-autora de diversas publicações de uma grande ajuda nas conversas sobre a educação das novas gerações em sociedades

ou comunidades do Tipo 1 e do Tipo 2 [ver *anexos*]. Essas publicações tornar-se-iam contribuições importantes para o diálogo com as populações de Ganímedes e de Marte. Mais sobre isso no final deste livro.

Dez anos tinham passado desde que Amadeus, Lev e Alberto descobriram o depósito subterrâneo construído por Sérgio Mestre e Alexandra N'Kondo para salvar a Biblioteca Paulo Demeester da destruição total pelos *Cou-Clib-Clans*.

Graças a inúmeros pequenos projetos entre familiares e amigos que por diversos motivos se interessavam pela história da ignarometria, da aprendizagem dialogada e da antropogogia, uma quantidade considerável de documentação foi organizada e disponibilizada. O meu sogro ainda se ocupava com tudo relacionado a Ignarysis. Gradualmente, Alberto concentrou-se nas conexões entre ignarometria e antropogogia. A nossa filha Catherine tinha agora vinte anos e aparentemente decidira dedicar-se ainda mais à história da família.

Ela e Halona tinham decidido morar juntas. Procuravam uma casa vaga ou prestes a ficar desocupada perto da Linha Rosa norte-sul da CUA. Preferiam algo a uma curta distância a pé de de qualquer dos hubs Marta Nussbaum, Hannah Arendt ou Michel Foucault. Entretanto elas viviam uma espécie de reedição dos nossos primeiros tempos. Elas alternavam semanas de em casa de Milo e Iris com semanas na nossa casa.

***

A pesquisa acerca da história da família Auctor tornou-se cada vez mais fascinante. Descobri como era maravilhoso poder estabelecer ligações entre achados.

Também comecei a pesquisar as histórias familiares anteriores à Refundição de Halona, Nadia e Nídia, Sayen, Dulan e de alguns outros amigos. Isso fez com que me tornasse uma visitante assídua de cada vez mais arquivos. Logo, estabeleci uma rede de contatos em cerca de vinte bibliotecas de diferentes Polisses e rede não parava de crescer.

Felizmente, as bibliotecas voltaram a desempenhar um papel importante na vida da EquivaGente. Naturalmente conhecia pessoalmente quase todos os departamentos da Biblioteca Central de Bibliopolis. O banco de dados central ajudava para agregar todas as informações familiares conhecidas de quem vivia na nossa Polis. O objetivo era de facilitar a pesquisa para aqueles que estavam à procura de fazer a sua própria árvore genealógica embutida na época geral na qual tinha vivido cada um dos antecessores encontrados.

O meu pai gostava de usar esse banco de dados sempre que as suas pesquisas de antropogogia e ignarometria o levavam a informações mais pessoais sobre um membro da família de uma época passada. Por acaso Zanaibu e Babitha tornaram-se as suas interlocutoras principais durante esse período. Zanaibu estava muito virada para o estudo do crescente comportamento xenófobo e intolerante durante os hectanos 120 e 121. Ela chegou a encontrar relatos de uma espécie de serviço de espionagem que operava em *EuroBrussels* até este distrito desaparecer do mapa. Encontrou alguns registros escritos de

conversas entre quem quase de certeza eram irmãos de Fernanda Mestre, a avó do meu avô. Naturalmente o meu pai quis saber o máximo possível. Os dois irmãos poderiam muito bem ter desempenhado um papel duplo, como já sabíamos que a irmã gémea de Fernanda Mestre tinha feito. Contudo no caso deles parecia-nos mais provável que tinham simplesmente ido para *EuroBrussels* por interesse próprio, para enriquecer.

Não sabíamos ao justo o que acabou por lhes acontecer. O mais provável é terem ido para um satélite de apoio de *Elysium*. Mas Zanaibu duvidava que esta saída da Terra tivesse sido por vontade própria.

Babitha estava entretanto a ler cartas e anotações pessoais da Biblioteca Paulo Demeester para a sua investigação acerca das relações entre opressores e oprimidos. Sempre que encontrava notícias que parecia diretamente relacionado aos Demeesters, aos Campos e aos N'Kondos punha as de lado para interpretação posterior com o meu pai e o meu avô.

Uma das cartas mencionava um grupo chamado os *Illuminati*. Depois de mais alguma pesquisa soubemos que o grupo terá sido uma sociedade secreta com o objectivo de difundir as ideias do Iluminismo, nisso contrariando o poder secular e eclesiástico da altura [Ver livro 4. *O privilégio de saber*].

A maioria das cartas fornecia gradualmente uma visão mais geral de como Paulo Demeester havia vivido as sua vida enquanto pedagogo e John enquanto pedagogo e antropogogo. Greta e mais tarde o filho Sergio tiveram o cuidado de preservar o máximo possível o que os avôs de Paulo, Louis Demeester e Lucien Souris haviam escrito. Os documentos de Lucien

ajudaram-me em particular para aumentar as minhas habilidades linguísticas.

Em parte devido a outros cadernos de pequenos arquivos pessoais preservados e aos documentos que os Livros Vagantes trouxeram para os locais de preservação, Babitha conseguiu construir um retrato muito interessante da primeira metade do Hectano 119. Foi por causa dos achados dela que o meu pai nem sempre ia directamente para o Espaço JCD quando chegava à Biblioteca Central, mas em vez disso explorava o departamento de História. Como ela, também ele estudava frequentemente documentos de outras pequenas bibliotecas particulares anteriores à Refundição. Os arquivos dessas pequenas bibliotecas sobreviveram com mais frequência intactos do que os arquivos das antigas grandes bibliotecas públicas. Havia pelo menos duas razões. Os Queimadores de Livros destruíram quase por completo muitas bibliotecas públicas durante o auge da arrogância da ignorância por serem mais visíveis e frequentemente associadas a Universidades. Os particulares que tinham coleções privados tentaram tornar a documentação inacessível ao *Cou-Clib-Clans,* frequentemente com a ajuda da GNet-Z. Era muito mais fácil ocultar e proteger uma pequena coleção particular do que uma grande biblioteca universitária. O que sobreviveu dessas instituições maiores deve-se sobretudo ao que os Livros Vagantes salvaram.

Em suma, a Biblioteca Paulo Demeester foi para o meu pai o constante ponto de partida e de chegada para estabelecer ligações com o estudo da ignorância e arrogância ao longo da História.

Ao mesmo tempo todos os colaboradores do grupo de trabalho do EJCD obtiveram uma visão muito clara da história familiar desde Jeanne Teacher até Greta Campos por meio das muitas cartas preservadas, não apenas entre Paulo e John, entre John e as suas netas Joana e Catherine, mas também por meio dos muitos documentos de John e Louis guardados e escondidos na cave da biblioteca que foi do Paulo.
Havia menos informações em como Greta, Sérgio e Inês organizaram as suas vidas durante o período cada vez mais sufocante do Bloomcamp depois de Sérgio esconder o arquivo.

Para nós pessoalmente o novo hectano começou bem. No segundo mês de 122.00 HE conseguimos nos mudar para uma casa agradável. Havia também espaço para um quarto de bebé se mais tarde quiséssemos ter filhos.
Percebi rapidamente que a característica planificadora de Takis relacionada a obter dinheiro perdurava de outra forma na cabeça de Halona. Ela pensava com grande antecedência e gostava de desenvolver planos estratégicos.
Estávamos ambos muito felizes com a casa perto do hub Marta Nussbaum. Halona tinha parceiros de discussão com interesses sociológicos na vizinhança. Eu tinha por perto pessoas interessadas na História. Elas davam-me frequentemente ideias relacionadas com o meu trabalho para desenvolver catálogos, em parte temáticos e em parte cronológicos.
Gostei muito termos conseguido produzir pequenas edições com base em documentos originais que surgiram numa ou outra biblioteca de uma Polis. Entre os documentalistas, ficávamos encantados cada vez que distribuíamos uma nova brochura

electrónica. Apostávamos cada vez mais na co-autoria entre a EquivaGente de Polisses distintas às vezes fisicamente muito distantes umas das outras.
De facto os grupos de trabalho de *RecIn* e do Conselho Interpolis incentivaram constantemente a proposta de fazer da primeira década do novo hectano a década da co-autoria. Todos os documentos que eram mais do que uma simples *revisão por pares* recebiam um símbolo especial na ficha técnica na forma de duas mãos entrelaçadas. Era uma maneira simples de mostrar o quanto a co-autoria entre EquivaGente de diferentes comunidades era valorizada e uma pequena contribuição para a criação gradual de uma visão de mundo de cooperação entre EquivaGente. Contribuí modestamente para esse objectivo. Já tinha decidido por mim que todas as publicações para as quais eu contribuísse dali em diante tivessem esse símbolo. Halona deu uma gargalhada quando confessei minha intenção. Ela perguntou qual de nós duas era, afinal, a mais estratégica.

***

Eu já contei como a mãe do meu sogro ficou por acaso ou não referida como sendo a criadora de um conceito prontamente adotado por muitos: o *século da reviravolta*. Isso não tinha apenas a ver com as mudanças ocorridas na distribuição dos modelos de comunidade ou sociedade. Logo a seguir ao Inverno Vulcânico a expressão era principalmente usado porque muitas pessoas realmente tinham acreditado que o planeta, repleto de rachaduras no manto, expeliria lava por quase toda parte causando terremotos tão massivos que formas de vida mais complexas não teriam alguma hipótese de sobrevivência.

Reparámos que Emmy Lehrman sempre usou a palavra *século* e não a palavra *hectano*. Pode ser útil lembrar que o ano 2139 d.C faz parte do século XXII. Isso pode ser importante para as poucas comunidades do Tipo 2 que continuam a utilizar o calendário gregoriano. O mesmo ano 12139 HE ou 121.39 HE, como escrevemos em muitos lugares n*a Rede,* fazia parte do Hectano 121 do Calendário Holoceno devido à introdução do ano zero. Portanto, para Emmy o *século da reviravolta* foi o vigésimo segundo d.C.. Alberto utilizava igualmente a palavra *século* na expressão, embora de resto sempre falava de Hectanos. Gostava da expressão, talvez pela mesma razão que falava de *sociedade comunitária convivial* em vez do habitual *Convivialis Civitas* n*A Rede*. Ele sempre gostou de puxar as pessoas para refletir sobre palavras e conceitos. Suspeito que Emmy também tenha usado deliberadamente tanto *século* como *hectano*. O meu sogro contou-me certa vez que ela visitava regularmente grupos de aprendizagem para abordar a diferença entre século e hectano e entre os calendários gregoriano e holoceno. Começava por definir com o grupo um ponto de referência específico. A data de nascimento de um das crianças desse grupo por exemplo. Depois escreviam essa mesma data em todos os tipos de calendários, tanto já existentes quanto inventados no momento. Havia sempre um calendário que tinha como dia 0 o dia de nascimento em questão. Frequentemente seguia uma discussão acerca da dificuldade conceptual que muitos matemáticos e filósofos da Grécia Antiga tinham relativamente ao 0. Na altura a singularidade do 0 já era aceita para os filósofos e sábios de Waçúm Central e Oriental. Mas o

hábito na antiga Grécia de associar os números a coisas concretas tinha criado uma imagem diferente desse caso especial. Isso teve por exemplo consequências duradouras na forma como quantias menores da unidade eram definidas e representadas matematicamente.

Os escritores de mitos de Erebúm Ocidental ignorantes em matemática fizeram mais tarde do zero um número proibido por alegadamente ter sido inventado pelos muçulmanos. Isso, no entanto estava incorreto. Os pragmáticos comerciantes árabes incluindo os muçulmanos simplesmente adotaram o sistema decimal indiano. Tornava o cálculo com algoritmos muito mais simples. Duzentos anos separam Gerbert, líder da Igreja Católica em 109.98 HE de Leonardo de Pisa em 112.02 HE. Durante todo este tempo a maioria dos líderes da Igreja continuou a se opor ferozmente algarismos não romanos. O zero era herético.

O hábito de contar a partir de 1 mas de medir a partir de 0 causara ainda mais confusão. O primeiro ano do calendário holoceno coincide com o 0 introduzido. Corresponde ao -1 do calendário gregoriano. Isso mudou a contagem de 1 a 100 para um período de cem anos para uma contagem de 0 a 99. Ao usar simultaneamente a palavra *século* e a palavra *hectano* Emmy certamente fomentou um interesse generalizado em processos de medição, aritmética e contagem nos grupos de aprendizagem.

Seja como for, por mais desesperante que o ano 121.39 HE parecesse aos membros de GNet-Z, o ano 121.45 HE mostrou-se de repente promissor, quando as comunidades da Lua e da Terra continuaram a reconstrução social.

Contudo é melhor não se esquecer que durante milénios ou

kiloanos a humanidade sofreu sob a exploração de sucessivas tipos de castas de proprietários cada vez mais ricos e frequentemente cada vez mais narcisistas. Daí muitos pensarem que oitenta anos é um período demasiado curto para saber o que em última análise a Refundição significará para o futuro da humanidade.

Existem no entanto sinais positivos para as Comunidades do Tipo 3. Os grupos de aprendizagem ou comunidades de aprendizagem para adultos, os projectos, o enorme número de *Convivialis Civitas*, a crescente co-autoria, o interesse nos Nove Princípios e no projeto *DiSoCol* são todos eles sinais de um desenvolvimento convivial interessante.

O Inverno Vulcânico foi sem dúvida devastador para por assim dizer todas as famílias do planeta. Por outro lado, o facto de menos da metade da população mundial ter sobrevivido à Era das Megapoleis pode ter sido um desenvolvimento positivo. Se esse tipo de renascimento planetário também irá trazer a Paz Milenar à Terra era uma questão completamente irrelevante para Alberto. Ele achava melhor continuar a pensar simplesmente na próxima geração e tentar de manter essa relação harmoniosa entre a arte de aprender, a história e o desenvolvimento de projetos inspiradores.

***

Sabíamos que era esse um dos motivos pelos quais os envolvidos com o projeto *DiSoCol* propunham regularmente debates como por exemplo sobre os Queimadores de Livros. Nesse caso, o objetivo principal era de tentar entender como tantas pessoas integravam num instante um *Cou-Clib-Clan*.

Como sempre, a intenção não era de apontar o dedo para ninguém, certamente não para as pessoas ignorantes da época. O objetivo era antes de expor as maquinações usadas por líderes arrogantes e desprovidos de empatia, unicamente focados em acumular riqueza pessoal, contando a si mesmos um conto de fadas de riqueza ilimitada e perpétua. Ao longo dos Hectanos, esse pequeno grupo específico de indivíduos ricos tornou-se cada vez mais hábil em manipular os outros. Eles aprenderam rapidamente como era possível incitar pessoas ignorantes a manipular outras pessoas ignorantes. O mito que difundiam em articulação com a convicção de que as pessoas em geral são ignorantes e que é fácil de as manter assim, foram as peças mais importantes desta manipulação. Em todos os distritos das Megapoleis onde ainda existia investigação crítica em resultado do diálogo aberto e da leitura, os encontros sociais eram minuciosamente examinados. O contacto social foi sistematicamente limitado ou impossibilitado. Já muito antes, nas áreas mais rurais, Sábios que podiam ser por exemplo xamãs locais foram sistematicamente substituídos por pregadores de uma fé institucionalizada e dogmática. Fez-se perder consciente ou inconscientemente o conhecimento sobre as propriedades medicinais de plantas e os processos naturais e as práticas a elas associados. Intervenções mais tarde investigadas e explicadas cientificamente foram substituídas por mitos e expurgos baseadas em orações. O conhecimento de um xamã era pagão e portanto obra do diabo. Os arrogantes detentores de poder canalizavam tudo para uma reinterpretação das práticas. Elemento chave era o conto de fadas na qual ter posses era algo de natural, narrado por

quem tomava o protagonismo depois de proclamar-se a si próprio representante do Poder Supremo exterior à humanidade.

Zanaibu ajudou a preparar uma nova série de diálogos. Ela contatou Alberto e o meu sogro a esse respeito. Ela pensava que a série podia ser útil para os vários grupos com os quais trabalhava. E envolveu Sayen Quispe que frequentemente aparecia no Espaço JCD. Na época em que a série começou, a investigação de Sayen concentrava-se principalmente em textos escritos pelo avô de Paulo. Ela suspeitava que alguns desses textos tratando da educação de *Burgueses Iluminadas* com importantes recursos financeiros tivessem origem em conversas com a sua mãe Jeanne. Algumas notas referiam nomes de pedagogos e investigadores por quem a CIA tinha prestado muita atenção durante a Refundição. O nome de um deles serviu alias como identificação para um hub no distrito da psicologia: John Dewey. Sayen descobriu uma tradução neerlandesa de um de seus livros fundamentais com uma dedicatória para o seu pai na biblioteca de Paulo. Numa das suas cartas a Greta, Paulo refere-se a Dewey como razão pelo qual Louis optou pelo nome John pelo seu filho.

Sayen percebeu logo que, para aprender mais sobre as ideias da família durante o período da burguesia iluminada, seria preciso concentrar-se em Jeanne. Até então, ela só sabia que Jeanne morrera bastante nova e que tinha demonstrado grande interesse pela aprendizagem dialogada.

O avô de Paulo costumava referir-se às escolas que incentivavam a aprendizagem dialogada como sendo instituições privadas às quais os pais pagavam pela educação dos filhos. Mas se olhamos

com atenção, percebemos que antes da Refundição a educação sempre fora uma questão financeira. Mesmo a educação dita pública não passava de um negócio. Antes da Era dos Megapoleis o objectivo geral de estar na escola não era tanto de adquirir conhecimento. Era de conseguir se pagar diplomas e títulos ou certificados que pudessem fazer render dinheiro a quem os possuía.

Até aquele momento tinha encontrado poucas informações sobre os pensamentos de Joana a esse respeito. Também não encontrava nada sobre o seu local de residência. Contudo, possuía informações sobre o período no qual deve ter vivido. Existia em Erebúm naquela época um pequeno país chamado Bélgica. Ficava dentro da zona da Megapoleis *Megabelgium* onde Bloomcamp detinha mais tarde o distrito de *EuroBrussels*. Vários membros da família Demeester devem ter vivido naquele pequeno país, provavelmente um reinado. Documentos daquele período disponíveis na biblioteca de Bibliopolis referem um rei. Ele ter-se-á apropriado duma espécie de império pessoal recorrendo por parte à nobreza e ao exercito aí existente. O império ficava numa uma região de Alkebulan, não muito distante de Bibliopolis.

***

A série de debates sugerida pelo meu avô foi organizada por um grupo de EquivaGente ativa no projeto *DiSoCol*. Os pais de Nadia e Nídia participaram e aparentemente, também alguns conhecidas de longa data do avô, incluindo Zanaibu Cheboi. Eu tinha-a encontrado algumas vezes mas só tivemos curtas conversas circunstanciais. Nessa série de debates achei muito

interessante como ela esclareceu as técnicas de manipulação usadas pelos detentores de posses antes da Refundição para fazer os ignorantes acreditarem no que eles queriam que acreditassem. Ela explicou como tradicionalmente havia histórias para as crianças repletas de figuras locais a desempenhar papéis heróicos. Esses heróis tornavam-se a personificação do Bem combatendo o Mal absoluto, no qual o Bem estava de lado dos heróis e o Mal era tudo que não estava ao seu lado. Era impressionante como em quase toda a Terra as religiões de povos cujos líderes tinham crenças fortes na sua supremacia tiveram um papel preponderante na imposição da ideia da naturalidade da posse. Eu tinha acabado de completar 18 anos e Zanaibu é uma mulher muito agradável de se ouvir. Também sabia muito sobre comunicação e formas de comunicação, e isso, é claro, interessou-me.

Pouco depois de um dos vídeo-debates na qual participou, ela veio à nossa casa para um jantar em conjunto. À certo momento ela falou de Dusan e Lupe. Teriam conhecimento de duas pequenas comunidades do Tipo 2 onde havia aparentemente alguns comentários de ódio sobre uma *Convivialis Civitas* próxima. Zanaibu fez entender que tinha provavelmente a ver com a dificuldade de pensar de forma pluralista. Supostamente tudo começou quando em cada uma das duas comunidades um pequeno grupo de moradores com poucos recursos, muito dependente de trocas e micro-empréstimos, entraram em contato com a *Convivialis Civitas* em questão. As coisas evoluíram rapidamente. Os dois grupos de pessoas mudaram se para a tal Polis. Como resultado os líderes com mais posses, das

duas comunidades de onde vieram, perderam repentinamente pequenos assalariados, ou seja, perderam mão de obra quem lhes fazia serviços contra pagamento. Zanaibu tinha ouvido que eu estava muito desejosa em fazer algum trabalho de campo relacionado à comunicação. Perguntou-me se estaria interessado em acompanhá-la numa visita às duas comunidades. Dei um salto de alegria. Viajaríamos pelo ramal leste-oeste mais a norte dos VSA para apanhar uma Embarcação Vela Solar até a ponta sul do centro de Waçúm. Era o continente onde havia mais comunidades do Tipo 2, também as duas em questão. Tal como em tempos o conselho local da Civitas de Perolapolis deu mercadorias para Dusan e Lupe não depender da comunidade, recebemos agora em Bibliopolis alguns minérios que poderíamos *vender* localmente ou seja trocar pelos símbolos em papel que ali representam a propriedade.

***

Pouco depois de Liberty e Zanaibu terem iniciado a sua viagem, Alberto chegou particularmente entusiasmado a casa. Ele tinha estado a examinar com a ajuda de Sayen, Catherine e o seu pai dois documentos que chegaram à Bibliopolis há já um ano, vindos de um arquivo particular em algum lugar da Erebúm Central. Tratava-se de dois textos saídos dum arquivo de editores-tipógrafos de uma cidade que teria tido o nome de *Frankfurt-am-Main*. O primeiro autor dos dois documentos em questão chamava-se Magister. O documento era uma espécie de inventário de edições da oficina dele no hectano 116. Nele, aparece a referência ao Professor Emérito Wolfgang Magister da *Athenaeum Illustre* de Amsterdão.

O outro documento, talvez da mão de um neto do mesmo editor-tipógrafo continha uma breve nota sobre um filho desse Wolfgang. Ele estava referido como professor Pieter Magister que mais tarde adotou o nome de Pieter Lesmeister. Um comentário escrito à margem falava da influência de um certo Claudius Cardinalis sobre este Pieter. Muito excitados perguntaram a Delun e Umut se seria o mesmo Claudius crítico da Igreja sobre o qual Delun estava a tentar reunir todas as informações que conseguia. E segundo Delun este Claudius era pelo menos da mesma região como o Claudius Cardinalis que estava a estudar.

O autor do segundo documento ainda falava dum filho de Pieter. Este emigrara juntamente com uma certa Marianne Grünen para o que era então conhecido como *Belgium Austriacum*. Outra anotação na margem continha uma informação que segundo Catherine podia-se referir a mais outro membro da família. Fala do início do hectano 117 e do nascimento de alguém com o nome de Dieudonné Lesmeister. Poderá haver alguma ligação entre Lesmeister e Lemaître? Alberto lembrou-se como eu uma vez tinha sugerido a tradução de Lemaire para Demeester? Não foi o caso, mas e agora? De *Lesmeister* para *Lemaître*? Alberto e o pai ficaram entusiasmados. Avisaram amigos pedindo-lhes que pesquisassem nos arquivos de Megaparisios referências para Lemaître. Será que encontrariam algo sobre um Dieudonné Lesmeister e uma possível relação com Lemaître?

E se começássemos a escrever sobre isso?

Emmy Lehrman nasceu fez exatamente cem anos. Alberto e eu estávamos com os pais dele. Lev e Alberto falavam da mãe respectivamente da avó.

Subitamente eu pensava de tudo que já sabíamos da vida das Irmãs Catherine e Joana Demeester bem como de Paulo e John. Quando Lev e Alberto começaram a ver em profundidade o que tinham trazido de Megalissipo ficou-me claro que havia aí muitas histórias relacionadas à história da antropogogia e da ignarometria.

Ignarysis era uma ótima fonte de informação. Entretanto muitos canais estavam abertos com outras Civitas. Frequentemente chegavam mais histórias daqueles que enquanto membros da GNet-Z, sociólogos, psicólogos ou outros investigadores das ciências humanas tinham usado a análise ignarométrica para publicar as suas conclusões em Ignarysis. Histórias para contar. Eu não parava de pensar nisso.

Sem falar com Alberto visitei Sara e Lev algumas semanas mais tarde para perguntar o que pensariam se nós também escrevêssemos uma história. A história da família de Alberto.

Sara achou útil falar sobre a ignarometria e a história das comunidades de aprendizagem para todos que desejam entender como *A Rede* se desenvolveu desde a GNet-Z até aos *Convivialis Civitas*.

Lev apreciou naturalmente a ideia de ter uma história escrita acerca da própria família. No entanto, ele também preferiria antes ver a descrição de sucessivos períodos históricos incorporando uma história de pessoas. Ele sentiu que podia ser

especialmente útil e necessário escrever tal história para o longo período que antecedeu a Refundição. Poderíamos situar a história de Joana e Catherine, dos seus filhos e netos, tendo como pano de fundo aquele regime cada vez mais autoritário instalado pelos Bloomcampers?

Talvez foi a razão pela qual a minha sogra imediatamente sugeriu que eu envolvesse Binh, o filho de Can e Ahn. Sara sabia que estudara os conflitos do hectano 119 há já algum tempo. E segundo as nossas informações, as duas irmãs Demeester nasceram no final daquele hectano. Foi também o hectano no qual viveu Paulo e o seu pai John. Binh conseguia certamente nos traçar uma perspectiva histórica sobre todo aquele período. Além disso fazia parte de um grupo de trabalho que mais especificamente analisava a desinformação disseminada por quem estava no poder e cujo objetivo era retratar o poder e a propriedade como algo que simplesmente precisava ser aceito. Essa desinformação insinuava ainda que qualquer pessoa que questionasse a condição natural da propriedade era, na verdade, um perigoso criminoso que deveria estar na prisão. O seu grupo de trabalho investigou se e como governos, depondo violentamente os seus predecessores, adotaram os mesmos métodos de desinformação para desacreditar os governantes anteriores e de preferência executá-los, se não prendê-los em condições deploráveis.

Lev por sua vez achou que deveria falar com a filha de Simba e Yoruba, Idrissa Zoungrana. Idrissa e os seus pais eram constantes companheiros de jantar naquela época. Ela tinha tal como Alberto principalmente interesses sociológicos e

antropológicos. Além disso ela estudava a análise ignarométrica. Foi por isso que se interessou pela história das irmãs Demeester. Nos últimos anos passava muito tempo no Espaço JCD.
Entre os documentos que Lev lhe tinha entregue para ler ela encontrou até vestígios de uma tabela de ignarometria da época do avô de Paulo Demeester. Seria esta a primeira tabela? Ela poderia fornecer um panorama das atividades familiares das gerações anteriores às irmãs Demeester. Idrissa já tinha publicado alguns artigos curtos na revista Neo-Ignarysis relacionados a essa pesquisa. Sara e Lev sabiam que ficaria satisfeita em encontrar uma historiadora com interesse em biografias. Dessa forma, ela poderia aprender mais sobre os primórdios da ignarometria.

***

Decorrido seis meses Zanaibu e eu voltámos da nossa visita às duas Comunidades Bregmanianas. O governo da primeira recebeu-nos com franca hostilidade. De acordo com o topo hierárquico daquela comunidade fazíamos parte daquela perniciosa Rede de Terrestres que tinham conseguido extorquir um número significativo de seus próprios habitantes essenciais persuadindo-os a viver sem posses pessoais. Consideravam toda a premissa d*a Rede* irrealista. Toda aquela história de vida sem posses era além disso por grande parte uma mentira. Os habitantes daquelas Polisses não tinham roupas, uma casa e utensílios? Não precisavam de trabalhadores para lhes fornecer o que necessitavam para os seus projetos e para o seu dia a dia?
Estava eu agora completamente convencida de que a maior dificuldade entre os habitantes dessas comunidades e nós

próprios residia na constante e profunda falta de comunicação mesmo com quem fazia parte da hierarquia. Eu não questionava a hierarquia em si no contexto daquela comunidade mas sim a forma como informavam os grupos que também nela viviam.
Outra dificuldade de comunicação, interna agora. Alguém que não entendesse ou não estivesse familiarizado com os nove princípios subjacentes às relações n*a Rede* guiados por e guiando o projeto *DiSoCol* tinha naturalmente muita dificuldade em compreender o conceito convivial sem bens materiais pessoais ou dinheiro.
O nosso ponto de partida para qualquer projeto era justamente de explorar em conjunto como a EquivaGente interessada como o podiam de facto executar e nunca como impedir a sua realização. O Princípio da Heterogeneidade significa também de evitar de ditar o que os outros devem ou não devem fazer. O Princípio da Partilha garante que ninguém precise de se preocupar que não iria conseguir fazer algo por falta de recursos ou do conhecimento necessários. A adaptação de certos projetos de grande porte tinha exclusivamente a ver com os Princípios do Ecossistema e da Empatia.
Na altura as casas das *Convivialis Civitas* já estavam equipadas com as comodidades necessárias para uma vida confortável dos seus habitantes. O conceito de vida confortável foi incorporado na forma como as crianças viviam os grupos de aprendizagem. Está sintetizado no Princípio da Antropogogia. Este princípio leva em consideração o desenvolvimento da personalidade de cada um, o que envolve diferenças na maneira de se vestir e o uso de certos adornos. Tentávamos explicar que não se entrava

numa loja para comprar algo dentro das próprias capacidades financeiras de entre as ofertas decididas pelos fabricantes. Todos tinham tempo para comunicar e dar ou procurar ideias junto de quem era criativo com os materiais. Isso permitia que cada pessoa podia ser si própria. Não significava não haver EquivaGente a desejar uma roupa inspirada pelos vestes de outras pessoas ou até de copiar em aparência outras pessoas de quem gostava.
Qualquer pessoa que precisasse frequentar para determinados projetos locais que exigissem roupas padronizadas ou específicas podia dispor de qualquer item necessário e devolvê-los à comunidade depois. Pense em fatos espaciais ou equipamentos para escavações em regiões congeladas do planeta por exemplo.

Assim como o avô Lev tinha percebido na altura das negociações com os habitantes de *Elysium*, nós também percebíamos como não ers fácil fazer entender a alguém que sempre considerou o dinheiro algo de natural que usá-lo não era mais do que a expressão de uma crença, de uma cultura associado ao incutir do desejo de posse pessoal. Num certo ponto da História Homo Sapiens considerou que o dinheiro facilitava a troca para quem queria possuir um bem. Aqueles que queriam exercer poder sobre outros rapidamente entenderam como usar esse mesmo meio para assim fazer. Muito mais tarde a posse do dinheiro passou a ser simplesmente expressa através da apresentação de números numa folha. Alguém podia-se declarar mais poderoso e rico do que os outros apresentando uma folha de cálculo. E os outros acreditavam que era assim, porque tinham aquela fé instituído. Ainda hoje, quem acredita em dinheiro podia

deslumbrar outros que nele acreditam com a sua riqueza, tal qual como os monarcas absolutistas faziam com impérios, terras, Estados ou pedras preciosas. Paradoxalmente, ao longo da história da humanidade existiram também colecionadores de riquezas e dinheiro que num certo momento da sua vida reconheceram que tudo não passava dum fenómeno puramente cultural, de uma história. Havia quem então doasse de diversas formas toda a sua riqueza à comunidade.

A cultura *sem* dinheiro desenvolveu-se não apenas mas essencialmente com base num outro conjunto não tanto de regras mas de princípios culturais desenvolvidos e aplicados pela EquivaGente. Representar outros baseado em propriedade e hierarquia era só uma possível convenção cultural. Até muitos membros que não pertenciam à GNet-Z incluindo alguns Bloomcampers conseguiam entender isso.

O talvez mais difícil para qualquer membro de uma hierarquia não familiarizado com os nove princípios era de compreender as consequências mais profundas. Ninguém n*a Rede* tinha como objetivo de destruir ou incapacitar comunidades. O diálogo dentro de e entre as comunidades de aprendizagem, quando não se impunha a instrução para o pensamento único ou manipulação simplesmente influenciara as gerações subsequentes ao Inverno Vulcânico de outra forma.

Seres conscientes de si mesmos e do seu vasto potencial de capacidades para aprender descobrem rapidamente por si mesmo como preferem viver.

Para quem prefere viver numa comunidade baseada na crença do dinheiro parecem existirem apenas dois modelos viáveis: um com

uma hierarquia rígida e dominante e servos e uma outra com restrições intrínsecas quanto à propriedade do trabalho e dos bens de outros seres humanos. Uma hierarquia rígida de poderosos e ricos leva a uma Comunidade ou Sociedade do Tipo 1. Os indivíduos de topo dentro dela irão evoluir em direção a uma ditadura que considerem aceitável por fazerem parte da nomenclatura. Isso é o oposto do pensamento convivial. A incorporação de restrições leva a uma Comunidade ou Sociedade do Tipo 2, na qual algumas preocupações ecossistémicas e algumas formas de ação empática desempenham um papel. Ambos precisam de seguidores, de preferência do tipo gato de apartamento [Ver livros 09, 10 e 12].

Se preferir viver baseado numa sociedade na qual não existe a crença em dinheiro parece de momento haver um tipo de: *A Rede* de *Convivialis Civitas*.

Aparentemente em ambas as comunidades que visitamos houve pequenos proprietários terem entrado em contacto com um comunidade do tipo 3. Por viverem na Terra, isto não era difícil. Depois de conhecer a tal comunidade preferiram migrar para ela. Talvez tiveram receio de evoluir para uma comunidade do Tipo 1. Aqueles que desejavam mais poder e propriedade procuravam talvez uma estrutura organizacional pré-Refundição orientada para o capitalismo sem compromissos. Na Terra parecia difícil poder acontecer por haver falta de seguidores.

Estávamos na altura na terceira geração de Pós-Refundição. Toda a organização da vida sem dinheiro parecia cada vez mais tornar-se coesa e harmoniosa no planeta Terra. Não era o caso antes da saída dos Bloomcampers para *Elysium*. Nas poucas

experiências isoladas e de pequena escala no meio de grandes grupos de pessoas ignorantes que não tinham o conhecimento necessário para se proteger da manipulação de uma alta casta arrogante, poderosa e detentora de dinheiro, as formas de organização sem propriedade muitas vezes tinham vida curta.

No entanto… estava com muitas perguntas. Era ético deixar alguém abandonar a Terra simplesmente por se apegar a uma sociedade do Tipo 1 como resultado do que chamamos de Ignorância? Alguém que conhecesse o significado da utopia do *gato de apartamento* queria enveredar para essa opção? Alguém que optasse pela emigração para Marte teria outra escolha que não de ser explorado logo quando chegava no local onde os mais ricos gestores de sempre, incluindo os Gestores das Fundações se refugiaram? Esses Gestores de Fundações eram sensíveis à distribuição de riqueza? As crianças cujos pais partiram por ignorância poderiam algum dia ter esperança voltar para uma sociedade sem dinheiro na Terra, caso o desejassem?

Existiriam limites ao pluralismo e à ética quando possibilitam o florescimento de formas de sociedade nas quais se considera legítimo que aqueles que detêm o poder o exerceriam sem mais sobre os que não o detêm? Será que subordinados, servos ou escravos, se ainda existissem, poderiam mudar de status hoje em dia?

Que tipo de aprendizagem e de escolarização foram desenvolvidas nas comunidades do Tipo 1 e do Tipo 2?

Como passa uma comunidade a se comportar de forma hostil em relação a uma outra comunidade da qual nós acreditamos

representar uma melhoria para todos os seus membros? Historiadores falam às vezes do período dos *Déspotas Esclarecidos*. Eram governantes que obrigavam outros a aceitar certas novas regras para o seu próprio bem-estar. Mas aceitar o Saber por imposição não funciona. Nem mesmo se dá o conhecimento para melhorar as suas próprias circunstâncias. Ou será que temos uma visão muito limitada do que significa melhorar as circunstâncias. o que nos torna menos empáticos com os outros do que pensávamos ser? Existem outros, possuidores de Conhecimento e Saber que mesmo assim preferem depender de um mestre ou dono? Existem detentores de Conhecimento que preferem ou até gostam de ser gatos de apartamento? Zanaibu e eu discutimos isso longamente na nossa viagem de volta a Bibliopolis.
Aos poucos uma coisa ficou clara. Seja como for, seria melhor propor ao Conselho Interpolis uma viagem a Marte para ouvir *in loco* como as pessoas falavam da Terra. Será que havia lá também algum tipo de criação de mitos como resultado dos sistemas educacionais existentes?
Entretanto a viagem às comunidades do Tipo 2 fez com que Zanaibu e eu nos tornássemos amigas para a vida.

Logo após a nossa chegada e antes mesmo de podermos partilhar as nossas descobertas com os outros, a minha mãe falou-nos dum novo projeto que tinha em mente: escrever a história da família Auctor, entrelaçada com a história da ignarometria e da antropogogia. Zanaibu gostou imediatamente da ideia e disse que ficaria feliz em participar.

Eu por mim, continuei a pensar sobre a comunicação entre diferentes espécies e como ela poderia funcionar. O meu ponto de partida foi que a compreensão de informações ou mensagens envolve principalmente os nossos sentidos. Morcegos e muitos animais marinhos conseguem visualizar o mundo ao seu redor emitindo sinais que nós nem sequer conseguimos captar sem recurso a instrumentos. Os equipamentos que desenvolvemos nas últimas décadas possibilitaram, é certo, a captura dos sinais mas o que sabemos realmente depois? A interpretação dos sinais e a comparação com informações prévias acontecem em outro lugar, geralmente no cérebro. Como é que essas outras espécies experimentavam eles próprias esses sinais? De que maneiras os indivíduos daquela espécie em particular processavam esta ou aquela informação? Será que eles usavam os sentidos que nos não temos o que funcionam de outra maneira para transmitir mensagens precisas uns aos outros? Nós não usamos os nossos olhos e ouvidos apenas para nos orientarmos no mundo ao nosso redor. Vemos e ouvimos as outras pessoas com eles. Comunicamos uns com os outros por meio deles. Mesmo depois da sua morte Vaclav Smil continuou muito respeitada entre muitos números 8+ Bloomberg. No hectano 120 ele dizia falar do mundo como realmente era. Mas como é realmente o mundo? Não só era ele um ser humano, logo por isso mesmo adotando uma perspectiva muito humana e com uma interpretação económica própria da época. Está desatualizado?

Foi durante aquele período que contatei a comunidade Hunt. Esta comunidade discutia cada vez mais abertamente a observação e a Matemática Não-Humana. Com isso, não se

referiam apenas aos seus contatos um tanto nebulosos, com uma civilização de fora do nosso sistema solar. A maioria dos físicos em Terra ainda não sabiam se essa civilização existia. E se existia, tratava de seres biológicos no sentido em como os biólogos da Terra entendem o metabolismo em seres orgânicos? Eles têm palavras para descrever esses seres? O que a palavra *orgânico* significava em outras partes do universo?

Cada vez mais procurei alargar a forma de pensar para entender a ligação entre o uso que um indivíduo faz dos sentidos para receber informações, a *caixa preta* para as processar e uso dos mesmos sentidos para comunicar com outros indivíduos.

Naquela época, porém, o meu contato com a comunidade Hunt tinha sobretudo a ver com a minha vontade de aprender mais sobre o funcionamento das Bolhas Espaciais Rovelli. Parecia que, mesmo décadas após o trabalho dos matemáticos e físicos que utilizavam a matemática de Fernanda Mestre, ainda apenas essa comunidade compreendia o que havia sido desenvolvido com base na abordagem temporal de Rovelli. Por que razão funcionava a propulsão TWIST apenas dentro de limites bem definidos determinados pelo número de Rovelli-Mestre, um número obtido à partir das equações incluídas no Teorema de Mestre? Por que toda a matemática WARP continuava incompreensível e talvez absurda? WARP era simplesmente impossível devido à natureza do universo, ou estava relacionada com uma certa incapacidade de descrever esse universo com a matemática produzida na Terra? Existiriam, em última análise, outras linguagens capazes de descrever mais adequadamente ou mais completamente a natureza do que aquelas que a civilização

humana já tinha formalizadas?
Havia pouca EquivaGente em Bibliopolis a estudar a comunicação não humana. Em Culturopolis existia um grupo considerável de etólogos decifrando com grande entusiasmo a comunicação entre espécies não humanas na Terra. Eles diziam conseguir manter conversas relativamente simples com muitos mamíferos terrestres e marinhos. O *Earth Species Project* foi dissolvido pelos Bloomcampers mas estava desde a Refundição novamente muito ativo. Muitos dos membros da primeira geração do projeto tinham levado tudo que tinham para *Ultima Rosa* quando todos os centros de pesquisa que não trabalhavam directamente para *Elysium* foram fechados. Foi por causa desse projeto que esse Lugar se tornou o mais conhecido dos Três Lugares entre etólogos.
Na comunidade Hunt já era a comunicação com outras criaturas marinhas a tornar-se um foco importante. Eles investigavam na altura *se* e *como* lulas e polvos invertebrados conseguiam captar ondas de pensamento emitidas por vertebrados.

Partilhei as minhas reflexões com Delun e Babitha durante uma visita deles à minha mãe. Estavam muito interessados em interligar o que dizia com a falta de compreensão mesmo de outras línguas e culturas humanas e como durante séculos possuidores arrogantes usaram isso como álibi para incitar pessoas ignorantes ao massacre e ao assassinato.
Os assassinatos implacáveis em guerras entre si eram às vezes também retratadas como uma espécie de extensão da necessidade de matar para se alimentar, o que parecia um argumento muito duvidoso para Delun. Pelo que se sabia, disse

ele, a espécie humana era a única espécie em Terra que tinha desenvolvido uma cultura baseada na acumulação de riqueza e bens pessoais. A própria espécie tinha de seguido criado inúmeras regras quanto a isso. Estas regras faziam com que aqueles que possuíam mais tivessem crescentes vantagens sobre aqueles que possuíam menos. A espécie tinha cunhado o termo *economia* para descrever esse sistema de regras.

Babitha contou como homens poderosos de Erebúm haviam conquistado muitas partes da Terra, frequentemente expulsando ou matando tudo que lá se movesse. Quando os seus descendentes por sua vez se tornaram poderosos o suficiente nessas novas áreas, eles adotaram a propensão dos seus ancestrais para reocupar, expulsar e matar.

***

A minha filha pode ser tão teimosa quanto era o pai. É quase impossível pará-la quando desenvolve o seu assunto favorito. Mas, no meio de uma conversa na qual estavam também Zanaibu e Idrissa. consegui fazer com que Delun falasse sobre outra coisa durante a sua visita com Babitha.

Ele próprio ficou encantado com a minha ideia. Tinha novamente encontrado o nome Claudius Cardinalis, agora numa análise crítica acerca da Igreja durante a Reforma e a Contra-reforma. Sabia que Sayen, Catherine e Lev tinham encontrado o nome quando estavam a examinar cartas e cadernos saídas da Biblioteca Paulo Demeester. O seu nome aparecia mais uma vez ao lado do nome de Pieter Lesmeister agora num documento talvez escrito por um primo. Delun afirmava ter a certeza de que se tratava do mesmo Claudius e

queria investigar o assunto mais a fundo.

Zanaibu e Idrissa procuravam com as minhas filhas e comigo se existiam mais precursores relativamente a Ignarometria. Pareceu-me que a ajuda de Delun poderia ser útil para recuar mais no tempo. Convenci-o rapidamente a participar e disse-lhe que Babitha também seria bem-vinda. O grupo cresceu. Além de Binh Pham, Zanaibu, Idrissa e Catherine participavam agora também Delun e Babitha. Liberty continuava a ter dúvidas se ia ou não integrar o grupo, mas achei que conseguiria convencê-la. Delun mencionou poder existir publicações impressas acerca da Ignarometria em Arqueopolis ainda e sugeriu a sua vinda para o Espaço JCD.
Conhecia Delun também devido aos projetos de livros infantis com a minha mãe. Desde algum tempo Delun conversava regularmente com meu pai Chaytan. Frequentemente criava objetos inspirados nas ilustrações nos livros infantis. Tratava-se geralmente de brinquedos ou reproduções usados por grupos de aprendizagem. Assim como ler livros impressos, tocar e experimentar o uso certos objetos era importante para muitas crianças.

***

A mãe insistia muito para que me envolvesse nos seus projetos. Afirmou que etimologia, filologia e comunicação estavam intimamente ligadas, mesmo quando se tratava de conversas com outras espécies. Mas eu continuava hesitante acerca daquela história da saga.

Zanaibu e eu decidimos falar com Dusan e Lupe sobre a viagem deles ao redor do mundo. Foi há cerca de vinte anos e fizeram uma visita a uma comunidade do Tipo 2 diferente das duas que nós visitámos. Alguns anos depois quando a minha irmã e eu estávamos a gravar conversas com nossos avós para o projeto Saga o avô Lev disse-me que quem estava a acompanhar o projeto *DiSoCol* só começou a perceber por dentro essas comunidades depois daquela viagem.

Diante das nossas preocupações acerca da comunicação, queríamos hoje obter mais informações. Após alguma pesquisa conseguimos localizar o filho do trabalhador que na altura explicou Lupe e Dusan como viviam. Chamava-se Joe. Tinha-se entretanto casado com Beth. Conseguimos convencê-los a participar de um pequeno estudo. O nosso objetivo era de perceber melhor como funciona o pensamento não pluralista. Explicámos a Joe e Beth que estávamos interessados em aspectos da formação de mitos e na categorização de outros seres humanos e como isto influenciava o pensamento mais ou menos pluralista.

Mas foram preciso vários meses até podermos avançar. Queríamos envolver o Conselho da Bibliopolis, e possivelmente o Conselho Interpolis para focar mais sobre a comunicação entre comunidades que estavam separadas há muito tempo. Explicamos que estávamos a investigar se havia alguma disseminação de mitos a respeito d*a Rede*. Caso houvesse, queríamos saber se era necessária desenvolver trabalho para que as comunidades do Tipo 2 e nossa sociedade do Tipo 3 pudessem continuar a evoluir pacificamente lado a lado. Os

grupos de trabalho do projeto *DiSoCol* acharam uma boa ideia e até sugeriram que não nos limitássemos a um único local. Combinámos então visitar uma segunda comunidade e colocaríamos as perguntas aos moradores com poucas posses. Com base nas respostas, entrevistaríamos também os administradores.

Joe e Beth conseguiram reunir cerca de trinta habitantes da sua comunidade num centro comunitário perto da sua casa para conversar connosco. Não se tratava portanto dum estudo estatístico, mas sim de uma amostra. Na outra comunidade também conseguimos reunir cerca de quarenta pessoas dispostas a conversar connosco em troca de um pequeno pagamento… tempo é dinheiro… mais um exemplo. O tempo que eles gastaram conversando connosco não puderam realizar o trabalho pelo qual eram pagos com os *coins* do sítio.

O Conselho Interpolis tinha nós aconselhado de contactar primeiro os administradores de ambas as comunidades. Explicámos que estávamos a desenvolver um pequeno projeto para perceber como raciocinavam as pessoas que tinham poucos recursos em relação aos outros dentro e fora da comunidade. Depois dos contatos iniciais os administradores pediram-nos de apresentar as nossas conclusões. Pediram-nos também de assinar uma declaração em que não faríamos propaganda para a *A Rede* e as comunidades vivendo sem dinheiro.

Não compreendemos bem a exigência relativa à propaganda. A nossa própria ética, incorporada nos Princípios e nos grupos de aprendizagem ajuda-nos a ser empáticos com os outros, mesmo quando nós próprios temos dúvidas sobre convenções culturais

que nós não utilizamos. Eles pensavam de forma diferente. Um dos grupos do projeto *DiSoCol*O ajudou-nos ao escrever um curto e claro memorando. Enviámo-lo aos membros do conselho esclarecendo não tomarmos decisões pelos outros, apenas com outros. Neste caso concreto actuávamos somente como curiosos recolhendo informações.

O Conselho Interpolis forneceu-nos mais algumas pedras preciosas para trocarmos nos dois 'bancos' locais por números numa folha electrónica acompanhado do respectivo cartão para passar números da nossa folha para cada uma dos nossos entrevistados e assim compensar o tempo gasto por cada um. O mesmo cartão permitiu-nos também transferir números para a folha de quem nos forneceu um quarto com serviço básico por cerca de um mês.

Produzimos posteriormente a publicação na qual confirmámos uma das nossas hipóteses. Entre aqueles que possuíam menos e por isso continuavam a ser referidos com o termo *pobres,* o tempo de aprendizagem e escolaridade básica eram bastante limitados. Além disso essa casta de habitantes das Comunidades de Tipo 2 era geralmente auxiliada por algumas regras emergidas de dois movimentos pré-Refundição: o Triple Bottom Line e as propostas Bregmanianas para um rendimento mínimo garantida. Ambos os movimentos adotaram quando surgiram uma postura igual de não aceitar o credo de que os pobres eram os culpados pelos problemas económicos surgidos antes do *século da reviravolta.* Os seguidores de ambos os movimentos que levaram à idealização da Comunidade Tipo 2 depois da Refundição perceberam como a posse e o poder quase sempre

evoluíam para formas de agressão e corrupção porque aqueles com menos poder queriam mais poder sem por isso dispor de largos sentimentos de empatia.

Segundo os seguidores de Bregman, quem tinha o clássico poder baseado em posses iniciava por vezes histórias falsas, especialmente dirigidas aos próprios Ignorantes. Ainda na era das Megapoleis, as notícias dos canais populares pintavam frequentemente quadros negativos retratando os que não trabalhavam como aproveitadores. Ao mesmo tempo contavam-se histórias de glamour acerca dos que possuíam grandes rendimentos provenientes de heranças ou capital ou seja não fazendo também não nenhum trabalho contra salário. Sobre a relação empregador-empregado havia poucas ou nenhumas análises acessíveis aos Ignorantes. Tampouco havia uma análise séria de como os poucos empáticos Bloomcampers passavam muito do seu tempo a acusar-se mutuamente de atividades ilegais. Geralmente esquecia-se que mesmo no que se chamava um regime democrático, o conceito de legalidade era unicamente determinada pelos grupos de pressão dos próprios Bloomcampers. Regras e acordos existiam muitas vezes apenas entre aqueles que possuíam mais e portanto, detinham mais poder. E mesmo essas eram facilmente violados pelos próprios. Porque a posse assumia muitas formas. A mais grave era certamente a de exércitos públicos semi-privados ou completamente privatizados. Visto à posteriori, os *Cou-Clib-Clans* foram talvez os mais agressivos.

O conceito Triple Bottom Line reduziu possivelmente um pouco a desigualdade e compensava algo a falta de empatia que

caracterizava os líderes mais ambiciosos. De certa forma, o conceito apelava a ética daqueles que fizeram fortuna, embora muito menos do que a preocupação expressa pela *RecIn* e posteriormente incorporado nos Princípios da Antropogogia e do Ecossistema muitos anos mais tarde. Foi uma iniciativa da qual alguns Gestores de Fundações por vezes extraíram ideias, nem sempre concretizadas, para manter viáveis a sociedades do Tipo 1 antes da Refundição. Eles sempre permaneceram comprometidos com o padrão cultural abrangente que uma atividade humana devia ser alvo de retribuição monetária sem por em risco os ganhos inerentes ao posse de uma fortuna.

Talvez seja oportuno recordar aqui que o padrão cultural subjacente à Rede é a da sociedade convivial Illichiana. Segundo a EquivaGente essa abordagem já era a base de determinadas comunidades de aprendizagem antes da Refundição com o intuito de estudar maneiras de conseguir que as três formas de sociedade coexistissem sem excluir qualquer uma delas por meio de decisões ditatoriais e perseguições.

Segundo os investigadores d*a Rede* a própria evolução moldará o futuro da espécie humana. A história das formas culturais desenvolvidas pela espécie humana é longa, assim como a de todas as adaptações artificiais aos fenómenos naturais. A história é extensa demais para que alguém a compreenda por completo. Estava claro há muito tempo tanto para os investigadores d*a Rede* quanto para os antropogogos integrando a CIA que todos só poderiam efetivamente participar do projeto humano se todas as influências restritivas sobre a aprendizagem fossem evitadas.

Por extensão havia uma atenção constante para evitar recaídas em dogmas, na criação de mitos ou na apologia do pensamento único. Sempre era possível voltar para qualquer tópico sobre o qual EquivaGente desejasse dialogar. Isso era naturalmente mais fácil numa sociedade sem dinheiro do que numa sociedade tributada. O projeto *DiSoCol* tornou-se possível devido a ausência do dinheiro. Através do Princípio da Partilha, ficou claro para toda a EquivaGente da Rede de *Convivialis Civitas* que o uso comunitário em vez da propriedade pessoal era simplesmente um acordo cultural.

Nada era nem é dado como certo. Continua a haver uma constante abertura para reformular os projetos sempre que necessário, levando em consideração os nove princípios. Esses princípios são dinâmicos e, frequentemente, são as próprias comunidades de aprendizagem que buscam maneiras de otimizar as suas experiências. Consequentemente ajustes eram e continuam a ser feitos nas descrições de cada princípio.

O nosso projeto servia principalmente para tentar perceber até que ponto grupos de aprendizagem ou outras formas de ensino e escolarização para as novas gerações foram influenciados por estruturas míticas criando dicotomias levando quase sempre a uma interpretação positiva ou negativa. Os grupos de aprendizagem d*a Rede* analisam como essas dicotomias emergiam e se e como este processo era influenciado por uma hierarquia rígida. Esperávamos conseguir esclarecer isso aos administradores e tomadores de decisão das comunidades Tipo 2 para que pudessem refletir sobre o assunto caso tivessem vontade de o fazer. Acreditávamos que essa era uma forma de promover o

pensamento pluralista. Não era de todo a nossa intenção de os obrigar a adotar a nossa abordagem educacional. Contudo queríamos mostrar isso sim, por que evitávamos reduzir os nossos próprios grupos de aprendizagem à abordagem instrutiva deles, exatamente para não corromper a forma pluralista de pensar. Os grupos de *RecIn* e o projecto *DiSoCol* só orientava com os nove princípios a natureza dos grupos de aprendizagem. A EquivaGente está envolvida da forma como cada um escolha, direta ou indiretamente, por meio de subgrupos de trabalho ou através de informações quando por razões próprias, não participava diretamente. No entanto, cada pessoa tomava as suas próprias decisões sobre um assunto pessoal. No caso de decisões de grupo, dúvidas ou sugestões que surgissem eram sempre consideradas. Na Rede havia sempre tempo. Esse aspecto fazia parte do Princípio da Heterogeneidade e era um elemento do pensamento pluralista.

Em 122.03 HE o pai ia completar cinquenta anos. A mãe estava agora completamente imersa no projeto da saga acerca da família de antropogogos. Como muita gente a nossa mãe era também sensível a números redondos, mesmo sabendo que aqueles números de aniversário eram simplesmente um sistema de contagem inventado pelo homem. Seja como for queria oferecer o projeto Saga como presente de aniversário ao pai em Dwiterómehns do ano que se anunciava.
Entretanto já tinha incorporado as ideias dos avós Lev e Sara de para cada familiar evocar o contexto social e o espírito da época. Ela queria assim mostrar a interligação entre os antepassados do pai, a história da ignarometria e a da antropogogia. Idrissa

Zoungrana tinha prometido sistematizar tudo até os anos dele. Além disso ajudava a compilar melhor a nossa árvore genealógica do lado do pai. Delun queria obviamente mencionar Claudius Cardinalis algures numa parte da história. Sob a influência de Sayen, sugeriu que seria interessante fazer coincidir o início da história com as primeiras tentativas de renovação da aprendizagem dialogada em língua vernácula por volta da época de Comenius.

***

Assim, no dia 20 de Dwiterómehns, anunciei ao meu querido marido que tinha concebido um plano para escrever juntamente com outras cinco pessoas uma saga da família dele sobre antropogogia e ignarometria. A história receberia o título *A Saga dos Antropogogos*.

Os nossos amigos e conhecidos sabiam, é claro, que convencer Alberto para uma festa de aniversário decente era uma tarefa impossível. No entanto, eu tinha estrategicamente combinado com Binh Pham e Delun de estarem em casa naquele dia. Idrissa e Zanaibu apareceram com as suas famílias para o lanche da tarde que então como por acaso se transformou num jantar juntos.

Alberto riu-se e comentou que tinha mais uma vez conseguido organizar um encontro agradável sem festa. Mas tinha sérias dúvidas acerca da ideia da Saga. Em primeiro lugar não via a necessidade sequer de a escrever. O Espaço JCD não ia já disponibilizar em breve todas as descobertas de Megalissipo para qualquer pessoa interessada na ignarometria anexo antropogogia? A antropogogia por outro lado não era uma

invenção da família dele. Seria bastante arrogante usar o nome *A Saga do Antropogogos* para uma história desta natureza. Freire e Illich, para citar apenas dois, não eram muito mais importantes do que a própria família dele a este respeito? É certo que na época deles se falava mais de *androgogia*. Felizmente, pessoas como Kenneth D. Benne, Roque Luís Ludojoski ou Félix Adam descobriram embora tardiamente que metade da humanidade era feminina. Por isso propuseram o termo *antropogogia* mais neutro de género. De seguido Benne falava de «*A aprendizagem e (re)educação de pessoas de todas as idades para consolidar uma base adequada para a sobrevivência humana, enfatizando a importância de dominar os processos de pensamento crítico e inovador e a capacidade de ouvir e comunicar com outras pessoas que têm visões divergentes sobre o mundo*». E Kenneth D. Benne certamente não era parente nosso, acrescentou Alberto, olhando-me diretamente nos olhos. Mesmo algo como *A Saga da Ignarometria,* talvez fosse historicamente mais preciso, soava-lhe arrogante. Ele insistia em como a sua família não inventava conceitos. Antepassados dele tinham simplesmente tentado de ouvir atentamente e de ler o que outros produziam. Então, ele achava que seria melhor procurarmos um título diferente. Melhor ainda seria de simplesmente abandonar todo esse projeto insano. Mas acrescentou que me conhecia há tempo suficiente para prever que esse projeto ia dar uma longa história… é claro, sabia exatamente ser isso que iria acontecer.

Mais tarde naquela noite Liberty e Dulan apareceram também em casa, acompanhados de Catherine e Halona. Ultimamente os

dois tinham mais tempo em casa de Catherine e Halona do que nas nossas. Alias os dois marotos anunciaram que iriam morar juntos. Tinham encontrado uma casa boa e disponível no bairro Michel Foucault. Além disso, Alberto soube da filha mais velha que já se tinha entusiasmada com o projeto da Saga.
Liberty estava feliz de encontrar Zanaibu ai. Ela tivera uma longa conversa com o seu primo Wolfgang. Este queria organizar a viagem a Marte de que já tinham falado algumas vezes. Segundo o Conselho Interpolis poderia já ser dentro de quatro anos depois de ter ouvido as diversas Polisses e Bases Lunares envolvidas em projetos espaciais. Pedia a Zanaibu de participar nos preparativos para essa viagem. Ela foi afinal uma das investigadoras a chamar a atenção a EquivaGente para a necessidade de discutir o pluralismo e como se tornava mais difícil quando surgia a formação de mitos. Agora que a gestão das Fundações em Marte estava gradualmente a ficar em mão de uma nova geração tal viagem era certamente apropriada.
Liberty tinha outra grande novidade. Joe e Beth decidiram visitar Bibliopolis acompanhado do filho John. Foi uma decisão difícil. Os líderes da sua comunidade tinham desde o início deixado claro que não havia nenhuma garantia de que teriam posteriormente a autorização para voltar para casa. Exigiria pelo menos um exame psicológico completo, principalmente relacionado com perspectivas culturais sobre estruturas sociais.

Joe, Beth e John ficaram hospedados numa das casas para visitantes durante algumas semanas. Não tardaram de surgir tensões com as autoridades locais da sua cidade de origem quando equacionaram o regresso. Segundo a investigação

realizada antes deste possível regresso Joe e Beth tinham-se demasiado bem acostumado à sociedade sem dinheiro. O regresso deles provocaria inquietação. Joe e Beth tinham quase cinquenta anos. O filho de vinte anos não tinha sequer vontade em voltar para a região de Waçúm onde nasceu. Ali, em Bibliopolis John tinha muito rapidamente encontrado um círculo de jovens que o inspiravam com os seus estudos e os projetos. Joe e Beth foram no entanto autorizados para manter contato algo limitado e à distância com familiares e amigos na sua terra natal. Mas suspeitavam que as suas conversas com os amigos estavam as ser escutadas. Por isso falavam sobretudo das suas atividades na horta da casa de acolhimento, deixando transparecer que este trabalho substituía o trabalho remunerado de arranjo de roupas que faziam anteriormente.
Pouco depois decidiram mudar-se para uma casa disponível. Nas semanas seguintes, John e as gémeas de Dusan e Lupe repuseram a horta da casa de acolhimento de modo a estar parecida com o que encontraram. A sua nova casa ficava perto da casa onde moravam os meus pais. O meu pai abordou Joe para criarem em conjunto novos objectos para os grupos de aprendizagem.

Todo o ano seguinte Joe ainda conversava regularmente com os seus antigos colegas de trabalho em Waçúm. Explicou como escolhiam os projetos para criar os materiais de apoio aos grupos de aprendizagem.
Recebeu então uma mensagem dos governantes locais informando que ficou fora de questão ter uma permissão para entrar na sua antiga cidade nem sequer para visitar parentes. Contudo, o retorno continuava possível após um período de

requalificação profissional, durante o qual renunciariam à sociedade sem dinheiro. Depois voltariam às suas ocupações anteriores sem nova saída. A reação não só deixou claro que o conteúdo de suas conversas tinha de facto sido ouvido, como também convenceu Joe e Beth de que tinham feito a escolha adequada com a qual estavam felizes apesar de terem ser banido da sua cidade natal. Mantiveram contatos mais esporádicos com parentes seus por vídeochamada.

No início do ano 122.04 HE, Binh Pham, Delun, Idrissa, Zanaibu e Catherine já me tinham garantido a participação na escrita da Saga. Catherine acrescentou no entanto não ter a certeza se seria capaz de escrever. Agora sabemos que ela era modesta demais, não é? Seja como for, pressentia que precisava de entusiasmar mais pessoas para o nosso projeto de escrita. Se Delun estava determinado a escrever a história desde a época de Comenius, então, além daqueles familiarizados com os nossos próprios arquivos até os avós de Paulo Demeester, também precisávamos de alguns candidatos habituados a navegar pela História anterior ao que tínhamos no Espaço JCD.
Falei com a Moana Southpath. Via-a regularmente na seção de História da Biblioteca Central. Ela já me tinha dito haver bastante material em Bibliopolis sobre o período a partir do Iluminismo. Ela estava em contato com outros membros da Bibliopolis a respeito de um aspecto específico desse período. Ela tinha particular interesse em todos os tipos de movimentos de libertação. Ela interpretava o termo de forma bastante ampla. Até considerava os movimentos de protesto iniciais contra os excessos de alguns líderes religiosos como ações libertadoras,

mesmo que posteriormente tenham levado a novos dogmas. Era muito boa na suas pesquisas e às vezes conseguia fazer conexões inesperadas…

Se deixássemos fazer Binh Pham e Delun eles incluíam na Saga a história da comunicação desde que Homo Sapiens começou a produzir pinturas. Até queriam incorporar a comunicação entre espécies no projeto! Além disso Delun tinha uma predileção pela história toda da palavra impressa e Binh mostrava-se tão entusiasta como ele. Era preciso manter os olhos nos dois, caso contrário o projeto todo tornar-se-ia extenso demais. Não tínhamos a intenção de rivalizar em tamanho com a enciclopédia de Diderot e D'Alembert com um escrito centrado sobre a aprendizagem dialogada e a ignarometria…
Mas fiquei contente de saber que Delun tinha convencido a Umut a participar do nosso projeto. Ele conversou sobre as interligações entre o aparecimento da imprensa e a divulgação ainda mais maciça das mitologias. Eu não sabia muito bem como chegou a essa conclusão. Contudo, Umut apareceu na próxima reunião e não faltou uma unica a partir daí.

Por volta do segundo equinócio daquele ano, Zanaibu encontrou-se com Sayen. Zanaibu sugeriu-lhe não participar no projeto só à distância. Ela sabia, é claro, que Sayen tinha surpreendido Delun, Catherine o meu sogro e até mesmo o próprio Alberto com documentos relacionados com a história da família. Além disso, no curto período desde que se dedicou inteiramente à estudar a aprendizagem dialogada, Sayen já tinha decifrado mais a respeito de grupos institucionais, vindo

da Biblioteca Paulo Demeester. Traçou um panorama muito claro acerca da diferença entre um paradigma de instrução hierárquico e um paradigma de comunicação no qual todos participam da autoria do processo de aprendizagem. Os diálogos com Lev e Alberto foram imensamente estimulantes à medida que ela gradualmente sistematizava as suas descobertas.

Pouco depois, Idrissa e Babitha contaram-me que tinham recebido novos e interessantes textos vindos de Bibliopolis e de Culturopolis e relacionados com a história da opressão dos proprietários sobre os não proprietários. Além disso, havia uma linha de pesquisa sociológica ignarométrica bastante recente que confirmava cada vez mais a ligação causal entre propriedade e opressão. Poderíamos inferir disso que o inverso também era verdade? Poderíamos dizer que sem existir desejos de propriedade pessoal, o desejo de oprimir outros seres humanos desaparecia? Havia pequenos indícios neste sentido. Afinal, desde a Refundição, era possível comparar as relações entre grupos de EquivaGente em sociedades do Tipo 3 com as relações entre grupos de pessoas em comunidades ou sociedades do Tipo 2 e do Tipo 1. Só por essa razão aquele projeto no qual a nossa filha mais nova estava envolvida implicando uma visita a Marte pareceu uma contribuição útil.

Assim seja…

Até o final daquele ano o nosso grupo inicial de cinco entusiastas tinha duplicado. Além de Binh, Idrissa, Delun, Zanaibu e eu, juntaram-se agora a nossa filha mais velha, a Moana, a Babitha, a Sayen e a Umut expressando interesse em escrever. Com este

grupo chegamos até a elaborar um primeiro esboço da trama. A ideia era de ter ano 116.05 HE (1605 d.Chr.) como ponto de partida para terminar por volta do ano 122.05 HE.

***

Wolfgang contou-me que quem estava envolvido em pesquisa espacial, mecânica quântica e matemática tinha adquirido uma compreensão cada vez mais concreta de como exatamente funcionava o sistema de propulsão TWIST. A caixa-preta estava, de alguma forma muito menos preta. Isso devia-se em parte a uma melhor compreensão de toda a abordagem de quem tinha trabalhado com Fernanda Mestre. No início tinham-se deixado muitas vezes levar por uma espécie de intuição. Cálculos mais precisos foram realizados desde então. O número de Rovelli-Mestre desempenhou um papel fundamental mas agora perceberam melhor o porquê. Isso tornou muito seguro o uso da propulsão TWIST na sua potência máxima. Os engenheiros espaciais possuíam agora um conhecimento técnico preciso e completo de todo o processo e sabiam exatamente a partir de que momento os riscos se tornavam grandes demais para experimentar algo de novo durante voos tripulados.

Há mais de um ano li algures como a minha trisavó ao estudar o trabalho de entre outros Cohen e Rovelli, relacionou-o de imediato aos espaços de Hilbert nos quais estava muito interessada. Ganhou destaque no mundo da matemática após de publicar o seu trabalho sobre os axiomas de Wightman. Talvez tenha sido sob o incentivo da comunidade de Hunt que abandonou as mais ousadas teorias WARP e se concentrou na estrutura matemática que tornou possível a propulsão TWIST.

Ah, essa comunidade Hunt com as suas constantes referências à Inteligência Não-Terrestre. Já estava novamente a pensar na comunicação entre espécies. Não se resume a comunicação a como transmitimos informações mutuamente?

***

Sim a minha irmã podia bem ter algumas ideias pouco comuns sobre ondas para transportar energia. Baseou-se em investigações feitas durante o Hectano 120 antes de Bloomcamp interromper o seu financiamento. Ela visualizava a natureza não apenas com base no que os sentidos humanos podiam captar, mas também na base de pura energia e ondas de energia. Ela relacionou tudo o que conhecia de publicações acerca de energia e de conversão de energia com experimentos conduzidos no âmbito da comunicação entre indivíduos não humanos no planeta Terra. Ao fazê-lo valorizou os primeiros passos da comunicação entre indivíduos de diferentes espécies. Demonstrou como cada espécie é limitada na interpretação da natureza pelos próprios sentidos da espécie que transmitem informações para próprio cérebro biológico ou equivalente.

Espécies sentem portanto a informação de uma maneira própria e desenvolvem assim uma imagem do seu ambiente imediato e das relações entre os encontros dentro desse ambiente, bem como do cosmos como um todo.

As limitações sensoriais em todas as espécies e também nos seres humanos provocam assim uma aquisição de conhecimento labiríntica e talvez caótica devido à fragmentação. No campo das ciências naturais, isso poderia significar que a matemática humana parecendo descrever os fenómenos naturais, seja

fortemente influenciada pela forma como nosso cérebro processa as informações sensoriais que recebe. Talvez seja essa a razão porque não conseguimos descrever certos aspectos da natureza, pensou minha irmã. Considerou poder ser um assunto a estudar por um grupo de trabalho investigando os fundamentos da natureza constituído por habitantes do sistema solar e outros, já que, segundo a comunidade Hunt, existem seres dotados de inteligência fora do sistema solar. Imaginemos poder sentir e interpretar a energia de uma maneira diferente. Teria isso consequências para a forma como podemos detectar e, por que não, amplificar ondas cerebrais e talvez ondas de pensamento entre indivíduos? Ela confidenciou que esse tipo de reflexão ocupava constantemente a sua mente. Acrescentou que ela e Dulan frequentemente filosofavam sobre isso. Mas como realizar experiência a partir dessas ideias?

Por enquanto continuava a reflectir acerca da natureza *artificial* da comunicação humana sempre que transmite conceitos e definições abstratas. Ela acreditava que isso era bem diferente de transmitir simples sinais biológicos relativamente ao alertar da presença de um predador ou de estar a procura de um parceiro. Tal como Joana Demeester cerca de duzentos anos antes a minha irmã, ela prefere usar os termos inteligência eletrónica e inteligência biológica quando discute formas mais avançadas de inteligência que fazem formalizar esquemas abstractas. Ela considerava-as duas aparências da inteligência *artificial*, da inteligência que cria. Colocava nesse contexto o significado de artificial como sendo de todo tipo de arte. A arte envolvia uma habilidade desenvolvida de compreender as coisas

e isso podia ter uma base eletrónica ou biológica.

Entretanto Liberty decidiu mesmo que ia acompanhar Wolfgang na viagem para Marte. Durante os últimos preparativos ela trabalhou novamente com Zanaibu. Numa pausa no trabalho Zanaibu contou o que sabia sobre a chegada de sua própria família ao Paraíso. Junto com Idrissa e os respectivos avós ela tinha conseguido reunir muitas lembranças de família. Zanaibu conhecia todas as histórias sobre o quase lendário hidroavião do seu tetravô Dakari. Foi com este avião que apanhava Livros Vagantes nos primeiros anos de Paraíso dos Livros. Ela também sabia como o Dakari terá parcialmente convertido as suas posses em terras vedadas a mineração e portanto protegidas da exploração. Isso deve ter sido na década de 2090 d.Chr. (120.90 HE), pouco antes de toda a família partir para Paraíso. Após o Inverno Vulcânico e a destruição quase completa dos centros administrativos possuir terras era obviamente um conceito bastante irrelevante. Além disso a família tinha-se há muito integrado n*A Rede* e portanto adotado a sociedade sem dinheiro com princípios orientadores muito diferentes daqueles adotados pelas Comunidades Tipo 2.
Talvez as comunidades Marcianas tinham mantidos a Sociedade de Tipo 1 por não haver comunidades com outros princípios orientadores. Liberty acreditava que dada a escassa presença de comunidades Bregmanianas em Terra e a ausência de comunidades de Tipo 1, a comunicação permanecia possível entre comunidades de tipos diferentes. Não havia hierarquias das comunidades Tipo 2 a querer assumir o controle total da sua estrutura organizacional em nome da propriedade. A Sociedade

Tipo 1 de Marte era mesmo para as comunidades Tipo 2 algo de muito distante. Para *A Rede* assumir o controle de outra organização social era algo sem sentido.
Mas certamente valia a pena saber o que a hierarquia marciana pensava sobre a vida na Terra. A EquivaGente considerava que formas complexas de vida baseadas em hidrocarbonetos, nascidas e criadas num planeta com gravidade muito menor que no nosso, levariam muito tempo para se adaptar ao nosso planeta. Mas ninguém sabia exatamente quais recursos biónicos eles tinham à sua disposição.

Entretanto a mãe ocupava-se do projeto conjunto idealizado. Discutiu o enredo agora mais desenvolvido numa reunião com os dez interessados. Binh Pham pensava que todo o período da Refundição e mesmo os últimos anos antes do Inverno Vulcânico poderiam ser contados por EquivaGente da geração do seu pai Can que viveu o período. Aliás o pai o aconselhara de incluir Lev no grupo de escritores. Não era ele além de mais o antepassado direto de Alberto? A mãe riu-se a ouvir a sugestão aproveitando para anunciar que Liberty também estava a considerar de integrar o grupo. Contando com ela próprio, isso ja elevava o total para doze escritoras, incluindo-a ela.
E assim a próxima reunião contava com a presença do avô. Liberty informou-nos que não tinha muito possibilidade de apoiar de momento. O avô Lev gostou muito da ideia de Delun para ir mais para trás no tempo do apelido Demeester. Certamente seria interessante incluir quem viveu na época da *Res Publica Literaria* de que ouviu falar em novo num Círculo Illich do pai. A CIA traçou de resto uma relação entre o

Movimento da Escola Nova, Freinet, Dewey e a figura de Jan Amos Comenius… Portanto seria certamente interessante saber se a família se ligava de facto de alguma forma ao Wolfgang Magister, Pieter e Dieudonné Lesmeister a quem o tipógrafo se referia. E depois devíamos ver se era possível determinar se Dieudonné Lesmeister e Dieudonné Lemaître eram a mesma pessoa. O segundo plano estava a formar-se.

No final daquele ano Pablo Márquez chegou à Bibliopolis vindo de Culturopolis. Tinha iniciado uma investigação sobre Novos Ignorantes. Foi a definição dada pelo grupo de trabalho que integrava quando se referia a todas as pessoas vivendo na sociedade autoritária durante o *século da reviravolta* e sem ou com fraca formação no Conhecimento. Eles receberam uma escolarização cada vez menor consistindo numa instrução muito básica e não crítica. No seu dia a dia a grande maioria utilizava apenas material pré-fabricado de fraca qualidade. Deslocavam-se quase só no próprio distrito recorrendo ao GPS embutido em telemóveis. A grande maioria nunca leu um mapa. Viam somente notícias selecionadas por eles ou para eles em vez de jornalismo investigativo cada vez mais desaparecido. Tinham uma visão meramente antropomórfica da natureza e raramente faziam uma observação direta. Pablo investigava o papel que podia ter tido o ensino a distância para criar esta nova realidade. O grupo de trabalho tinha como hipótese que a proibição crescente de contactos sociais no processo educativo não apenas fomentava sentimentos de insegurança na presença de estranhos, mas afetava de modo geral os relacionamentos

interpessoais. Muitos partiam do princípio que cultivar Novos Ignorantes tinha sido uma escolha deliberada.
Miguel Márquez era o avô de Pablo e costumava contar-lhe da sua participação na *RecIn* e o no grupo que antecedia a *CIA* durante a Refundição. Entrava na altura frequentemente em contato com Emmy Lehrman e com o seu parceiro Malcolm ambos de Bibliopolis. Os pais por sua vez falavam muita vezes da visita de Dusan e Lupe. A viagem que fizerem bem como outras viagens de outros participantes nesses grupos de trabalho ajudou a EquivaGente na altura a fazer a *RecIn* para reunir todo tipo de propostas de exemplos a incorporar nos princípios orientadores d*a Rede*. Tudo isso aconteceu até pouco antes de seu nascimento.
Quando chegou, Pablo procurou o meu pai na Biblioteca Central de quem levava o contato. Eles deram-se logo bem como Pablo dizia mais tarde. No mesmo dia da sua chegada, o meu pai acompanhou Pablo até a casa de Dusan e Lupe. Estes ficaram radiantes em receber um membro da família Márquez. Tiveram sempre tido a esperança que isso podia acontecer um dia. Garantiram-lhe que podia ficar com eles o tempo que quisesse.

Um dia ou dois depois do primeiro encontro, o meu pai convidou Pablo para participar no jantar em casa. Naquele dia a minha irmã e eu também estávamos lá. Pouco depois chegaram Zanaibu e Sayen.
Liberty e Sayen começaram uma animada conversa acerca dum ponto de discórdia em relação a aprendizagem dialogada. Segundo a minha irmã era fácil de convencer qualquer pessoa a organizer a aprendizagem em conjunto dessa forma. Sayen

tinha sérias dúvidas. Aqueles que tinham pouco ou nenhum contato com esse tipo de aprendizagem dialogada achariam a instrução hierárquica muito mais eficiente. Toda a história até a Refundição ilustrava isso claramente. Zanaibu pensava que a comparação não era totalmente apropriada, porque Sayen estava a falar de uma cultura onde a propriedade pessoal era a base de tudo enquanto Liberty falava de uma cultura onde o Princípio da Partilha e da Empatia eram as duas marcas talvez mais significativas.

Claro que Liberty estava a pensar em Marte. Quando o referiu, Sayen continuava a pensar que os Marcianos não seriam tão fáceis de convencer, sobretudo se Liberty começasse a raciocinar a partir de uma perspectiva como a d*a Rede*. Até podia criar logo um conflito com os principais descendentes dos Gestores da Fundações. Liberty perguntou se obrigar subordinados a frequentar certas instituições de ensino seria ou não um sinal de falta de ética.

Pablo tinha até este momento escutado atentamente e tentava agora conter o fluxo de palavras de Liberty. Perguntou se ela não estava a pôr a carroça à frente dos bois. Não seria melhor verificar primeiro quais eram de facto as formas de educação em Marte? Não era o risco ético antes de não levar ou não levar suficiente em conta todo o contexto em que a cultura Marciana estava imersa? Talvez estava simplesmente a tirar conclusões óbvias no contexto d*a Rede*, mas não no contexto de uma Sociedade Tipo 1. Presumivelmente era a sociedade que iam encontrar lá. Ele observou de passagem que nos poucos contatos que tiveram com Marte nunca se discutiu aprendizagem e

escolaridade. Talvez as formas de educação não se baseassem apenas no paradigma instrucional como Sayen e Liberty pareciam presumir.
Com essa observação Pablo imediatamente tive toda a atenção de Sayen. Ela explicou não estar a presumir os marcianos terem um só paradigma educacional. Historicamente porém outras formas de aprendizagem sempre seriam a escolha de pequenos grupos de críticos, talvez clandestinos. Contudo, na altura da emigração para Marte, os que para lá partiram eram compostos *Elysianos* e críticos dos críticos terrestres, preferindo uma sociedade do Tipo 1. Ela não tinha como saber como a relação entre os diferentes grupos terá evoluído duas ou três gerações depois. Pablo considerou isso um ponto válido. Ao fim e ao cabo não fazia sentido especular sobre o assunto até haver informações atualizadas sobre Marte e os métodos educacionais usados com crianças.
Entre parênteses. Pablo contou-me algum tempo depois que se tinha sentado ao lado de Sayen naquele dia sem segunda intenção. Eu disse-lhe então que os olhares de todos os presentes mostravam outro entendimento, talvez exceto a própria Sayen…

Pablo perguntou se havia algum motivo específico para aquela reunião. Sayen e Zanaibu mencionaram simultaneamente se tratar de uma Reunião de Saga. Ele ficou muito surpreendido o Alberto não ter falado disso. Não lhe tinha dito ele que o motivo de sua vinda a Bibliopolis se relacionava com com Emmy Lehrman?
O meu pai levantou-se dizendo que ia ao quintal procurar

alguns ingredientes para o jantar. A minha mãe começou a rir. Ela disse ele continuar cético em relação a todo o projeto da Saga, mas que era sempre assim. Mostrava sempre sinais de resistência a um novo projecto. Ela até afirmou que mais cedo ou mais tarde o convenceria a se juntar à equipa de co-autores. Disse que já tinha pensado em algo para o atrair... Logo a seguir perguntou ao Pablo se estaria interessado em tornar-se o décimo terceiro membro do grupo. Pelo que percebeu, ele queria ler mais sobre os Novos Ignorantes. Havia muita informação nos cadernos de Greta Campos e do seu filho Sérgio. Este por sua vez foi o avô de Emmy Lehrman. Nos cadernos frequentemente discutiam as diferenças existentes na aprendizagem básica e o facto de que até o ensino básico no mundo das posses se apresentava sobretudo como um negócio. Foi o que levou Sayen a fazer algumas afirmações acerca da diferença de perspectivas sobre a aprendizagem numa sociedade de EquivaGente e uma Sociedade Tipo 1. Talvez até podiam juntos encarregar-se dessa parte. Era sempre divertido ter jovens a trabalhar juntos acrescentou em tom de brincadeira.

Sayen e Pablo coraram imediatamente pelo que o resto do grupo mudou de assunto. Havia muito para discutir. Idrissa conversou com Binh Pham e depois com Umut. Pensavam os três em como a ignarometria sociológica e a antropogogia institucional poderiam ser duas boas estruturas para entender como aprendentes moldam as suas interações com os objetos e entre eles. Isso podia servir como uma espécie de dupla linha mestre assim que o termo antropogogia aparecesse algures no decorrer do hectano 119. Para períodos mais recuados podiam

usar o termo pedagogia. A matriz ignarométrica serviria como referência sempre que surgisse a conexão entre arrogância e ignorância. Dessa forma poderiam explicar como durante o período de transição essa dupla abordagem interferiram para definir o conceito de sustentabilidade ao qual primeiro os grupos de *RecIn* e posteriormente do projecto *DiSoCol* dedicaram considerável atenção.

Uma semana antes da partida de Wolfgang e Liberty, *Saga's Thirteen* estava reunido no nosso jardim. A mãe falava a maior parte do tempo. O pai ouvia mas parecia se manter a parte. Nalguns momentos cochichava com a minha irmã. Ela própria disse novamente não querer envolver-se em outras atividades agora que a viagem a Marte estava por acontecer. Mas não ignorava o facto de o grupo estar composto por treze membros.
Começamos a esboçar um terceiro plano. A saga seria escrita em livros separados, cada um abrangendo duas ou três gerações. Isso significava que certos antepassados de quem sabíamos muito ou eram bons pontos de referência para um determinado espírito da época, poderiam aparecer em mais de um livro. Também concordamos imediatamente que cada livro seria preferencialmente escrito por mais de uma pessoa. Com possíveis exceções. Todos tinham total liberdade em relação a estilo de escrita e anexos úteis. Não queríamos inibições ai. Concordamos que a minha mãe poderia fazer correções gramaticais quantas vezes quisesse. Ela garantiria que apenas a versão mais recente permanecesse eletronicamente disponível. Cada livro teria um número de versão na sua ficha técnica.
Os entusiastas de informática entre nós decidiram organizar

todos os planos e todas as referências a documentos e livros na base de dados antigamente utilizada pelo Paulo Demeester para apropriar-se do tempo de Paulo e as suas filhas. Todos teriam remotamente acesso. Assim Liberty poderia se manter informada, pensou a mãe. Ela observou que a base de dados tinha que também estar permanentemente acessível a quem trabalhava no Espaço JCD e quem lá reunisse com outras pessoas. Aí acenou com a cabeça na direção de o pai.
Coitado dele.
A espada de Maria pairava sobre ele. Pelo menos assim parecia. Ele corajosamente continuava a fingir de não reparar nela.

Alguns dias depois, regressando do hub Erik Laithwaite, encontramos Mika e Aylen. Tínhamos acabado de nos despedir de Liberty, Wolfgang e os seus companheiros. Eles tinham embarcado no Magneto com destino ao hub da linha VSA. Um VSA os levaria ao local de lançamento para a viagem para Marte.
Mika contou-me que Sayen já várias vezes tinha levado Pablo lá para casa. Ahanu estava encantado com as visitas de Pablo. Na primeira contou-lhe que tinha vivido enquanto criança em Culturopolis ainda com o nome *Ultima Rosa*. Sayen queria mais detalhes. O avô dela tinha a idade do nosso avô Lev. Eles conheceram-se na lua. Divertiu-se ao desenterrar a história da visita clandestina deles à cratera [ver livro 12. *A Refundição do Mundo*]. Depois contou como os seus pais se cansaram rapidamente da Lua. Queriam voltar para a Terra o mais rápido que possível. Quando ficaram disponíveis três lugares no vaivém espacial para Bibliopolis, aproveitaram. E quando os amigos voltaram a Terra alguns anos mais tarde, os seus pais já estavam

totalmente integrados como geólogos no continente de Alkebulan. Com colegas locais monitorizavam a placa tectónica de Alkebulan e duas placas no sul de Waçúm.
Numa outra visita lembraram como o pai de Ahanu, Tala e Diego, o avô de Pablo, tentaram persuadir um grupo de místicos de mudar a conversa quando espalharam pânico após um eclipse solar. Isso ocorreu algum tempo antes do Inverno Vulcânico, provavelmente durante um pico de chegada de Novos Ignorantes sobre os quais o grupo de Pablo hoje estava a reunir dados.
Ahanu achou incrível que tudo isso acontecera havia apenas setenta anos e como um grupo tão vasto como os Novos Ignorantes diminui tão rapidamente. Não podemos esquecer claro que mais de dois bilhões de pessoas morreram durante o Inverno Vulcânico. Os habitantes da Lua e todos aqueles dos quais os pais lhes conseguiram procurar a tempo abrigo entre os trópicos podiam ainda hoje considerar-se sortudos.
Sayen e Pablo acharem impressionante o que as comunidades de aprendizagem conseguiram na Terra em apenas 70 anos ou pouco menos de três gerações, apesar da mortalidade mas para a qual não eram responsável. Para Mika já no início do Iluminismo havia quem sonhara com uma escola pública e gratuita para tornar os ideais de Comenius acerca do Conhecimento acessíveis a todos. Mas esta escola foi rapidamente desfigurada e destruída pelos dogmáticos amantes do dinheiro e da propriedade pessoal. Eles reduziram a escola pública a um programa de ensino instrucional e manipulador concebido para criar escravos modernos.

Lembrei-me de algo que o meu pai por norma sempre otimista tinha dito. Felizmente, aquela escola obrigatória e manipuladora dos Estados-nação só existiu por cerca de duzentos anos em toda a história do conhecimento humano e só numa parte do planeta. Rapidamente os governos ditos democráticos tinham se tornado cada vez mais autocráticos, destruindo pouco a pouco a escola que não queriam ter. Mas mesmo durante esta sombria existência da escola sujeitando as crianças a subordinação, pedagogos e antropogogos revitalizaram a aprendizagem dialogada. Criaram as bases para toda a estrutura dos grupos de aprendizagem para crianças. *A Rede* de *Convivialis Civitas* foi expressão disso.

Quando o meu pai voltou a falar do assunto algumas semanas mais tarde, a Sayen considerou que era um tema muito pertinente para a CIA. Compreender a história, disse ela, ajuda a orientar o futuro, mesmo em circunstâncias drasticamente alteradas.

Os Gestores de Fundações em Marte

Então, começamos a nossa nova aventura. Wolfgang estava muito animado com aquela viagem espacial. Já estava um pouco cansado das idas e voltas às bases lunares. E voar até uma estação de retransmissão entre a Lua e a Terra era tão monótono quanto uma viagem não tripulada com o CUA. Agora sentia-se realmente piloto.

Fiquei surpreendida por ver a Catherine um pouco nervosa quando se despediu de mim. O nosso primo tinha poucas dúvidas. Ele afirmava que havia apenas duas possibilidades: ou

tudo corria conforme previsto ou explodíamos assim que a Bolha Espacial se formasse completamente. A segunda opção era teórica porque os três voos não tripulados com a Bolha Espacial com plena capacidade da propulsão TWIST não tinham apresentado nenhuma anomalia. De seguida tomou nos pelos ombros e disse a Catherine que era um privilégio levar a irmã dela consigo. Além demais uma irmã tão respeitada na comunidade Hunt. Ele era agnóstico como a maioria da EquivaGente, mas acrescentou que com essas relações uma inteligência alienígena estava quase de certeza a deitar um olho protector sobre a Liberty. Rimos.
Dulan deu-me um beijo e disse que, quando eu voltasse, colheria não só os frutos daquela viagem mas pela primeira vez também das árvores que plantámos dois anos atrás.

Meio dia depois, Wolfgang, os outros três tripulantes e eu passámos do vaivém espacial para a a nave que nos levaria a Marte. A Comissão Espacial designou essa classe de naves pela sigla **RR**. Os arqueólogos industriais ficaram um tanto surpresos com a escolha do nome *Rolls-Royce*. O grupo era obviamente um nome conhecido antes do Inverno Vulcânico, tanto por seus motores de aviões quanto pela sua atividade no setor energético. Mas o grupo destacou-se também no campo militar e, em geral, a EquivaGente não costumava lembrar grupos que tinham estado envolvido em atividades humanas assassinas.
Wolfgang deu uma gargalhada quando soube desse conversa entre investigadores. Ele explicou que ***RR*** era acrónimo de *Rovelli Rockets* para lembrar o trabalho de Carlo Rovelli. As ideias do físico foram de certa forma a base para o desenvolvimento das

Bolhas Espaciais e do sistema de propulsão TWIST. Considerou a observação sobre o papel militar bastante ingénua. Pelo seu conhecimento da história da humanidade durante a longa Era da Propriedade Pessoal e do dinheiro a maior parte das grandes invenções e pesquisas foram frequentemente primeiramente feitas num contexto militar agressivo desde o ano 0 até a Refundição. Poder-se-ia dizer que somente depois da adoção dos nove princípios e a consolidação d*A Rede* se encontrou primeira vez uma organização de comunidade humana levando a uma sociedade humana que não pensava em primeiro lugar em ataques militares contra outros?
Quando estávamos prestes a partir com a nava baptizada com o nome *RR Mestre* Wolfgang explicou-nos que mesmo na Bolha Espacial fraca usada até então e recorrendo a metade da potência TWIST, os viajantes tinham relatado uma sensação de que o seu pensamento consciente estava simultaneamente dentro e fora de seus corpos. Ninguém sabia por quê. Lembrei-me logo das minhas reflexões sobre ondas de pensamento. Os testes não tripulados da Bolha Espacial com potencial completa funcionaram perfeitamente, mas é claro que não podiam fornecer nenhuma informação acerca da actividade biológica de seres humanos.

Hoje esperávamos portanto experimentar pessoalmente o limite preciso da propulsão TWIST determinado pelo número de Rovelli-Mestre. Isso por si era bastante empolgante. Wolfgang brincou dizendo que se a *Bolha Espacial* não se formasse como esperado, qualquer pessoa a seguir-nos à distância poderia testemunhar uma espetacular *Estrondo Espacial*.

Eu pensei como viajar para realizar alguma atividade ou projeto nos parecia perfeitamente normal hoje em dia. As pessoas viajam para explorar a realidade natural e já não para escapar da realidade humana como frequentemente acontecia antes da Era das Megapoleis. Não existe mais a indústria turística arrogante nem a publicidade incentivando o consumismo e vendendo viagens para aqueles que as podiam pagar, o que beneficiava o enriquecimento de um grupo restrito de Bloomcampers.

A nossa viagem a Marte foi um bom exemplo. O nosso projeto despertou considerável curiosidade entre a EquivaGente. Havia um interesse crescente para saber pormenores da evolução da comunicação e da aprendizagem numa provável sociedade Tipo 1 pós-Inverno Vulcânico. Voltei aos meus pensamentos acerca da comunicação entre seres vivos. E também acerca da comunicação a longa distância de mamíferos marinhos discutida pelos etólogos. Lembrei-me das minhas conversas com Umut sobre regionalismos, sobre o desenvolvimento de línguas distintas, de culturas e a criação de mitos a eles associados.

Eu pensei… foi então que senti aquela estranha sensação atribuída à formação de uma Bolha Espacial. Aquela sensação de que a consciência de nós mesmos estava simultaneamente dentro e fora dos nossos corpos. Parecia que meus próprios pensamentos se estavam a fundir-se com os pensamentos dos meus companheiros de viagem. Tornei-me um pedaço de Wolfgang? Ou simplesmente conseguia perceber o que Wolfgang via e sentia sem ter que o ouvir exprimir sobre isso? De repente captei um pensamento da minha irmã, que pelo que

sabia estava muito longe daqui. Foi uma experiência muito estranha. Será que os outros estavam a captar os meus pensamentos? Será que existem realmente ondas de pensamento? Será que assim podia-se ter a esperança de algum dia realmente sentir um polvo simultaneamente dentro e fora de mim a pensar? Era tudo muito estranho.

E como começou, acabou. Éramos novamente simplesmente cada um de nós a andar por aí na nossa nave com gravidade provocada pela Bolha. Movíamo-nos dentro dela e na falta de melhor designação tínhamos uma espécie de projeção do que se passava fora da Bolha. Wolfgang explicou-me que a programação informática subjacente conseguiu fazer com que a Bolha e o planeta Marte por assim dizer 'se procuravam' mutuamente. Como resultado, toda a viagem de ida durou ligeiramente menos de dois meses terrestres. Isso era apenas uma convenção de medida do tempo que obviamente só fazia realmente sentido para aqueles que viviam na Terra onde o tempo era expresso em meses e anos terrestres. Como todos nos sabemos, no fundo falava-se simplesmente de uma proporção observada e ajustada entre uma órbita completa da Lua ao redor da Terra e uma órbita completa da Terra ao redor do Sol.

Quando o *RR Mestre* 'abrandou' para sair da Bolha Espacial perto de Marte, tivemos novamente essa experiência de nos sentir dentro e fora dos nossos corpos em simultâneo. Claro que no início da viagem tínhamos conversado entre nós e tentamos de fazer algumas experiências simples. Estávamos mesmo a captar os pensamentos uns dos outros ou éramos uns os outros? Durante um curto espaço de tempo senti-me como se fosse eu

mesmo e também os outros quatro viajantes. Além disso, tive a sensação capturar novamente a Catherine. Era só um sonho ou estaríamos a vivenciar algo que não conseguíamos compreender nem descrever?
E de repente surgiu uma espécie de bloco de gelo no meu cérebro e quase logo a seguir a minha percepção das coisas voltou completamente ao meu corpo. A Bolha tinha 'desaparecido'. Enquanto preparávamos o vaivém para entrar na atmosfera de Marte estávamos os cinco de acordo que todos registarem este *gelo cerebral*.

Entramos em contato com o porto espacial de ***Elysiodomus*** em **Elysium Planitia.** Era o único porto que conhecíamos. Datava do tempo da migração dos Elysianos para Marte. O nome da cúpula era mais recente e pouco criativo. Mas para os seus habitantes era tão óbvio como na altura era *Paraíso dos Livros* para os Livros Vagantes vindo de Erebúm.
Os descendentes dos gestores das Fundações Brandad, Muscle e Azos receberam-nos friamente e de forma muito formal. O seu cumprimento inicial era tão frio como o gelo que sentimos no cérebro na entrada em órbita a volta de Marte. Hein? Esse gelo? De onde teria vindo? Será que…? Algo para explorar mais tarde.
Havia mais um representante de outra Fundação que nos era desconhecida. Era igualmente frio, mas o nome temível daquela Fundação parecia fumegar nos olhos dele. A quarta Fundação tinha o nome elucidativo de *Fundação Flegetonte*. Não era preciso ser especialista da mitologia grega antiga ou do período pré-Refundição para ver o rio de fogo na nossa imaginação.
Aquela Fundação desconhecida para nós era aparentemente

hoje a mais rica das quatro, reunindo a maioria dos números 11 do tal antigo ranking Bloomberg. Tinham adquirido a posse da maior parte das terras, dos meteoritos e direitos de prospecção nas luas, usando as típicas regras da bolsa de mercado de ações que são um ingrediente de base numa Sociedade Tipo 1. Vimos a saber que essa Fundação liderava por completo o *Martial Investment Trade Centre* ou MIT. Os gestores de topo eram os governadores absolutos de Elysiodomus.

As outras três Fundações detinham o governo monopolista sobre uma de cada uma das outras três cidades-cúpula. A Fundação Brandad administrava *Polis Arei* no *Ares Valis*. A Fundação Muscle controlava *Polis Electorum* no *Ma'adim Valis*. A Fundação Azos governava *Nirgalopolis* no *Nirgal Valis*. Essas três outras cidades-cúpula eram claramente cidades auxiliares. Cada uma das Fundações tinha a sua própria política tributária para a cidade que geria. Os administradores das Fundações residiam todos em Elysiodomus, cidade onde vivia a mais alta nomenclatura de Marte. Os administradores quase nunca deixavam esta 'capital'.

Existia uma ligação em estrela entre as cidades-domo passando sempre por *Elysiodomus* com máquinas de transporte parecidas com o Magneto terrestre. Logo, para se deslocar de uma cidade domo para outro era sempre necessário passar pelo centro. Necessitava-se de um visto para qualquer viagem de uma cidade periférica para outra. Todas as viagens tinham que ser pagas pelos viajantes. Quem viajasse para *Elysiodomus* recebia uma autorização de permanência até quatorze dias marcianos ou sóis incluído na compra do bilhete. Para ficar mais tempo era também necessário um visto válido. A estrutura administrativa

lembrava muito a da Era das Megapoleis na Terra antes do Inverno Vulcânico. Cada dome parecia equivalente a um distrito quase fechado sobre si próprio.

A vida em Marte revelava grandes diferenças em relação à vida na Terra. Um dia marciano ou *um sol* era ligeiramente mais longo que um dia terrestre. Um ano durava quase duas vezes mais quando contado em dias terrestres. Em Marte, alguém comemorava o seu *sol de anos* apenas a cada 669 sóis. Uma geração humana na Terra durava entre 20 e 25 anos terrestres. Na época da nossa visita, uma geração humana em Marte correspondia a um tempo absoluto semelhante representado por 11 a 14 anos marcianos. Depois de três gerações não havia diferenças biológicas de relevo em termos de fertilidade e reprodução ativa entre os humanos vivendo em ambos os planetas. Contudo devido à grande diferença de gravidade a adaptação geracional fazia divergir rapidamente o aspecto do ser humano em Marte e na Terra. Quem estuda processos biológicos parte do princípio que o processo de adaptação biológica já tinha começado em *Elysium*. *Homo Sapiens Terranensis* e *Homo Sapiens Martianus* iriam portanto continuar a divergir biologicamente. Hoje em dia alguém nascido em Marte não conseguiria viver na Terra sem um exoesqueleto ou fatos de reforço e uma estimulação constante de vários órgãos entre os quais o coração. Marte tem uma gravidade de pouco mais de um terço da da Terra. Mesmo após a nossa curta estadia de cerca de três meses nós os cinco já tivemos que usar intensivamente todas as instalações do ginásio disponível no *RR*

Mestre para manter sob controle os nossos músculos e muito especialmente o músculo cardíaco.

Entretanto após apenas duas gerações nascidas em Marte, cada vez mais indivíduos sentiam como era difícil viver longe do Sol.

Além disso, Marte continuava a ser planeta de muitos perigos.

Observámos logo que as pessoas nascidas em Marte eram mais altas e mais frágeis, as vezes também psicologicamente, do que as nascidas na Terra. Paradoxalmente tudo se processava bastante diferente com o que se passava em Ganímedes se a informação vindo de lá estava correta. De acordo com os habitantes de Ganímedes, comparando com os padrões da Terra, a vida era mais fácil do que em Marte. Ai a terraformação tinha um avanço de quase dois séculos. Com a luz artificial da luz solar graças aos espelhos espaciais a produção de oxigénio teve um estímulo importante. E num extenso relatório enviado para Terra no ano passado apresentavam-se o resultado de experimentações bem-sucedidos com vista a aumentar artificialmente a gravidade usando o magnetismo. Mas essa é uma história completamente diferente.

A proposta dos líderes marcianos não pressupunha coexistência biológica mas sim coexistência cultural para as próximas décadas. *A Rede* estava interessada, os líderes marcianos talvez também, dependendo dos apoios técnicos que a Terra podia oferecer.

O meu pai disse certa vez que se pensava ser necessárias duas gerações de adaptação na Lua para permitir que os marcianos retornassem efectivamente à Terra caso o desejassem. Ou seja, seria sempre uma decisão de avós em relação a netos e netas.

Naquele altura simplesmente não sabíamos como a tecnologia biológica se poderia desenvolver e eventualmente originar um adaptação mais veloz à vida terrestre em seres humanos nascidas fora da Terra.

Quando o governo de Marte pareceu entender que dávamos garantias suficientes que não tínhamos nenhum plano de colonização, as relações ficaram um pouco menos tenso.

Contudo era um pouco irónico e triste ao mesmo tempo de sentir como um governo muito autoritário e hierárquico só conseguia seguir sua própria lógica. Via o mundo unicamente a partir de uma experiência de quem governou ao longo de muitos hectanos. Para eles, quem se aventurara em regiões desconhecidas só o podia fazer com a intenção de as colonizar. Fora o caso com os governantes dos habitantes de Erebúm, então Europa desde 114.00 HE ou antes, até 121.40 HE. Fora o caso também dos *Elysianos* ha pouco mais de cinquenta há anos, quando ocuparam Marte embora sem assassinatos ou roubos generalizados desta vez. Portanto, os governadores só podiam imaginar suspeita a nossa chegada. Porque haveria de comportar-se a EquivaGente de forma diferente? Levou um tempo considerável para explicar que não havia, atualmente, nenhuma Sociedade Tipo 1 na Terra. Pelo nosso conhecimento nem havia comunidades de Tipo 1. Nós próprios não tínhamos a necessidade de financiar projetos, simplesmente discutíamos se tínhamos coletivamente os recursos para por em pratico um ou outro projecto e se havia algum dano para o ecossistema, o que podia levar a reformulações. Enquanto sociedade, orientávamo-nos com base nos nove princípios. Os Gestores não pareciam

apreciar esse tipo de organização, mas passaram a sentir-se seguros dentro da sua própria nomenclatura. No entanto, durante todo o período em estivemos em Marte, permitiram apenas uma visita de três sois a uma das outras três cúpulas.

Foi como voltar atrás no tempo. Vimos o trabalho como o dos técnicos lunares de há cinquenta anos. Vimos o que tínhamos lido na Biblioteca Central da época de emigração para Marte. Vimos o que havia discutido fazer naquela época durante as conversações na Bases Lunares. Houve um reordenamento muito limitado e parcial do terreno em redor das cidades-cúpula, usando a tecnologia desenvolvida pelos engenheiros lunares em Marte daquela altura. Hoje as atenções eram sobretudo viradas para *Elysiodomus* e a diferença com as outras cidades-cúpula era às vezes impressionante. Tivemos a sensação de que Marte dispunha dum condomínio luxuoso para números 11 Bloomberg e que as outras três cidades-cúpula não passavam de bons lugares habitáveis para os demais. Assemelhavam-se a alguns bairros melhores das megapoleis na Terra, sobre os quais tínhamos ouvido e lido antes de nossa partida. Os processos automáticos mais avançados eram principalmente virados para a localização principal. Em resumo, a vida numa cúpula periférica não era desagradável, mas ela era muito melhor em Elysiodomus. Contudo mudar-se para lá era praticamente impossível e sobretudo muito caro. Apenas quem dispunha de elevadas quantias de *bitcoins* conseguiam lá viver. Toda a sociedade de Marte parecia depender de um sistema de castas com líderes arrogantes e gatos de apartamento. O que mais impressionava era a completa ausência de projetos criativos aos

quais estamos tão acostumados nas Convivialis Civitas.
Durante a nossa visita havia sempre um Gestor de uma das Fundações connosco. Só nos era permitido fazer perguntas previamente combinadas e, frequentemente, recebíamos só respostas da pessoa que nos acompanhava. Os representantes de escalões inferiores, como eram chamados, apenas murmuravam o seu acordo com o que era dito.

Novamente a sós com os Gestores das Fundações, Wolfgang perguntou se, como se diria n*A Rede*, em Marte o dogma monetário tinha precedência sobre o bem-estar dos cidadãos. Os Gestores das Fundações responderam que o próprio dogma garantia justamente o bem-estar dos cidadãos. Tudo era tratado por quem governava, a maior vezes do tempo com actuação secreta. Compararam o seu modo de actuar com o que acontecia na Terra antes do Inverno Vulcânico. Explicavam-no com as grandes transações no mercado de valores por exemplo. Estratégias não podiam simplesmente ser expostas a todos.

Pensei o que a EquivaGente do Conselho Interpolis iria dizer a esse respeito. Quem não tem posses mas recorre a projectos globalmente acordados levando em consideração os princípios que a EquivaGente usam como guia, considera secretismo ou hostilidade por mera posse um exercício obviamente inútil. Com a ajuda dos grupos de aprendizagem, o Princípio da Cooperação reforçou a longo prazo o desenvolvimento dum comportamento social pacífico. Na Rede é claro que o individualismo não passa de uma atitude arrogante cultivada. Decorre de uma cultura tendo por base a intenção de convencer os outros de que as

posses pessoais levam ao poder justificável. Quem tem esse poder perpetua-o através dum dogma sobre esse mesmo poder como uma espécie de proteção contra quem não tem nada.

Segundo Wolfgang, as circunstâncias em que pessoas se apegavam a dogmas resultavam de um poder quase ilusório mas que os próprios consideravam muito real. Qual era a realidade numa Sociedade Tipo 1 na qual o poder era calculado em termos do número de *bitcoins* obtidos por quem melhor consegue minerá-los com computadores quânticos ou obtê-los a partir de lucros no mercado de valores?

A heterogeneidade dificilmente se desenvolveria num contexto dogmático levando para um objectivo preciso em que todos querem riqueza. Portanto era preciso incorporar leis, mesmo podendo colocar em risco membros da própria espécie. Era permitido abusar de alguém quando conhecidos dele abusavam de outra pessoa? Deveria ser aplicado o princípio de olho por olho, dente por dente? Para alguns dogmas era permitido sem qualquer restrição em nome do bem maior de quem detinha o poder.

Era preciso rever isso tudo? Podemos ou não em nome da heterogeneidade aceitar lugares onde vivem pessoas que graças à hierarquia adotam uma postura coercitiva em relação aos outros? É claro, sabemos da história pré-Refundição que forçar outros a agir de determinada maneira por meio de ameaças de morte ou instigando o medo tinha pouca chance de sucesso duradouro. Então o que fazer? Lentamente e de geração em geração submeter as pessoas às ideias dos outros? Isso era manipulação? Prover outros de mecanismos permitindo os

aprendentes a pensar criticamente? Consideramos ser possível fazê-lo sem manipular mas talvez estamos a pensar de forma muito limitada…

Entretanto ficamos a perceber rapidamente que o dogma desenvolvido pelos administradores marcianos baseava-se em parte numa história inventada em como os Terráqueos teriam banido os *Elysianos*. Essa parte da história justificativa ficar com o governo em mão e cobrar impostos. Asseguraram assim a eterna proteção de quem vivia em Marte contra quem vinha de fora. Segundo os Gestores das Fundações os impostos eram necessários para pagar a manutenção de todos os mecanismos de defesa contra os perigosos terráqueos, que já tinham enviados pessoas para Ganímedes também. Mas mesmo os Gestores das Fundações de hoje possuíam informações suficientes que não era assim. Mantiveram-nas secretas desde a sua instalação em Marte. Sabiam como, bem ao contrário de que diziam, os terráqueos sempre mantiveram as portas abertas para quem desejasse retornar à Terra e juntar-se a uma Sociedade Tipo 2 ou Tipo 3 na altura do desmantelamento de *Elysium*. Após o Inverno Vulcânico e devido ao extenso esgotamento dos recursos naturais em simultâneo com o desenvolvimento da Rede de *Convivialis Civitas,* uma nova sociedade global do Tipo parecia praticamente impossível. Os Gestores das Fundações não falavam de como era uma fantasia aquele crescimento ilimitado inventado por economistas em Terra antes do colapso que originou a fuga para *Elysium*. Só falavam de crescimento sustentado a cada vez que queriam cobrar novos impostos ligando mais firmemente os seus bens

virtuais às propriedades no subsolo das terras marcianas por ora inacessível para exploração. Não havia sequer um verdadeiro projeto de defesa secreto em relação à Terra. A narrativa do perigo, embutido no dogma, era apenas um artifício. Comunidades do tipo 1 em Marte, muito isoladas das outras comunidades de tipo 2 e 3 em Terra, apegavam-se aparentemente mais facilmente a valores simbólicos como os *bitcoins*. A situação inicial em Marte era completamente diferente da situação em Terra na altura da Refundição. Na Terra o interesse pela propriedade pessoal tinha praticamente desaparecido em grande parte devido da atitude dos próprios Bloomcampers. Eles acumularam naquela altura cada vez mais riquezas entre cada vez menos pessoas. Para quê se dar então ao trabalho de tentar alcançar algo que jamais irá conseguir, era um dos comentários dos membros da GNet-Z que os mesmo os Ignorantes acabaram por considerar pertinentes.

Não obstante, os administradores marcianos estavam mesmo interessados na ajuda vindo da Terra. Eles sabiam não existir conhecimento técnico suficiente no planeta Marte para conseguir extrair minérios de forma eficiente das partes menos acessíveis das terras marcianas ou dos meteoritos que diziam que lhes pertenciam. Mais uma vez devia-se por parte a sua forma individualista de actuar. Convenceram em tempos com falsas promessas de riqueza um grupo de engenheiros que tinha escolhido ficar com os *Elysianos* em 121.45 HE. Na prática os gananciosos Gerentes de Fundações deixaram-nos reféms em Marte. Os administradores não chegaram a perceber que por uma

espécie de revolta passiva a maioria dos descendentes dos engenheiros não prosseguiram e até boicotavam estudos técnicos.
Era ou não perigoso deixar os marcianos assumirem o controle da terraformação? E seria sequer possível? A pesquisa e a educação científica teriam de ser encorajadas e expandidas significativamente. Tal educação exigia uma aprendizagem básico de pensamento crítico e provavelmente uma abordagem mais dialogada deste ensino básico. Os Gestores das Fundações estavam muito preocupados com o facto de que essa abordagem influenciaria também o pensamento crítico sobre as relações entre os grupos humanas. Queriam evitar isso a todo custo. Em Marte, a instrução básica era inteiramente conduzida à distância e rigorosamente monitorizada.

Durante a jornada de regresso falei com os companheiros de viagem sobre um possível programa de trabalho a estabelecer com os líderes marcianos. Os seus problemas não eram certamente os nossos. Poderíamos explicar como *a Rede* lidou com a Ignorância e como em parte resultado disso se tinham estabelecido relações pacíficas com as Comunidades Tipo 2 existentes em Terra. Achei útil de abordar a questão no Conselho Interpolis. Seria interessante e produtivo de colocar os descendentes dos colonizadores de Ganímedes em contacto com os descendentes dos colonizadores em Marte para uma partilha de experiências? E Para a população das cúpulas periféricas? O que os Gestores das Fundações pensariam sobre isso?
Para os habitantes da Terra algo mais podia estar em jogo. Talvez os nove princípios beneficiassem da compreensão da realidade e da mentalidade da espécie humana além da Terra.

Então, por que não tentar desenvolver um projeto comum? Por ora, os marcianos não representavam uma ameaça para os terráqueos. Contudo como mencionamos anteriormente existia certamente um desafio cultural. Manter o diálogo aberto com uma hierarquia claramente viciado em bens materiais pessoais e o poder que deles deriva poderia ser útil. Só por si já seria um bom projeto de estudo sobre comunicação e informação, pensei.
Essas conversas que incluíam novamente um breve momento em que as nossas pessoas se tornaram uma espécie de pessoa coletiva iam levar a uma proposta aos governadores Marcianos e para Ganímedes. A Terra poderia se propor para uma expedição a Ganímedes. Se os habitantes de Ganímedes concordassem, vários administradores marcianos poderiam participar na viagem.
Levaria um pouco mais de dez anos terrestres para de facto concretizar tal ideia coletiva.

E assim voltámos em segurança à Terra depois de quase um ano. A minha mudança pessoal mais imediata tinha sido a minha dieta! Em Marte não se produzia carne a partir de células musculares animais. No entanto elevava-se uma grande variedade de pequenos animais próprios para consumo humano. Mesmo depois de voltar para a Terra continuei a comer peixe e petiscos com carne. O que apreciara ainda mais em *Elysiodomus* foram as inúmeras maneiras de incorporar ovos na comida. Os primeiros meses depois do regresso, Dulan e eu encontrámo-nos frequentemente perto do lago, onde viviam alguns tipos criativos para tudo que era culinária.

Depois havia as reuniões com a EquivaGente no Conselho Interpolis e os grupos de *RecIn* e as gravações divertidas com a minha irmã que iriam dar origem ao capítulo *A Refundição do mundo* na saga desenhada pelo grupo de co-autores. Passávamos fins de tarde inteiras a ouvir novamente o que tínhamos gravado durante o dia.
Foi também maravilhoso de rever Dusan e Lupe. E Zanaibu e eu estávamos agora determinadas a continuar a trabalhar juntas na comunicação inter espécies.

A saga ganha forma definitiva.

Não consigo escondê-lo. Fiquei muito feliz em ver Liberty inteira e de volta na segurança de Bibliopolis depois daquela viagem a Marte. Eu esperava secretamente que os seus próximos projetos dela seriam todos na Terra. Bem…

O meu caro Alberto estava entretanto convencido de que o termo *sociedade comunitária convivial* para substituir *Convivialis Civitas* tinha sido cunhado pelos moradores de Bibliopolis. Não creio que essa ideia existisse em outras cabeças que não a sua. Em Bibliopolis, fala-se como em todo lado da Rede, possivelmente de *A rede de Convivialis Civitas*.
Se e lembrava bem, o meu sogro contou-nos a razão da EquivaGente preferir usar em quase todo lado *Civitas* [Ver livro 12. *A Refundição do Mundo*]. Enfim, Alberto tem as suas próprias ideias fixas para algumas coisas e pelos vistos gosta daquele termo. Nós dizemos *Convivialis Civitas*, ele diz *Sociedade Comunitária,* juntando regularmente a palavra *convivial*…
A minha sogra contou-me que o filho parecia aplicar-se muito a

ouvir tudo o que nossas filhas gravaram durante as conversas acerca do período da Refundição. Pela primeira vez parecia demonstrar um pouco de atenção ao projeto Saga. Quando lhe fez uma pergunta, ele respondeu que só o fazia porque perguntara ao pai se concordaria em fazer novas alterações na matriz ignarométrica [ver *anexos*] já actualizada por Emmy Lehrman.

Gradualmente surgiram mais informações sobre os séculos do Humanismo e do Iluminismo nos quais já tínhamos localizado alguns dos antepassados de Alberto. Perto do final do ano conseguimos obter a certeza absoluta que Dieudonné Lesmeister e Dieudonné Lemaître era de facto uma só pessoa. Alguns amigos de Halona e Catherine faziam pesquisas acera das Salonnières da velha Paris. Levaram-nos ao nome de uma mulher cujo pai pertencera a *nobreza de toga.* O seu nome era Mathilde La-Rouge-Au-Château. Tivemos um pouco de sorte quando descobrimos que Mathilde era a esposa de Dieudonné. Após visitas regulares às salonnières de Paris eles passaram muitos anos em Lille. Felizmente Mathilde deixou alguns escritos sobre sobre mulheres daquela época sobretudo vivendo no *Imperium Germanicum.* Mais tarde falava da *Belgium Austriacum*, por razões pessoais quando um dos seus filhos emigrou. Encontramos informações sobre esse filho Yanne ou Jan em registros da antiga cidade de Oostende posteriormente incluída na Megabelgium. Outra ponta solta a menos. Temos a certeza que Jan possuía ações numa companhia de transporte náutico local.
Ou seja tínhamos quase conseguido traçar a linhagem da família

de pedagogos e antropogogos que nos interessava desde Wolfgang Magister até Alberto Auctor. Alguns antepassados ainda eram nebulosos. As dúvidas eram simplesmente porque pouco ou nada se encontrava ao seu respeito. Mas a Saga estava na sua forma definitiva e os co-autores começaram a trocar muitos textos preliminares.

No entanto a experiência com a antiga base de dados foi um retumbante desastre. Decidimos afixar no Espaço JCD o grande plano da escrita num enorme quadro de cortiça na maior parede livre. Fixei aí todas as anotações junto ao que imaginávamos tornar-se os vários volumes. Para cada volume tínhamos uma gaveta. Rapidamente precisámos de um armário e uma estante para arquivar organizadamente documentos e referências. Mantivemos a ideia de começar a história com Wolfgang Magister sobretudo para dar uma imagem da época em que viveu Jan Amos Comenius.

Recapitulando. Umut e Delun incentivaram Lev para se juntar à equipa de co-autores. Da nossa geração, Idrissa, Maria, Moana, Babitha, Binh Pham e Zanaibu participavam. A geração mais nova inclui as nossas filhas, Pablo e a Sayen.

O rascunho estava pronto e o grupo sabia quem era responsável para cada parte.

Apenas Alberto fingia não saber nada dos Saga's Thirteen que na verdade eram os Saga's Fourteen.

Mas não havia escape possível. Ele iria escrever a introdução.

O interlúdio 120.08 HE

Qualquer pessoa hoje interessada nesta histórica saga familiar provavelmente já leu *Imprimatur*. Curiosamente, quando estávamos a elaborar o plano sempre tivemos em mente de escrever um livro introdutor. Alberto simplesmente insistia nunca ter sabido 'ter que ser ele' a escrevê-lo. Mas no final do ano de 120.08 HE o meu relutante marido foi simplesmente confrontado pelo grupo.
Quem leu aquele livro já sabe da inauguração oficial do Espaço JCD naquele ano. Mais algo sobre o qual Alberto barafustara quase um ano inteiro. Mas na verdade significava apenas que a partir de Swekstomehns mais grupos de escrita passaram a usar regularmente aquele espaço na Biblioteca Central de Bibliopolis.

No mês Dwitero daquele ano, tivemos acesso a documentos de um dos distrito da Megabelgium, que se chamava Amsterdão antes da Era das Megapoleis. Alberto escreveu uma espécie de fábula sem sentido sobre essa descoberta; uma história que pelo menos ele próprio achara aparentemente engraçada…
Um ano antes, alguns arqueólogos tinham descoberto um arquivo secreto do que fora outrora uma grande casa burguesa. Na época era conhecida como *Het huis der Hoofden*, a Casa das Cabeças [Ver livro 2. *Uma ideia perigosa*]. O arquivo continha diversas cartas de e para Jan Comenius. Duas dessas cartas foram escritas por Wolfgang Magister. Quando se divulgou o conteúdo do arquivo, Umut percebeu imediatamente a ligação com o antepassado de Alberto. Ela providenciou o envio das cartas. Descobrimos assim que Wolfgang não só sabia da obra

de Comenius, mas o conhecera pessoalmente! Estabeleceu definitivamente o início da saga. Fizemo-la coincidir com o nascimento de Wolfgang em 1630 d.Chr. (116.30 HE).

Alberto ficou profundamente tocado com o que Liberty e o primo homónimo daquele 'primeiro' Wolfgang lhe contaram sobre a estadia em Marte e sobre a comunicação e aprendizagem em geral. Ele próprio tinha dificuldade em imaginar qualquer outro sistema educacional que não fosse baseado na aprendizagem dialogada. Toda a EquivaGente na Terra tinha tido a sua educação inicial em grupos de aprendizagem. Devido ao seu interesse antropogogico ele lera sobre outros paradigmas antes da Refundição mas sabia pouco acerca do seu funcionamento concreto. Sayen, por outro lado estudou em profundidade os vários sistemas educacionais e Pablo interessava-se pelos sistemas de antes da Refundição. Ambos conjecturaram as ligações entre certos paradigmas e o surgimento dos Novos Ignorantes.

Liberty e Wolfgang contaram-lhe o que descobriram acerca do sistema de ensino em Marte. Parecia arqueologia ao vivo. Pela primeira vez ele entendia mesmo como um sistema de ensino podia de facto ser manipulador e ter um efeito dogmático e limitador sobre os jovens. Perguntou-se por que é que essa forma de ensino não tinha desaparecido. Um sistema assim orientava-se mais pelas informações selecionadas e direcionadas pela hierarquia do que na comunicação e no incentivo ao pensamento crítico e lateral nos jovens. E era exactamente isso que a EquivaGente tanto valorizava. Haveria alguma ligação entre essa forma de ensino instrucional e toda a cultura de

preconceito e ódio dos últimos cem anos antes da Refundição? Pablo já tinha falado várias vezes como durante todo esse período, se fazia uso extensivo de dispositivos eletrónicos e de software variado, incluindo o que na altura um pouco ingenuamente se tinha apelidado de inteligência artificial. Teria o software desenvolvido sido usado conscientemente para apenas fornecer às pessoas mensagens que confirmassem as suas opiniões anteriores mantendo-as presas numa espécie de eterno raciocínio circular? A CIA formou um grupo de trabalho naquele ano para perceber melhor o fenómeno. A razão subjacente era claramente o futuro encontro das populações da Terra, de Marte e de Ganímedes. No final de Newnomehns uma equipa integrando Wolfgang e a sua namorada Nadia partira finalmente para Ganímedes. Eles conseguiram convencer alguns governantes marcianos de os acompanhar. A intenção era de fortalecer o contato entre os três, e posteriormente os quatro locais do nosso sistema solar habitados por membros da espécie humana. Certamente daria origem a debates sobre opções culturais. Só então seria possível discutir a cooperação sem que os mais poderosos de um tipo de sociedade buscassem, consciente e agressivamente, impor a sua própria cultura sobre todas as outras, como acontecia por norma antes da Refundição.

No início do ano pedi novamente a Alberto que pensasse naquela introdução. Ele repetiu que escrevê-la seria um desastre. Falsa modéstia, claro. Eu sabia que ele já estava a reunir discretamente algumas ideias. Ele dizia sempre que não. Deixei-o acreditar que eu acreditava nele mas pelo sim, pelo não

pedi uma discreta ajuda a Paula Fax. Alberto sempre gostou de resmungar mas geralmente fazia sem demora o que lhe pedia.

No fim do ano, os rascunhos dos capítulos e seções estavam escritos. Também podíamos ler o trabalho uns dos outros. Havia diferenças estilísticas como queríamos. Havia trechos que precisavam de melhor integração entre livros. Aqui e ali, algumas coisas se repetiam. Os co-autores não se importavam com isso. Geralmente não se tratava de repetições literais mas sim de outra forma de dizer a mesma coisa usando uma entrada ou um ponto de vista diferente. Era especialmente o caso no que disse respeito à aprendizagem dialogada e à ignarometria. De certa forma era normal visto que eram os dois pilares de toda a obra. Demo-nos mais alguns anos para finalizar tudo adequadamente.

As coisas frequentemente evoluíam devido às nossas conversas. Faz parte de qualquer processo de co-autoria. Pessoalmente, achei que Alberto ficou satisfeito com a mudança do título geral de *A Saga dos Antropogogos* para *A Saga Magister-Auctor.*

Tínhamos portanto o rascunho de doze livros e uma brochura introdutória. O meu sogro ficou encantado sempre que lia uma secção na qual as netas participaram. E quando leu pela terceira vez o livro que tinha preparado comigo, perguntou se podia incluir algumas anotações pessoais. Algo com o qual concordei.

Sete anos depois chegaram os quinze livros. Treze livros da Saga, o primeiro dos quais escrito por Alberto para a apresentar. Há a brochura explicativa introdutória e juntou-se mais tarde um índice final de nomes e fontes. Foi algo muito solicitado por

pesquisadores que queriam verificar informações.
Como disse, sabia desde o início que Alberto iria escrever o livro 1. Mesmo assim, ele ainda o tentou evitar com um último argumento. No final de 122.08 nasceu a Isabelle, a filha de Catherine e Halona. E Liberty estava grávida.
Ele alegou então ter ouvido que avós e avôs nunca têm tempo para escrever.
E depois *nihil obstat, imprimatur*!
Ele tinha que me provocar…
Mas já sabia que ele ia fazer isso, é claro.

Do paraíso terrestre mítico a uma vida térrea pacífica
(122.09 - 122.22)

Os últimos dias do ano entre nós conhecido como Ano Imprimatur.

O último mês do ano no qual a Saga começou a tomar forma, só vimos raramente Alberto no Espaço JCD. Ele arranjava sempre uma boa desculpa para visitar Catherine e Halona e admirar a neta Isabelle. Digamos de passagem a Catherine apreciar o facto do seu pai lhe dar a oportunidade de sair de casa regularmente. Afinal ela tinha prometido com o primo Wolfgang de cooperar a partir da Terra com o projecto de visita a Ganímedes mesmo depois do início da viagem. O trabalho principal de Catherine durante esses anos era de procurar e juntar dados, textos e informações disponíveis sobre qualquer assunto solicitado. Todo a gente que já tinha trabalhado com ela referia de bom grado a sua capacidade de processar enormes quantidades de dados e transformá-los num todo compreensível com extrema facilidade. Ela contava com a ajuda do irmão de Halona. Manuel era conhecido pela produção de resumos brilhantes.

Primeiro visionava com Liberty cuidadosamente cada mensagem gravada e encaminhado pelos viajantes espaciais. Havia frequentemente pedidos de informações adicionais sobre tópicos que desejavam debater. A demanda por informações aumentou ainda mais depois de terem a bordo quatro governantes de Marte, um de cada uma das Fundações. Algumas informações diziam respeito ao que já sabíamos sobre a Terraformação. Em Ganímedes houve grandes resultados num

período muito mais curto do ponto de vista geológico e ganimedológico. Ninguém realmente entendia porquê. Antes do Inverno Vulcânico, os Sabedores geralmente falavam de muitos hectanos de mudanças lentas. Mas, desde que os sóis artificiais foram ativados, o aumento da presença água líquida e a produção de oxigénio pareciam ter disparado. Os governantes de Marte ficaram até perturbados quando perceberam que em Ganímedes se esperava ver a Terraformação a acelerar a evolução ganymediana ainda mais no próximo hectano.
De aqui uns dois meses, quando iam obter informação imparcial *in loco* e ela ser enviada para a Terra, poderiam verificar se os habitantes estavam excessivamente otimistas e enviavam histórias muito cor-de-rosa acerca do seu local de habitação. Mas por outro lado, porque o fariam?

Em todo caso, quase todas as mensagens continham perguntas adicionais e Catherine e Manuel produziam novas sínteses de informações a cada vez.
Mais tarde, soube por Halona que Alberto falava às vezes com ela acerca do significado da escolha de nomes. Durante uma reunião de família os pais dele tinham minimizado um pouco as interpretações etimológicos feitas por ela. Referiram até a tendência entre pais e avós da primeira geração da Refundição de lembrar certas figuras de épocas anteriores através dos nomes próprios. O nome da sua irmã foi assim ligada à Olívia Ward. Era essa a história que a avó Emmy lhe contara. Mas Alberto tinha ouvido recentemente a verdadeiro razão, segundo os seus pais, através das nossas filhas. Até há pouco tempo não tinha ouvido falar da aventura lunar dos pais a procura de

Olivina. Talvez a avó Emmy simplesmente não se opôs ao nome Olívia exactamente porque também evocava Olívia Ward.
Enfim… Certo é que não víamos Alberto com muita frequência, até Isabelle completar um ano de idade.

***

O meu interesse por tudo o que era relacionado à comunicação com quem se organizava socialmente de maneira diferente do que a EquivaGente levou-me, como já sabem, a investigar com Zanaibu as Comunidades do Tipo 2 e as suas origens. A geração dos meus pais e avós frequentemente falava das Comunidades Bregmanianas. Entendíamos que o termo ganhou gradualmente popularidade nos lugares onde Livros Vagantes provenientes das Megapoleis de Erebúm se instalavam. A palavra deriva obviamente do nome do escritor, historiador e formador de opinião Europeu Rutger Bregman. [Ver livro 1. *Imprimatur*]. O termo parece ter pegado nas subsequentes duas gerações de economistas propondo alternativas para determinados distritos turbulentos de Megapoleis nas quais se verificava a versão muito agressiva do capitalismo Tipo 1 dos Bloomcampers. Mas as atuais Comunidades Tipo 2 referem a pelo menos duas outras influências nos seus métodos organizacionais. Em Culturopolis era bem conhecido o modelo do Banco de Tempo. Envolvia uma espécie de contabilização da troca de serviços comunitários. Diz-se que a ideia se desenvolveu a partir das propostas de solidariedade e cooperação de Robert Owen, no início do século XIX d.Chr.. Ele inventou as *Labour Notes*. Eram notas de tempo para substituir notas bancárias. Ao aderir a um *banco de tempo* como os que

surgiram ao longo do hectano 120 em vários lugares do mundo uma pessoa comprava e vendia tempo em vez de dinheiro, através da troca de serviços para os quais não era necessário comprar muito com as notas bancárias convencionais.
Ao mesmo tempo, crescia em Vineland o interesse pelo projeto Triple Bottom Line. Este teve origem no final do hectano 119 e perdurou até o Inverno Vulcânico. O objetivo do projeto era de encontrar um equilíbrio entre Pessoas, Produtos e Planeta. Líderes das Comunidades do Tipo 2 referem-se hoje a ele como a estratégia 3P. É uma estratégia fácil de entender para aqueles que aderem a interações movidas pelo capital — ou seja, relações entre pessoas e empresas baseadas em pagamentos — o que implica portanto pelo menos posse do meio de pagamento. Encontramos textos que indicam que a GNet-Z desempenhou algum papel no think tank de economistas interessados desenvolver essa abordagem.
Mas os próprios Bloomcampers 8+ [Ver Livros 10 e 11] desestabilizaram todo o mercado financeiro quando começarem a reivindicar todos os ativos, pervertendo as suas próprias regras do mercado de ações e da bolsa de valores. Em seguida, tomaram a decisão fatal de construir *Elysium* como uma espécie de condomínio definitivo e de grande luxo. Com o êxodo deles, as pessoas ficadas em terra e que se tinham reagrupado nos locais de refúgio viram o caminho aberto para evoluir do banco de tempo para a comunidade sem dinheiro e abandonar todas as formas de Sociedade de Tipo 1 ou de Tipo 2.

Zanaibu e eu nos reuníamo-nos regularmente com o grupo de trabalho que apoiava a jornada a Ganímedes. Tentávamos

desenvolver uma estrutura que pudesse servir de base para o diálogo entre pessoas com visões sociais muito diferentes, explorando como fazer para que o debate ajude todos a desenvolver e aprimorar as suas próprias estruturas sociais. Eu frequentemente enfatizava que o objetivo não era forçar ou obrigar outros a algo mas sim de ajudar uns aos outros para compreender as suas escolhas e assim compreender porque queriam ou não mudar aspectos da estrutura social da qual faziam parte.

Presenciei pessoalmente como moradores que visitamos vivendo nos lugares mais afastados *Elysiodomus* não se sentiam mal por não pertencerem à nomenclatura. Viviam felizes como *gatos de apartamento* de um dos modelos formulados pelas irmãs Demeester, sob uma hierarquia. No entanto esses habitantes de Marte consideravam completamente inaceitável de viver sem dinheiro. Quando das visitas com Zanaibu às Comunidades Tipo 2 pude perceber como a *utopia de gato de apartamento* de Catherine e Joana Demeester era bastante gratificante para certos moradores dessas comunidades. Será que foram treinados para se sentirem assim e serem as pessoas menos ricos mas felizes para parafrasear Pestalozzi [Ver parte 5. *Escravos do Poder*]. Os antropogogos fundadores da CIA acreditavam de facto que muito se devia à educação base proporcionada às pessoas que viviam nessas comunidades. Uso aqui de propósito a palavra 'proporcionada' porque tanto nas comunidades do Tipo 1 quanto as do Tipo 2 os aprendentes nunca eram verdadeiramente autores dos seus projetos de aprendizagem. Na melhor das hipóteses eram-lhes apresentadas escolhas

obrigatórias sobre atividades de aprendizagem na preparação das quais não tinham intervenção.

O pai e o Avô Lev conversavam acerca de modelos educacionais que não davam atenção à autoria dos aprendentes. Talvez tinha a ver com falta de empatia por parte daqueles que escolheram um estilo de vida completamente diferente do escolhido pela EquivaGente n*A Rede*. Para a EquivaGente havia o aspecto da empatia com quem abraçava a crença do conceito de propriedade individual. Essa empatia levava-os a eventualmente compreender quem adotava uma abordagem fortemente hierárquica escravizando outros, dificultando-lhes o direito à autodeterminação. Até que ponto levamos longe demais a empatia por aqueles que não demonstram nenhuma empatia nem por outras pessoas nem pelo ambiente?

Sayen e Nadia faziam parte da CIA. E está visto como Nadia adorava aventuras. Foi por isso que concordou imediatamente em acompanhar os viajantes para Ganímedes. Mas assim que voltasse queria retomar com Sayen uma proposta feita pela Paula Pax. Durante uma reunião de família, Paula contou-lhe detalhadamente os contornos do último livro infantil que tinha escrito e para o qual usava o seu conjunto de contextualizações dos princípios. O título era algo simbólico ao escolher *As Rosas do Paraíso*. Fê-lo porque a história retrata a época quando ainda só existiam como refúgio *Ultima Rosa* e *Paraíso dos Livros*. O livro infantil revela a gradual e crescente importância dos *Cinco Lugares* [Ver livro 12. *A Refundição do Mundo*]. Sayen prometeu a Nadia de gravar o máximo possível das memórias de Paula durante a sua ausência. Tinha por exemplo conhecido Sang

pessoalmente. E claro, Paula contava hoje com quase oitenta anos…

Halona, Manuel e a minha irmã compararam as suas próprias descrições e os resumos que eles faziam das origens e do significado dos nove princípios com as versões da geração dos nossos avós. As nossas entrevistas para a o livro 12 poderiam ser útil documentar a evolução dos mesmos. Levámos essa ideia para os grupos de *RecIn*. Isso poderia potencialmente ajudar os diálogos e os debates das próximas décadas sobre a evolução de Homo Sapiens em várias partes do sistema solar.

O meu pai e Kendi, o avô de Wolfgang e David, tornaram-se praticamente inseparáveis depois daquela reunião de família na qual o meu pai falou de uma possível distante ligação familiar entre a tia de Kendi, Sang N'Kondo Ngô e sua própria avó Emmy. Eles queriam concluir as árvores genealógicas de ambos os lados tanto dos descendentes de Joana como de Catherine. Queriam verificar se e como os ramos Auctor e N'Kondo Ngô poderiam estar ligados. Descobriram que Sang era de facto filha da Alberta mencionada por Francisco nas anotações que eles recuperaram da biblioteca Paulo Demeester. Tinha alguma piada Catherine e eu sermos primas em primeiro grau de Wolfgang e David, mas ambas as famílias também descender das duas irmãs que formularam publicamente a Ignarometria e a Carta do Aprendente. Através do pai, somos do ramo de Catherine Demeester. Através da mãe, Wolfgang e David descendiam de Joana Demeester. O pai de Kendi é o filho do bisneto de Joana Demeester. A mãe do meu avô é bisneta de Catherine

Demeester. Portanto os quatro temos alguns genes de Paulo Demeester no sangue.
Em jeito de bónus a árvore genealógica que fizeram permitiu entender que Paula Pax era a filha de Carl de quem a nosso avô às vezes falava. E era neta de Henry. Emmy, a mãe do meu avô e a sua avó Fernanda conheciam-no.

***

Kendi e Paula começaram a visitar-nos regularmente desde o tal aniversário de cinquenta anos da minha cunhada Erika. Após a inauguração do Espaço JCD, Paula pegou Alberto pelo braço e perguntou como se estava a sair com a escrita do livro de introdução à Saga.
Ele soluçou dizendo que não sabia do que a Paula estava a falar. Ela sorriu e lembrou-o já ter aconselhado na festa de anos de escrever uma espécie de livro composto de curtas histórias.
Eu sabia!!! Chamei-o de sorrateiro. Ele fingiu-se surpreendido. Mas bem no fundo tinha razão. Ele nunca disse que não ia participar na escrita. Ele tinha simplesmente de continuar a reler o seu diário do ano passado. Até o momento terminou algumas histórias que enviaria no momento oportuno, acrescentou.

E, sim, o fim de uma geração continua a ser o início de outra.

Já outros grupos de escritores tinham começado a usar o Espaço JCD após a inauguração oficial e ainda estávamos a processar as ideias surgidos naquele dia.
Alberto pediu-me de não escrever nada acerca da inauguração em si pois ele incluiria uma história sobre o acontecimento no livro introdutório. Mas fiquei de olho nele…

É claro que continuamos a visitar Isabelle com frequência e entretanto Liberty e Dusan estariam em breve com um Manuel nos braços. Estava previsto para a segunda metade de Swekstomehns ou no início de Sedmo… Sabia agora como Alberto usou a escrita do livro introdutório como desculpa para visitar Catherine dia sim dia não. Alegava que era para fazer a revisão dos textos. Segundo a minha filha era principalmente para ele passear pela casa com Isabelle ao colo sussurrando histórias no ouvido dela.

Em geral pode se dizer que ocupava muito do seu tempo com as duas filhas. Ele queria muito que Liberty o mantivesse informado sobre os debates subsequentes à sua experiência em Marte. E estava muito curioso para saber o que a equipa de Ganímedes traria de volta, razão pela qual falava muito com as duas. Partilhou as suas preocupações quando ouvia relatos do que considerava ser agressividade a surgir aqui e acolá. Queria discutir o assunto na CIA. Talvez fosse necessário considerar cuidadosamente como evitar um possível enfraquecimento do Princípio da Empatia dentro dos grupos de aprendizagem d*a Rede*. Ele achava que seria preciso abordar os métodos de ensino que fomentavam mitos instrucionais. Eu sentia-o às vezes um pouco pessimista, aquele que sempre via o lado bom de tudo…

Talvez fosse porque não estava a encontrar de imediato uma maneira de fazer ver aos governadores fora da Terra em como as pessoas na Terra eram retratadas nos seus programas educacionais. Talvez as coisas melhorassem depois do regresso da tripulação de Ganímedes para contar o que observaram. Será possível iniciar um diálogo com o qual até mesmo os marcianos

podiam ver que de facto havia engenheiros na Terra dispostos a cooperar com eles? Se quisessem mitos, que transformassem então o mito do Bicho-Papão no mito de São Nicolau.
Entretanto Alberto continuou a desenvolver algumas das ideias da sua avó Emmy relacionado com o think tank *Recolha de Escolhas Individuais* e o papel dos grupos actuais da *RecIn* nos grupos de aprendizagem. Foi também a razão pela qual elaborou uma versão simplificada para os três tipos de sociedades. Ele continuou a considerar que Comunidades do Tipo 1 ao evoluir para uma Sociedade guardavam em si todos os ingredientes para criar uma organização de caráter *totalitário* e colonizador. A leitura da matriz ignarométrica fazia segundo ele entender que as Comunidades do Tipo 2 e especialmente aquelas contendo bancos de tempo demonstravam potencial para serem evoluir para sociedades comunitárias. Por razões de comunicação Liberty teria preferido uma palavra diferente de *totalitário*. Alberto considerava a palavra *totalitário* sempre um pouco melhor do que *absolutista*. Num regime totalitário presumia-se que os interesses da sociedade ou da comunidade eram mais importantes do que os do indivíduo. No entanto admitiu que nos regimes totalitários surgiam muito facilmente líderes individualistas que faziam sinónimos das palavras *totalitário* e *absolutista*. Ele estava a pensar na falta de participação pública por parte de quem vivia nas cúpulas externas de Marte e, claro estava a pensar em certos líderes da História anterior à Refundição.

Sempre que achei que estava a explanar demasiadamente as suas divagações, perguntava onde ia na escrita do livro

introdutório. Geralmente era o suficiente para interromper prolongados e entusiastas pensamentos versados sobre quem se reunia apenas para um almoço agradável. Também dava para o calar quando abordava a sua ideia fixa acerca do absurdo de se celebrar o envelhecimento. Como os leitor ja sabe ele dizia fugir de aniversários. Mas eu sabia como quase não tinha perdido nenhum dos nossos encontros no ano passado.
O que fez que também conhecia muitas das suas histórias... Então, quando referiu que o livro introdutório se baseou no seu diário daquele ano, duvidei pela primeira vez do meu pedido de ajuda a Paula. Mas ele era normalmente bastante crítico em relação a si próprio. Esperava ser também o caso desta vez.

Nos dias seguintes Idrissa e eu tivemos várias conversas em como adaptar a biografia que ela tinha escrito sobre as irmãs Demeester e dar-lhe um aspecto mais de romance. O grupo já tinha sugerido anteriormente para ela ser principal e talvez única autora do nono livro. No entanto, a infância de Joana e Catherine seria incluída no oitavo livro. O décimo livro destacaria as suas atividades quando eram avó e tia-avó.

E sim, avós não vivem para sempre. A seguir a uma das sessões de trabalho, as minhas filhas aperceberam-se bem disso. A minha mãe morreu aos 76 anos. Ninguém previu nem ela mesmo. Ela sofreu uma hemorragia cerebral brutal e perdeu imediatamente a consciência. Menos de uma hora depois faleceu. Foi pouco depois da sessão na qual descobriu terem sido antepassados dela que no final do século XXI d.Chr. acompanharam o obstinado Sérgio Mestre de Megalissipo ao

Paraíso. A jornada durou mais de cinco anos! [Ver livro 11. *O Paraíso dos Livros*].

Nas semanas a seguir o meu pai Chaytan ficou completamente devastado. Para ele Kate Fox continuou sempre a ser aquela menina que o observara com intenso interesse quando, aos seis anos de idade, anunciou o seu grupo de aprendizagem que os pais mudaram o apelido de *Vluchthaas* (Coelho Fugitivo) para *Liber* (Livro e Libre).

As minhas filhas e eu tentamos animar o meu pai de varias maneiras envolvendo-o no que ele próprio tinha proposto durante a inauguração do Espaço JCD. A intervenção na altura levou rapidamente à criação do Grupo de Trabalho dos Vagantes. O meu pai lembrou a audiência mais uma vez da escolha do novo apelido, como fazia frequentemente. Também explicou a importância dos seus pais terem participado numa comunidade de aprendizagem para adultos. Isso permitiu-lhes de descobrir alguns de seus preconceitos. Começaram a ver os acontecimentos e sas pessoas sob uma perspectiva diferente... como por exemplo o preconceito acerca da bondade e a natureza humana dos capatazes perto de Megasul. Ele lembrou como a leitura e o diálogo os libertaram de pensamentos limitados.

Durante a Refundição o meu pai dedicou-se por inteiro no apoio a refugiados ignorantes e pessoas alvos da desinformação e por isso nutriam visões distorcidas da sociedade sem dinheiro. Em geral quem carecia dos grupos de aprendizagem em pequeno, nunca tinham percebido como as práticas posteriormente incorporadas em nove princípios levavam crianças a ligar a

partilha, o trabalho e a exploração feito por prazer à empatia que desenvolviam por aqueles que beneficiavam da sua intervenção. Também nunca tinham entendido como a agressiva publicidade concebida para os compelir para o consumo, quando ainda circulavam *coins* os tinham forçado muitas vezes a trabalhos sem sentido, em última análise resultando na posse de coisas sem grande significado ou de objetos que facilmente podiam ser partilhados com outros. Ao longo dos anos, anotou inúmeros depoimentos e estava convencido de que muitos outros existiam. Mesmo em 122.09 HE pequenos grupos de Vagantes ainda apareciam nalgumas Polisses. O Grupo de Trabalho dos Vagantes tinha de resto certamente boas contribuições a fazer nos futuros diálogos com os habitantes de Ganímedes e de Marte.
O grupo de trabalho incluía também pessoas mais jovens. Hachim por exemplo frequentemente participava na reflexão em grupos em Polisses que tinham uma história mais curta que a nossa. Ele participava com frequência em comunidades de aprendizagem com adultos. Há pouco tempo soube através da Zanaibu que os antepassados dela vieram dum condomínio Bloomcamp. Fez-lhe escrever um texto muito interessante sobre a verticalidade do ensino hierárquico versus a horizontalidade da aprendizagem dialogada na aquisição de conhecimento básico.

John, Manuel, Dulan e Pablo são todos da geração das nossas filhas. Ficámos muito contentes de ouvir John na abertura do EJCD. Foi bom ouvir como os mais jovens se lembrem das suas origens enquanto descendentes de antigos Vagantes Ignorantes. Como John observou muito mais locais de estabelecimento

permanente se iriam tornar possíveis nos próximos 150 anos porque a fronteira fria estava a deslocar-se novamente em direção aos polos. Manter uma boa rede de contatos seria portanto benéfico.

Com o degelo era provável ainda mais da história anterior à Refundição vir literalmente à superfície. Hoje havia Vagantes que tinham encontrado refúgio em *Convivialis Civitas* existentes mas que estavam a pensar construir novas Civitas, como fizeram os pioneiros. A maioria estava a pensar em *Convivialis Civitas* dentro d*a Rede*, mas mais Comunidades do Tipo 2 podiam surgir. Pelo nosso conhecimento não havia de momento nas comunidades de aprendizagem interessadas em conceber uma Comunidade do Tipo 1. Para quem passava algum tempo nas comunidades de aprendizagem, o Tipo 1 estava talvez demasiadamente caracterizada pela natureza hierárquica associado à utopia do *gato de apartamento* para a relação assente na propriedade individual.

Como sempre, achamos que era benéfico continuar a mobilizar o Conselho Interpolis para apoiar novas polisses. Isso manteve muito activo o projeto *DiSoCol* e os grupos de *RecIn*. Era importante lembrar o número de EquivaGente necessária para dentro de uma Polis o Princípio da Heterogeneidade funcionar em pleno. Era benéfico para todos apoiar novas polisses durante o período em que nem todos os desejos da população de uma Polis podiam ser atendidos devido à falta de EquivaGente disposta a assumir uma ou outra atividade.

Se bem entendi o grupo realizava pequenas análises fenomenológicas baseadas nos modelos ignarométricas de

Alberto e da sua avó.

E já que estamos a falar daquele dia em que Alberto nos pregou uma partida para ilustrar as suas ideias sobre discursos ocasionais podemos mencionar brevemente os outros grupos de trabalho que se formaram aqui…

Como antropogogo Alberto esperava motivar novos grupos de trabalho ou comunidades de aprendizagem e teve sucesso com as suas provocações. Além do grupo com o qual o meu pai continuaria a trabalhar por um tempo, outros cinco grupos se formaram. Tabatha e Pratibha, ambas presentes na ocasião ouviram atentamente os desejos. Elas afirmaram que parecia estar a concretizar-se a expectativa de assumir o Espaço JCD como um local de criação mais do que um arquivo ou museu para o estudo da história da ignarometria. Era um espaço de encontro, um ponto de partida para pessoas que utilizavam a ignarometria para estudar o comportamento humano.

Dois grupos integraram o projeto *DiSoCol*. Um tratava de comunicações, o outro da exploração espacial, que estava em constante crescimento.

O grupo de trabalho de comunicação apresentado por Teitur e ao qual se juntou prontamente Liberty e mais EquivaGente do seu círculo focava-se principalmente na interação ecossistémica. A ideia de Liberty sobre ondas portadoras energéticas ganhou mais um espaço de estudo. Inicialmente os interessados iriam tentar reunir tudo o que existia nos diversos centros de investigação de diversas Polisses a respeito da comunicação entre espécies. A Comunidade Hunt iria participar novamente.

Mesmo antes da viagem a Ganímedes, a equipa de viajantes perguntou ao grupo de trabalho quais eram os membros da Comunidade Hunt envolvidos nas *Ondas Portadoras Não Humanas Modificadas*. O grupo já vinha utilizando estas OPNHM há algum tempo. Liberty lembrou-se de ter lido que durante a era GNet-Z se chegou a discutir uma abordagem de energia desconhecida pelos humanos e descrita por uma linguagem matemática muito diferente da matemática desenvolvida por Sapiens. Será que a descrição do conceito de energia como onda portadora era a chave para viabilizar a eco-comunicação? Seria um grande avanço. Mas teríamos que aceitar então existirem diferentes linguagens matemáticas para descrever a natureza, e que a nossa talvez não seja a mais eficiente… Uma tarefa e tanto para o grupo de trabalho!

Era óbvio que o outro grupo de trabalho ligado ao projeto *DiSoCol* seria chamado de Comissão Espacial. Wolfgang era uma de suas forças motrizes. Rapidamente estabeleceu contatos nas diferentes Polisses com toda a EquivaGente que estava a fazer o treino de piloto espacial e capaz de controlar as **RR.** Na sua curta carreira, já tinha voado para Marte e para diversas bases lunares e na altura da abertura do EJCD estava mesmo de saída por causa da jornada para Ganímedes. De modo geral, tinha uma opinião positiva sobre as pessoas que foi conhecendo. Estava convencido de que a longo prazo os governantes de Marte poderiam gerar empatia se mantivéssemos com eles por tempo suficiente um diálogo e não agíssemos de forma agressiva. Certamente poderíamos fazer isso coletivamente. O seu pensamento principal era que a eliminação de preconceitos

e reações negativas em relação aos outros jamais seria alcançada por meio da coerção e slogans.
Ele achou muito interessantes as especulações de Liberty sobre a possível existência de algum tipo de ondas portadoras de energia ou ondas de pensamento que pudessem se interligar com outras formas de comunicação. Se fosse possível entender a mente de um polvo, então certamente seria possível entender a mente de todo ser humano, independentemente de acreditar ou não que a posse pessoal é necessária para se afirmar em relação aos outros.

Recentemente surgiram os grupos de trabalho ACI, o grupo EGAL e o grupo EOHNH. Quando Alberto ouviu as siglas pela primeira vez, disse que não sabia que o espaço era também procurado por quem estudava novos compostos químicos…
O grupo ACI ou *Aprendizagem Consciente e Inconsciente* foi ideia de um visitante de Culturopolis. Pedro era um velho amigo de Pablo e veio ver o que ele andava a fazer por aqui. O seu interesse estava de certa forma relacionado aos projetos ecossistémicos que tentam mapear a aprendizagem. Como aprende um indivíduo com um cérebro assemelhando ou não este cérebro ao cérebro humano? Será que todos os indivíduos que aprendem possuem alguma forma de autoconsciência, ou existem também padrões culturais de aprendizagem nos quais a autoconsciência não é chamada? Têm um arenque num cardume consciência de que sua vida corre mais risco na periferia do cardume do que no centro? E é mesmo verdade isso?
Que tipo de autoconsciência possuíam mamíferos como elefantes ou primatas?

Qual é o significado de se reconhecer ao espelho no processo de aprendizagem de um indivíduo? Reconhecer-se tornava o indivíduo mais empático relativamente a outros? Ou, na verdade, reforçava o individualismo e a ideia de classes e hierarquias? Pedro e Pablo rapidamente reuniram um pequeno grupo de jovens, e Sayen estava sempre presente nos encontros. Mas jovens engenheiros eletrónicos também se mostraram muito entusiasmados com o grupo ACI. A discussão sobre inteligência, processos de auto-aprendizagem e autoconsciência estava longe de acabada. Para muita EquivaGente, *inteligência* era amplo sinónimo anglosaxónico de i*nformação*, incluindo a capacidade de a reter. Para outros tinha realmente a ver com *autoconsciência.* Reacendeu por sua vez toda a discussão sobre processos automatizados e de autocorreção. Havia uma clara tendência a atribuir todo tipo de autoconsciência a uma inteligência não biológica, revestido de antropomorfismo. Será isso uma abordagem errática? O grupo incluiu investigadores e interessados para pesquisar no campo da neurologia.

O grupo EGAL abordava *Ego e Altro,* Eu e o Outro. Geralmente associava-se Ego ao comportamento instrucional egocêntrico e Altro ao comportamento dialógico altruísta como era conhecido da EquivaGente nos grupos de aprendizagem. Amadeus levantou a questão no dia da inauguração do Espaço JCD. Ele estava interessado nos grupos de aprendizagem com crianças. A Antropogogia Institucional e a Análise Ignarométrica ajudaram a explicar o sucesso dos grupos de aprendizagem na Rede. Antes da Refundição já havia ocorrido algum desenvolvimento local de Pedagogia e Antropogogia Institucional. Durante a sua última

presença nas ruínas de Megalissipo, Alberto contara a Amadeus algo que lera acerca de pequenas comunidades com as quais Catherine Demeester e Hypolite D'Ailleurs trabalharam. À luz das futuras conversas entre aqueles que vivem na Terra e aqueles que emigraram para outros lugares no sistema solar, um grupo de trabalho como esse poderia ser interessante.

E depois havia o grupo de trabalho com aquele nome impossível *Ecossistemas para Observação Humana e Não-Humana* (ou EOHNH). Ficamos surpresos e encantados de ver a mãe adotiva do pai de Halona na inauguração. Com a respeitável idade de 80 anos, Ayala era uma autoridade em Bibliopolis para tudo relacionado à etologia e ao pensamento ecossistémico na comunicação e na interação. Já mencionei o grupo de trabalho ACI e a discussão em torno da autoconsciência de espécies não humanas. Ela acrescentou algumas informações.

Será que reconhecer o próprio reflexo era evidência de autoconsciência? Ou isso só acontecia em certos casos? Já referimos o teste do espelho, bem conhecido entre os etólogos. Alguns mamíferos e até mesmo algumas aves, como as pegas, demonstraram capacidade de reconhecer o próprio reflexo nesse teste. Segundo alguns etólogos, esses sinais de reconhecimento de si próprio poderiam identificar os animais nos quais existe autoconsciência. Também já tínhamos superado o nosso arrogante e fatalista pressuposto de que éramos os únicos seres biológicos no planeta capazes de interagir entre quem dispõe de autoconsciência. Muito antes da *Refundição* os etólogos já afirmaram que algumas espécies quase extintas pelos humanos dispunham de formas complexas de comunicação. Lembravam-se

das baleias que eram capazes de enviar a grandes distâncias mensagens que pareciam até ser pessoais nalguns casos. Primatas tinham gestos específicos para mensagens específicas. Certos roedores e canídeos exibiam gestos do género ou emitiam certos sons. Houve tentativas de comunicação com primatas por meio da língua de sinais embora de ponto de vista antropomórfica. Essas experimentações obtiveram sucesso limitado. Talvez outras espécies simplesmente não estivessem interessadas em se comunicar com humanos. Ou talvez os humanos não conseguissem compreender certas subtilezas da comunicação, porque enquanto humanas os seus sentidos captavam sinais diferentes.

Isso levou Liberty a um sub-campo sobre o qual Ayala também especulava. A função dos sentidos. Em última análise, precisamos deles para possibilitar a comunicação com os outros. Indivíduos diferentes absorvem diferentes aspectos da realidade natural com base nos seus sentidos — visão, audição, tato, olfato e paladar. Além disso, mesmo na Terra, certos tipos de sentidos evoluíram para perceber o ambiente de uma maneira diferente da dos humanos. Os humanos conseguiam formar uma imagem de como as coisas funcionam para outros seres vivos mas não o conseguem por si mesmo. Para muitos observações precisam de instrumentos exteriores aos seus sentidos. Exige novamente muita empatia, neste caso mais em relação a indivíduos de outras espécies e não da nossa própria espécie. E será possível comunicar sobre essas diferentes formas de observação? Porque isso levar-nos-ia de volta àquele outro debate com a comunidade de Hunt sobre a linguagem matemática desenvolvida para apanhar

descrever e prever observações da Natureza a partir daí. Serão as formas como nós, seres humanos façamos a conversão de energia para os objetos que criamos foi consequência da nossa própria forma de descrever a natureza? Ou seja, existem outras formas, talvez mais interessantes de conversão?

***

Eu estava a pensar sobre a importância dos filhos e netos numa *Convivialis Civitas*. Ou, como o meu pai gostava de dizer, numa convivial sociedade comunitária. Sem dinheiro nem posses individuais, não era difícil decidir morar perto de parentes idosos. Eis um exemplo. Os últimos seis anos da vida de Delun Huáng foram muito felizes. No início do ano 122.10 HE as suas filhas e alguns de seus netos chegaram a Bibliopolis. Umut e Delun deixaram fazer mais algumas alterações na casa onde moravam, de modo que a filha de Delun e o seu marido passaram a ocupar um apartamento estúdio junto com eles. Pouco tempo depois ficou próxima deles uma casa disponível e a sua outra filha mudou-se para lá com os netos. Delun tinha 82 anos e alguns problemas de saúde devido à idade. O que mais o incomodava foi a gradual perda de visão. O oftalmologista não conseguia fazer muito a esse respeito.

Como já dissemos duas vezes, o nosso querido pai continuava a curtir o termo *sociedade comunitária convivial*. A EquivaGente não tinha nenhuma proposta para o projeto *DiSoCol* introduzir uma mudança de nome nesse sentido. Mas o meu pai podia ser bastante teimoso e no livro introdutório *Imprimatur* nem hesitou em colocar o termo na boca dos seus interlocutores. A

EquivaGente entretanto considerava o conceito *Convivialis Civitas* já era suficientemente complexo. Não tinha qualquer intenção em causar confusão semântica através de traduções.

Paula e Kendi continuavam a encontrar-se com os meus pais quase dia sim, dia não e deram um grande apoio para concluir a árvores genealógica para o grupo de escrita. Numa pequena área de armazenamento de documentos esquecidos na Base Lunar, nos quartos que avô Lev tinha ocupado com seus pais, encontraram-se dois cadernos pertencentes a Malcolm Auctor. Algumas semanas depois, os cadernos vieram parar no Espaço JCD. Malcolm mantinha apontamentos de encontros com parentes distantes. Paula analisou-os. O grupo de escrita descobriu que a última conversa entre Fernanda Mestre e Alberta e Fernando N'Kondo Ngô ocorreu em 121.38 HE. Não tínhamos encontrado nenhuma referência a contatos posteriores entre descendentes de Catherine e Joana Demeester até Alberto, Paula e Kendi deixaram clara a conexão e o parentesco entre ambas as famílias Auctor e N'Kondo Gô. Porém até hoje ninguém encontrou qualquer indício de que Emmy Lehrman e Sang N'Kondo Gô sabiam serem primas distantes. Em boa verdade pensamos nenhuma das duas se lembrar de procurar se Sang de facto alguma vez brincou com o Emmy's irmão Jacobus quando era criança, como sugerimos num dos livros. As famílias foram para domos diferentes das bases lunares. O avô tinha na altura menos de doze anos e não se lembrava de mais nada sobre esse assunto.

Desde o início do hectano o número de escavações em regiões congeladas aumentou bastante. Arqueopolis era uma espécie de ponto de encontro obrigatório para arqueólogos em busca de arquivos anteriores à Refundição. Nídia e David tinham concluído na altura a sua busca pelos documentos originais de Prokofiev de que Alberto falou em *Imprimatur*. Mais a norte os desafios arqueológicos eram mais exigentes do que por exemplo nas penínsulas meridionais de Erebúm. David e Nídia tinham por isso primeiro tido um estágio com especialistas no trabalho em condições de frio extremo. Talvez foi essa a razão para terem levado as suas descobertas primeiro para Arqueopolis antes de regressar. Isso fez pensar o meu pai. No caso específico do *Espaço Joana e Catherine Demeester* e enquanto curador pediu a possibilidade de ter uma ligação permanente por vídeo com a seção arqueológica para *Erebúm Sul e Oeste* da Biblioteca Central de Arqueopolis. Megabarça tornou-se gradualmente totalmente acessível para investigadores. Megaludein possuía já alguns sítios arqueológicos. Esperava-se encontrar vestígios da família Demeester em ambos os locais e ele queria evitar o dispersar de informação.

Após a retoma da publicação de livros infantis em papel, alguns romances para adultos também passaram novamente a ter pequenas edições em papel. Aparentemente, a prática era atemporal desde a invenção da imprensa. Até havia interesse para voltar a dispor de alguns periódicos académicos impressos. Agora, como no passado, havia quem preferisse ter papel nas mãos. Para evitar desperdício essas edições impressas estavam nas Bibliotecas Centrais onde podiam ser requisitadas. Naquele

ano a revista Neo-Ignarysis começou a publicação de uma edição anual bastante volumosa com uma seleção de artigos do ano. Qualquer pessoa podia solicitar em formato impresso uma seções da revista.

No ano seguinte Paula Pax e a nossa avó Sara ambas faleceram com pouco tempo de diferença. Perde-las foi difícil para todos, mas foi especialmente doloroso para o meu avô e para Kendi. Eles passavam muito tempo juntos. Os meus pais ofereceram uma cama permanente em casa para Kendi onde sempre podia dormir se preferisse não ficar sozinho. Por um curto período o meu avô optou por alternar entre a casa dos meus pais, a da minha irmã e a minha. Manuel e Isabelle entretinham-no. E mais bisnetos estavam a caminho. Halona estava com a gravidez avançada e minha irmã também esperava o seu segundo filho para meados daquele ano.

Certa noite, Kendi lembrava a irmã já falecido. A conversa virou para o reencontro com os avós maternos deles, desaparecidos há muito tempo. Num dia chuvoso os pais da mãe Alika de repente apareceram a caminhar rua abaixo. Segundo Kendi ele devia ter sete, talvez oito anos na altura. Ele lembrava-se do ocorrido como se fosse a cena de um filme. Os seus avós tinham chegado num barco pequeno. Contaram mais tarde que subitamente se levantou um forte vento e começou a chover torrencialmente. O barco virou. Graças a moradores de Paraíso que estavam na margem do lago ninguém a bordo se afogou.

É possível que estava a falar do mesmo ano em que o avô do meu pai desapareceu durante uma operação de resgate em muitos aspectos semelhante à que Kendi descreveu. Mas não

passava de especulação, claro. Kendi tinha apenas vagas lembranças de infância daquele período.

Pouco mais tarde no mesmo ano, os viajantes de Ganímedes e Europa estavam de volta. Um pequeno grupo totalmente inesperado para nossa família integrava a equipa. Os Terráqueos já deviam estar em Ganímedes uns três meses quando visitaram uma antiga cúpula suburbana técnica, entretanto totalmente integrada na rede de cúpulas. Como em Marte, a maioria dos jovens da geração de Wolfgang eram bem mais altos do que ele. Mas como em Marte pareciam mais frágeis. Já se sabia há algum tempo como a gravidade reduzida podia levar a todo tipo de mutações, mas ninguém esperava mudanças tão rápidas como em Ganímedes. As novas gerações de habitantes sofriam principalmente com a redução da força muscular. Precisavam descansar com mais frequência. A sociedade optou por introduzir dois períodos de descanso e dois períodos de trabalho por cada revolução de Ganímedes em torno de seu eixo.

Mas a grande surpresa foi algo de completamente diferente. Os irmãos de Fernanda e Joana Mestre, que tinham ido para EuroBrussels *tiveram de facto filhos*. Havia uma família Mestre na cúpula!

Os irmãos de Fernanda Mestre foram repentinamente banidos para Lagrange 3 após uma falsa acusação vindo de Bloomcamp. Talvez a acusação fora só uma manobra para conseguir mão de obra técnica barata de que a Elysium tanto precisava ainda antes dos Bloomcampers migrarem para a cidade espacial. Mulheres e crianças permaneceram na Terra mas alguns dias depois *EuroBrussels* foi praticamente dizimada depois de se

espalhar um virus mortífero provavelmente também também com a assinatura Bloomcamp [ver Livro 11. *O Paraíso dos Livros*]. Ambas as cônjuges morreram. As crianças eram pequenas e foram enviadas para Ganímedes para serem criadas por colonizadores e lhes imbuir dos valores de Bloomcamp. Naquela época, os colonizadores de Bloomcamp tinham Ganímedes em mente como uma possível lua de fuga. Já na altura Marte parecia um planeta mais perigoso… A mudança de escolha foi feita em *Elysium*.

Seja como for, havia Mestres a viver em Ganímedes! Diferente de Marte, em Ganímedes as irmãs Demeester faziam parte da História contada. Até a ignarometria não era desconhecido e sabia se da ligação entre Demeester e Mestre. A família Mestres ficaram muito comovidos ao perceber que Wolfgang e Nadia eram de uma Polis onde viviam as primas distantes Liberty e eu.

Este grupo Mestre trabalhava em projectos de engenharia. De imediato enviaram um pedido ao Governo de Ganímedes para terem autorização para viajar para a Terra. Havia razões sentimentais claro, mas não só. Eles queriam saber da evolução de algumas tecnologias em Terra e partilhar informações com colegas. Duas semanas antes de *RR Mestre* partir para a lua Europa receberam permissão para viajar. No entanto, tiveram de compreender que a viagem de regresso só seria possível dentro de quatro a cinco anos ou talvez mais. Tudo dependeria em certa medida das duras fases de adaptação biológica durante a viagem de ida para a Terra e possivelmente também durante a viagem de regresso. Tanto os biólogos a bordo do **RR** como os de Ganímedes avisaram os viajantes. Iriam ter que passar por

árduos treinos para desenvolver a força muscular necessária para uma estadia na Terra. Uma paragem na Lua seria obrigatória. Ela era absolutamente necessária para determinar que tipos de exoesqueleto e de estimulação cardíaca seriam necessárias para conseguirem visitar o planeta Terra em segurança. Se a visita à Terra for demasiado exigente para os seus sistemas biológicos eles queriam convidar os parentes distantes para uma visita à Lua caso se *homenzinhos da Lua* não puderem ser convertidos em *homenzinhos da Terra*. O termo *homenzinhos* era de resto pouco adequado. Por um lado tinham dois metros ou mais metros de altura e por outro tratava-se de quatro mulheres e apenas um homem.
Mas um pouco contra as expectativa dos biólogos conseguiram chegar à Terra com os aparelhos de apoio necessários e permaneceram connosco por quase um ano!

Os Gestores de Fundações vindo de Marte aperceberam-se imediatamente que a imersão colonizadora em Ganímedes não seguiu a linha esperada por Bloomcamp. Talvez isto já tinha sido claro perto do fim da vida útil da cidade espacial. Talvez foi essa a razão pela qual a linha dura de *Elysium* optasse por Marte em vez de Ganímedes. Na lua de Júpiter evoluiu-se rapidamente para uma Comunidade e agora sociedade de Tipo 2. Os primeiros anos com falta de matéria-prima e produtos acabados e prontamente disponíveis levaram a formas duradouras de partilha e de propriedade comunitária por meras razões de sobrevivência. Quando a produção local se consolidou, a propriedade comunitária já era tão natural que os habitantes estavam modo geral muito satisfeitas com essa Sociedade Tipo

2. Contudo a equipa da Terra não encontrou nenhuma comunidade sem dinheiro em Ganímedes.
Os Gestores da Fundações que acompanhavam o grupo não ficaram muito satisfeitos com o que viram em relação à evolução da posse pessoal de bens. Mas ficaram surpresos e encantados com o resultado dos dois sóis artificiais e da produção de oxigénio por cyanobactérias.

Naquela altura Europa não era nada mais do que uma cidade mineira. Todo o trabalho ao ar livre era feito por máquinas auto-organizadas. Por ora, aventurar-se para fora das cúpulas não era possível. Mas ali, os olhos dos Gestores de Fundações brilhavam. Europa parecia ser mais uma vez a fonte eterna de minério. Sempre e em todo lugar, o primeiro pensamento deles parecia ser possuir, possuir, possuir.

Algo que surpreendeu a minha irmã após a primeira longa conversa com a comissão espacial com membros da Terra e da Lua presentes por videoconferência, foi quase não haver mitos acerca da Terra em Ganímedes. Os locais só faziam alguma troça daqueles terráqueos supersticiosos de antão quando acreditavam que quem observava corpos celestes e assim tirava a Terra do centro do universo tinha feito um pacto com o diabo.
Foi quando o pai contou mais uma vez a história do Papa que queria introduzir os numerais arábicos e também teria feito um pacto com o Diabo.

É claro que a chegada de cinco parentes distantes vindo de tão longe foi um grande acontecimento. O impacto inicial foi um pouco estranho. À primeira vista, parecia que recebíamos a

visita de um Eduardo e quatro Eduardas Mãos-de-Tesoura mais evoluídas. Mas acostumamo-nos rapidamente. As suas contribuições para a Comissão Espacial e para o grupo EGAL foram particularmente apreciadas. Surpreendemo-nos com co que diziam acerca do seu sistema educacional. Havia nítidas referências à antiga Carta dos Aprendentes de Joana Demeester.
Observámos também a língua que falavam. Ninguém sabia ao certo das origens do idioma de Ganímedes. Contudo o grupo de pesquisa da minha mãe e outros grupos etimológicos perceberam rapidamente que os habitantes de Ganímedes desenvolveram um crioulo baseado no vocabulário e nas estruturas gramaticais de três línguas antigas: inglês, chinês e espanhol. No início eles eram uma comunidade relativamente pequena, claro, e foi aparentemente quando desenvolveram a língua Ganímediana que passou a ser utilizada em todas as cúpulas. Segundo o meu pai um desenvolvimento semelhante na Terra era improvável por sermos ainda muitos falar uma das muitas línguas pré-Refundição.
O sistema educacional de Ganímedes era notável de ser estudado, tomando em conta o debate em torno das comunidades de aprendizagem crítica na época de Joanna. Para os membros exilados da GNet-Z em Ganímedes a educação nem sequer era uma prioridade durante os primeiros anos. Na altura lutavam apenas pela sobrevivência. Mas o facto de haver exilados e banidos tenha talvez influenciado os outros. É preciso lembrar-se que os primeiros colonos foram enviados para lá como prisioneiros por se oporem ao autoritarismo de Bloomcamp e os seus governos fantoches. [Ver parte 10. *Arrogância e Ignorância*].

Nadia ficou emocionada ao rever Sayen e também incrivelmente triste por não poder mais trabalhar com Paula Pax nos livros infantis como tinham imaginado antes de ela partir. A minha mãe ofereceu-se para a ajudar.

Certa noite, com o ramo ganímediano da família Mestre presente, as gémeas Nadia e Nídia e os irmãos Halona e Manuel falaram um pouco mais sobre a história de sua própria família. Halona e Manuel acrescentaram logo que nunca ouviram falar dos seus avós paternos durante a sua infância. O pai deles tinha apenas um ano quando os avós o deixaram com uma cuidadora e simplesmente partiram para Marte.

Avô Lev já nos tinha contado das ligações da família Takis com a Fundação Muscle e da família de Ayala com a Fundação Brandad. Midas Takis terá dito certa vez à mãe adotiva de Milo que para ele, o dinheiro era mais importante do que os filhos. Os pais de Dusan deram aparentemente prioridade aos filhos em detrimento do dinheiro. Talvez foi porque o pai de Nadia e Nídia era um bebé recém-nascido quando tiveram que decidir se iam para Marte ou para a Terra. A conversa acerca das diferentes gerações e do reencontro com alguns colonos continuou. Os Mestres Ganímedianos explicaram como abordaram os visitantes, ouvindo falar dos Mestres terrestres e os seus descendentes. Provavelmente outros não tiveram a sorte de ouvir falar de antigos parentes, porque viviam em outros Polisses. Foi quando Halona e Manuel se perguntaram de repente se os seus avós que tinham ido para Marte ainda estariam vivos. O meu avô achava-o pouco provável. As condições de vida em Marte são consideravelmente mais difíceis

do que na Terra. Além disso Wolfgang e Liberty nunca mencionaram nenhuma família Takis depois da sua viagem a Marte, há cerca de cinco anos. Também Nadia e Nídia sabiam relativamente pouco sobre a sua família paterna. Do lado da mãe Lupe era fácil. Ela nasceu em Arqueopolis e mudou-se para Bibliopolis aos nove anos, onde conheceu Dusan.

O meu pai considerou então apropriado iniciar um dos seus típicos discursos-de-jantar-entre-amigos. Ele tinha certamente acabado de ler algo no Espaço JCD que o inspirou.

Começou por observar que na época de Paulo os donos do mundo ocidental consideravam aqueles que não adotavam atitudes consumistas a viver '*fora de seu tempo*' ou '*fora da realidade*'. Para garantir proveitos e lucros na parte do mundo do consumismo a outra parte do mundo era escravizada ou quase e forçada a trabalhar em condições desumanas.

Na Terra depois de Reconstrução e na sociedade comunitária e convivial considerava-se aqueles que pretendiam acumular lucro e bens pessoais agora a viver '*fora da realidade*'. Em Ganímedes e nas Comunidades do Tipo 2 cá na Terra as pessoas procuravam uma forma de equilíbrio para evitar diferenças extremas.

Em matéria financeira, acrescentou, a heterogeneidade total parecia ser um problema. Levava a ter poucos que possuíam tudo e muitos que não possuíam nada o que aparentemente não era uma solução sustentável. Graduações e intervenções pareciam ter como objetivo nivelar um pouco as diferenças de renda, criando assim uma espécie de falsa homogeneidade de riqueza. Concluiu com um sorriso na direção de Sayen que o

Princípio da Heterogeneidade poderia ter consequências estranhas numa sociedade totalitária movida pelo dinheiro. Sayen riu e perguntou se ele estava a fazer pseudociência ou se estava simplesmente demasiado cansado para entender que estava a trocar alhos por bugalhos.

Durante uma reunião com Sayen, Zanaibu, Binh Pham e Babitha voltamos à parte da história da família. Havia uma área cinzenta entre o período Lemaître na cidade então chamada Oostende algures no litoral do que mais tarde se tornaria esta Megabelgium e o período Demeester que começava com o bisavô Louis de Catherine e Joana Demeester. Sabíamos que uma Johanna teria herdado uma casa de seu avô Jean-Jacques Lemaître nessa mesma cidade no litoral. Mas como ligar Johanna Lemaître a Jeanne Teacher? Sabíamos que Jeanne era a mãe de Louis Demeester, que tinha sido professora, que correspondia com um professor também de Oostende que tinha amigos no Movimento Internacional da Escola Nova. Tínhamos duas histórias familiares que pareciam estar ligados mas havia muita de intuído no meio dos relatos documentados. Para o livro 6, *A Escola dos Burgueses Iluminados* tínhamos pouquíssimas evidências concretas acerca da família. Optamos portanto por uma descrição mais geral de como a Igreja e o Estado, ou ambos em conjunto, instituíram a escolaridade obrigatória nesta região como em muitos outros lugares do mundo. E esperávamos que a nossa intuição desse frutos.

Em 122.04 HE já se faziam escavações perto do antigo sítio de EuroBrussels. Bruxelas fora outrora a capital daquele pequeno

país subitamente independente chamado Bélgica (ver acima, em '*deixa-nos dizer e escrever*'), pouco antes da instalação de Megabelgium. Na história dos territórios ocupados, o nome *Belgica* ou *Belgium* aparece constantemente relativo a uma área maior do que aquele pequeno país com uma história relativamente curta entre 1830 e a ascensão das MegaPoleis. Mas como Bruxelas tinha sido a sua capital encontraram-se arquivos com dados burocráticos daquele período. Grande parte era ilegível, e os dados eletrónicos estavam frequentemente estragados. Combinando o que se encontrou com alguns arquivos privados de aristocratas locais e de uma figura Bloomberg 8 descendente das primeiras grandes famílias industriais da região, encontrámos referências a um pequeno lugar rico em minério de zinco que foi reivindicado por vários reis e imperadores durante muito tempo. A terra fora conhecida com o nome de *Moresnet* ou até *Moresnet Livre* durante quase cem anos. No meio de uma descrição da extensa atividade de mineração naquela região surgira o nome de uma pequena escola não oficial. Essa escola foi fundada por uma certa Johanna Lemaître. Poderia ser esta a Johanna mencionado por Jeanne Teacher nos seus cadernos que encontramos entre as informações preservadas do avô de Paulo Demeester, Louis? Mas ela falava dela, como sendo um membro da família. Aparentemente, os filhos de Johanna, provavelmente sendo um deles o pai de Jeanne, tinham o nome de Teacher. Em 122.13 HE recebemos finalmente a confirmação de outros arquivos de que Johanna Lemaître era a avó de Jeanne Teacher.

Isso significava que estávamos em condições de reescrever parte

do livro 6. Decidimos por uma história que permanecesse fiel à História Geral que conhecíamos. A família seria incorporada de uma forma um pouco mais romantizada. Enquanto co-autores já referimos explicitamente aos leitores interessados referir que a nossa epopeia constitui uma versão algo romantizada da história da família de Alberto mas que sempre procurámos o mais que possível ligar de cada um dos antepassados à História Documentada antes da Refundição e a memórias pessoais e arquivos da Biblioteca Central depois da Refundição. Devido à destruição em larga escala de documentos pelos *Cou-Clib-Clans,* ainda hoje não é sempre fácil de revisitar a história de pessoas e famílias. Mas estabelecemos uma ligação lógica entre os Lemaîtres e os Mestres e mais do que provável fiel à sua história. Diga-se de passagem que para o Livro 7, *Tempos de Chumbo* havia muito material de arquivo extra família. Aparentemente, é sempre muito mais fácil encontrar informações sobre guerras, assassinatos e crimes do que sobre educação e comunidades de aprendizagem e isso ao longo de toda a história anterior à Refundição…
Aproximava-se gradualmente o fim da nossa aventura conjunta de escrita. Depois de revisar estes dois volumes conseguimos disponibilizar a Saga eletronicamente para as Bibliotecas Centrais das Polisses.

Depois de acabar o grupo de escrita por volta do solstício nortenho do ano de 122,15 HE o meu pai começava a visitar mais frequentemente a minha irmã e a mim do que o Espaço JCD. Com Isabelle e Manuel inventava histórias. Contavam-nas um ao outro tantas vezes que acabaram por memorizar as suas

próprias criações. Os livros infantis de Paula Pax eram geralmente o ponto de partida. Isabelle e Manuel cresceram e desenvolveram os seus próprios impulsos criativos. Às vezes avô Alberto não era necessário. Naqueles momentos Iona e Upul conseguiam a sua plena atenção. Ele mesmo dizia que preferia brincar com a geração mais jovem do que de fazer de curador agora que tinha mais de sessenta anos.

No entanto, frequentemente refletia sobre o Princípio da Antropogogia. Ficava satisfeito de ver como muitos adultos continuavam a participar espontaneamente nos grupos de aprendizagem onde tinham filhos. Mas tal como antes da Refundição havia inúmeras áreas de interesse para Homo Sapiens. Ele perguntou-nos se não seria útil de convidar regularmente investigadores, artesãos e engenheiros trabalhando em certas áreas menos óbvias para as crianças em grupos de aprendizagem que não incluíssem nenhum parente deles. Eles poderiam então ocasionalmente fazer algum projeto juntos e discutir os seus trabalhos. Isso poderia levar com que ainda mais perguntas do tipo *porquê?* das crianças se transformassem em perguntas de investigação. Os grupos de aprendizagem poderiam imitar certas atividades dos adultos e, por que não, algumas perguntas talvez se transformariam em verdadeiras perguntas de novas investigações.

O pai sempre voltava ao assunto da criação de mitos. Porque surgirem os mitos com tanta facilidade eram mais ou menos claro. Tinha a ver com a forma como o nosso cérebro analisa o ambiente e sintetiza informações úteis para a nossa evolução biológica nesse ambiente. Fogo e alimentos venenosos eram

perigos que qualquer ser vivo melhor reconhecia para proteger o próprio corpo. Havia no entanto seres humanos tão obcecados pelo fogo que se dedicavam a ele constantemente. Assim como havia pessoas que colectavam toxinas de plantas e animais para as usar como remédio. O fogo não transformava toda gente em piromaníaco nem as toxinas transformavam todos em perigosos envenenadores. Pensamos nos bombeiros que gostam de controlar e combater o fogo e nos curandeiros que conhecem intimamente as propriedades de muitas plantas. Não eram farmacêuticos de certa forma envenenadores? Por si só não os tornava perigosos.

O nosso cérebro podia nos pregar partidas transformando uma resposta biológica protetora numa resposta cultural agressiva. Qualquer pessoa que controlasse o fogo tornava-se então um demónio; qualquer pessoa que trabalhasse com veneno era então uma bruxa. Segundo o meu pai, mitos e preconceitos continuavam a prosperar quando os grupos de aprendizagem davam menos atenção a fenómenos mesmo sendo eles do cotidiano ou do ambiente imediato.

Ele sempre relacionou a importância do projeto *DiSoCol* à necessidade de um diálogo contínuo acerca daquilo de que as pessoas sabiam pouco ou nada e também acerca aquilo sobre o que uns sabiam muito e outros talvez pouco. Neste último caso, era desejável que o diálogo ocorresse com quem pudesse fornecer informações úteis sobre o assunto. Se o grupo de aprendizagem não conseguisse encontrar ninguém capaz de fazê-lo, então tinha talvez uma questão de pesquisa válida. Erros ou perspectivas enganosas geralmente ocorriam quando as pessoas simplificavam

demais ou faziam suposições. Quando não criavam hipóteses, mas elaboravam suposições cuja validade não era de questionar. A criação de mitos era um fenómeno cultural talvez com uma outra necessidade biológica na sua origem. Segundo o meu pai, era a adoção de determinada abordagem cultural adotada que ajudava a criar dogmas ou de impedir de os criar.

O meu pai citou alguns autores que ao longo dos dois séculos anteriores ao *Inverno Vulcânico* demonstraram como um certo tipo de líderes tomavam decisões irracionais para a humanidade, explorando psicoses de medo que às vezes eles próprios criavam. Sem análise séria tais decisões tornam-se facilmente o resultado aceito de uma tendência percebida. Houve épocas em que se aceitava facilmente que havia em Vineland uma alta probabilidade de ser morto num ataque terrorista enquanto a probabilidade de ser baleado por alguém que tinha comprado legalmente uma arma de fogo era baixa. Uma análise do cientista Vaclav Smil mostrou que naquele continente específico na mesma década do hectano 120 125.000 pessoas foram mortas por uma arma de fogo legalmente adquirido, enquanto apenas 170 pessoas morreram na sequência dum ataque terrorista. No entanto as pessoas continuaram a seguir os líderes na guerra contra terroristas. Quando alguns dos mesmos governantes queriam de forma muito ligeira alterar algumas regras sobre a venda livre de armas de fogo, as suas propostas foram imediatamente rejeitadas no parlamento. Os 'representantes do povo' podem muito bem ter sido influenciado pelo lobby daqueles que lucravam muito com a venda de armas.

Pior ainda, o meu pai descobriu um certo ressurgimento do síndrome da morte súbita infantil em certas partes de Erebúm, durante o primeiro semestre do Hectano 120. Conforme um estudo universitário na altura, pais jovens, cansados e inexperientes, procurando conselhos relativamente aos seus recém-nascidos eram mais propensos a seguir informações enganosas ou falsas de influenciadores das redes sociais do que informações fornecidas por profissionais médicos qualificados.

Medos irracionais resultantes da ignorância, de informações inadequadas, enganosas ou falsas também costumavam determinar a atitude agressiva dos Vagantes e Ignorantes relativamente aos Sabedores antes da Refundição [ver livros 10 e 11]. Segundo o meu pai e a minha irmã o mesmo tipo de informação enganosa alimenta a imagem distorcida acerca da Terra e da sua população entre a geração mais jovem de Marte.

Muito por isso o Conselho Interpolis partiu do princípio de que o diálogo só poderia começar a ser verdadeiramente eficaz quando as intenções dos Gestores das Fundações estivessem completamente claras. Só depois de esclarecer de facto a sua posição haveria alguma possibilidade de chegar a acordos para uma sociedade ou comunidade não interferir com outra.

Durante a era GNet-Z havia ainda muitos centros de estudos a colectar e processar ativamente conjuntos de dados. Tanto o GNet-Z quanto outros usavam informações vindo dessas instituições. O *Institute For Economics and Peace*, por exemplo, publicava regularmente o *Global Peace Index*. A sua estrutura de análise incluía educação e liberdade de pensamento e expressão como dois elementos a influenciar positivamente a paz global.

Naturalmente, um instituto pré-Refundição com *Economia* no nome, não incluía na sua matriz de análise o parâmetro ausência de posses pessoais. Afinal o Instituto funcionava dentro de uma Sociedade Global do Tipo 1 na Terra. Mas a análise ignarométrica que outros pesquisadores combinaram com esta análise reforçou a hipótese de que a ausência da acumulação de riqueza por não haver dinheiro era uma terceira influência positiva na paz.

Não era totalmente à toa o meu pai pensar constantemente nos grupos de aprendizagem com crianças e jovens. Ele tinha encontrado recentemente um panorama da evolução da população no planeta Terra num período de duzentos anos. Dados de 120.18 HE indicavam que naquela época perto de 7,1 bilhões de pessoas habitavam a Terra. 70% constituíam a população adulta. Em 121.39 HE, o ano do Inverno Vulcânico, essa população tinha crescido para 10,3 bilhões. O crescimento foi mais lento do que o previsto pelos analistas do hectano 120. Mas o que era mais significativo era que o número de não adultos tinha diminuído de 30% para 25%. Segundo o meu pai, isso devia-se por parte aos ataques com vírus mortais que mataram muitas crianças desprotegidas, mas também ao envelhecimento da população como resultado do aumento da expectativa de vida em certas partes do planeta e a diminuição de número de crianças por mulher. Após as intervenções humanas mortíferos e os eventos naturais igualmente com alta taxa de mortalidade humana, a população da Terra se estabilizou em 122.15 HE nos 3,5 bilhões de seres humanos. Essa população era composta principalmente pela EquivaGente

vivendo em *Convivialis Civitas*. Entretanto a população não adulta na Terra estava em 35%. Ele enfatizou a nossa obrigação de tratar esse terço da população com respeito e sabedoria. Acrescentou ter que fornecer aos grupos de aprendizagem todo o apoio necessário. Só a título de comparação lembrou como o número de habitantes fora da Terra e da Lua ainda era muito pequeno. Em Marte a população total era de pouco menos de quarenta mil indivíduos. Ganímedes e Europa, juntas abrigavam hoje cerca de um quarto de milhão de habitantes.

***

Pouco depois do lançamento da saga toda, reli as anotações de Paulo Demeester. Durante os anos de escrita demos sobretudo atenção às anotações relacionadas às suas filhas. Nalgum momento no livro 10 *Mediocridade Massiva* mencionamos um colega de Paulo interessado no que na época se chamava a Pedagogia Institucional. Paulo conheceu-o por acaso e referiu-se ao seu trabalho. O nome da pessoa aparece nalguns estudos de caso que membros da CIA reencontraram. O colega de Paulo trabalhava nos arredores da antiga Lisboa. Verifiquei o nome da cidade com Idrissa e ela confirmou.

A seguir comecei a matutar sobre outra pequena ideia depois de ouvir uma conversa entre Alberto e a nossa filha mais nova. Falavam de ondas de pensamento de formas de energia e da transferência de informações.

Compreendi da conversa que o tempo tal como o vivemos enquanto seres biológicos parece ter propriedades diferentes na física quântica. Há quem fala da ausência do tempo, há quem fala da reversibilidade. Nós apercebemo-nos do tempo como

uma seta de sentido único o que não é explicitamente o caso nas equações quânticas. Esse aspecto interessava naturalmente os grupos de trabalho centrados nas comunicações e despertou o interesse da Comissão Espacial. Para ser mais claro a minha ideia era sobre a forma como a informação eletrónica se dispersa. Mais ou menos na altura em que os engenheiros tinham conseguido desenvolver um modelo plenamente funcional das Bolhas Espaciais como a viagem a Ganímedes demonstrou claramente, alguns grupos de trabalho observaram algo muito peculiar. Não tinham ainda uma explicação conclusiva baseada na lógica matemática humana. Bancos de informação geridos por computadores quânticos e aos quais quase todas as principais bibliotecas começavam a ter acesso causavam aparentemente ocasionalmente o que se chamava por falta de melhor definição *contato eletrónico* com dispositivos do nosso passado. Ora, o mais estranho era que determinado material aparentemente podia ser visto e gravado sem que ninguém tivesse conseguido efectivamente comunicar com o passado. Deu-se muita atenção à investigação sobre ondas de pensamento e ondas de energia. Presumia-se que essas ondas, como alguns outros aspectos da Física Quântica não estavam confinadas à nossa percepção do tempo sem ninguém de momento conseguir aprofundar mais o assunto.

O curioso acerca dessa incongruência inexplicável no espaço-tempo era que ocasionalmente certos canais abriam e fechavam rapidamente. Mais uma vez, ninguém sabia como isso funcionava. O que aprendi das conversas entre Liberty e o pai foi que com o apoio da comunidade Hunt e toda a abordagem

matemática *Em-Terra-Humano-Não-Em-Terra-Não-Humano* do espaço e do tempo um documento eletrónico aparecesse num local do nosso passado através de um ponto de acesso *pertencente* ao tal colega de Paulo Demeester. A pessoa em questão não tinha nenhuma possibilidade de nos contatar e por enquanto não encontramos nenhuma evidência física após a Refundição daquele local, embora deve ter existido nalgum momento. Naquela época não havia outros relatos de EquivaGente a colocar arquivos eletrónicos em locais hoje aparamente inexistentes. Mas a conversa levou-me a sugerir que enviássemos uma mensagem eletrónica para aquela pessoa que viveu em parte do séculos XX e e parte do século XXI d.Chr.. Podíamos apenas pedir de não remover os livros aparecendo no tal local, mas de os oferecer para leitura. Mesmo assim tranquilizámo-lo. Pelo nosso conhecimento não havia nenhum perigo de surgir uma História paralela. Nem sequer sabíamos se ele de facto recebeu o pedido.

No final do ano Leon, irmão do meu sogro faleceu logo e logo a seguir perdemos o 'adotado' tio Kendi. Tanto o meu sogro como Alberto ficaram devastados. Junto com Ondjoy e Erika tentei mais uma vez animá-los com pequenos encontros familiares. Podia contar com as nossas filhas, os gémeos do meu irmão e as respectivas famílias. Nídia e David tinham entretanto uma filha de quase seis anos, e Wolfgang e Nadia continuaram a tradição de ter gémeos com os seus dois meninos que acabaram de completar quatro anos. Esperávamos que as crianças animassem as duas famílias enlutadas. E sim, Ondjoy conseguiu convencer Alberto a retomar o papel de avô. Nesse dia,

enquanto o meu irmão brincava de cavalinho com os mais novos no jardim, o meu marido perdia-se em histórias inventadas com as duas crianças mais velhas. Quando todos, exceto as crianças menores, estavam cansados, reunimo-nos à volta do meu sogro. Ele contou-nos um pouco das suas aventuras com Leon na Lua. De seguida os netos e bisnetos contaram como tinha sido maravilhoso Kendi e Alberto descobrir que ambas as famílias descendiam de Catherine e Joana Demeester.

Num outro dia Pablo e Sayen juntaram-se a nós com o seu filho de dois anos. Sim, entre familiares e amigos a quarta geração após a Refundição, também estava a crescer… No final da noite, quando as crianças já estavam a dormir, Pablo, Sayen, os gémeos, as nossas filhas, Halona e Dulan, conversaram sobre os desafios para os próximos anos. As conversas com pessoas que vivem fora da Terra tinham naturalmente uma atenção especial.

Os descendentes dos irmãos de Fernanda Mestre estavam naquela altura na Lua onde não precisavam do reforço muscular. Já tinham realizado uma série de reuniões com engenheiros lunares, principalmente para partilhar ideias e informações técnicas sobre próximos passos na terraformação. Sabiam, é claro, que o processo não terminaria durante as suas vidas. Como muitos outros habitantes de Ganímedes, tinham a convicção que a vida dos seus netos se tornaria muito mais fácil. Não se tratava apenas de aspectos estritamente biológicos; havia um importante elemento psicológico. Desde que os dois sóis artificiais orbitaram Ganímedes, sentia-se menos a omni-

presencia do gigante Júpiter. Talvez tivesse um efeito positivo no crescimento populacional. Mas, após visitarem o Espaço JCD e antes de partirem para a Lua estavam, como outros, convencidos de outro aspecto ainda. Parte do sucesso coletivo que superara as expectativas até mesmo dos mais otimistas ganimedólogos, residia no fato de se terem tornado cada vez menos individualistas. Em última análise foi o que lhes permitiu de trabalhar de forma cooperativa e não autoritária, em prol do que era importante para toda a comunidade. A propriedade pessoal tinha-se tornado algo de secundário.

Os visitantes de Ganímedes leram atentamente a descrição com quase duzentos anos dos três tipos de sociedade discutidos em Ignarysis. Eles concordaram que em Ganímedes se estabeleceu uma sólida base para o sucesso de uma Sociedade Tipo 2. Contudo, para Alberto esta sociedade ainda podia evoluir talvez para uma sem dinheiro, talvez para uma com uma forma de governo mais totalitária. Eles não se pronunciavam sobre se seria o caso ou não. Não lhes parecia ser o mais importante. Eles tinham a certeza que também os governadores estariam principalmente interessados em perceber que formas de cooperação poderiam estabelecer com os marcianos. Era bastante claro para os habitantes de Ganímedes e da Terra que uma comunidade muito pequena e individualista num planeta tão desafiador como Marte não tinha a possibilidade de empreender projetos de longo prazo sem antes decidir enquanto comunidade como imaginava o seu futuro. Ninguém queria persuadir a comunidade de nada, porque isso não levaria a lugar nenhum. Se os Marcianos mantivessem uma Sociedade

Tipo 1 na qual quem tinha os antigos Valores Bloomberg continuava a ser os ricos e governadores mais importantes, seria provavelmente necessário um longo período de diálogo. Um passo significativo podia ser a inclusão de de representantes além dos Gestores das Fundações. Mas mesmo sobre isso, somente os marcianos poderiam decidir por si mesmos.
A conversa de repente ficou mais séria. O meu sogro lembrou-se dos *descritores da simplicidade dos problemas*. Talvez a geração das suas netas precisava dum novo Vanderlei.

Um novo Vanderlei. Mas então alguém que pudesse sentir claramente o quão diferente das conversas de 121.45 HE são as com os Gestores das Fundações sobre os próximos cem, duzentos anos ou mais, caso quisessem permanecer em Marte. O objectivo então foi de encontrar soluções viáveis a curto prazo para que aqueles que não queriam abrir mão da propriedade pessoal não se sentissem oprimidos por mais hierarquicamente opressores que fossem com aqueles que tinham menos ou não possuíam nada. Tratava-se daquela minoria de Elysianos que continuava a considerar a propriedade pessoal como a forma suprema de auto-realização. Mas o grupo existia e se assim o desejar poderia dialogar sobre a assistência necessária para desenvolver a comunidade. Os líderes já o tinham compreendido.
Liberty perguntou ao avô se valeria a pena pedir conselhos a Vanderlei. O meu sogro fez um sorriso triste. Era sempre útil para os jovens de pedir conselhos aos mais velhos, dizia. Mas ele visitara Vanderlei pouco antes dessa conversa e estava preocupado. A sua preocupação tinha razão de ser. Antes mesmo que Liberty pudesse falar com Vanderlei, ele despediu-se

tranquilamente da vida aos 89 anos.

Após do trabalho na Saga, Idrissa e Babitha fizeram uma espécie de resumo da evolução completa da matriz ignarométrica. Uma noite, cá em casa, apresentaram o texto a Alberto. Ele propôs uma simplificação para análise da sua avó. Com a matriz atual percebia-se bem como três formas de sociedade estavam a emergir. Em linhas gerais, existiam na Terra o que chamava de sociedades comunitárias cooperativas. Abrangia a rede de *Convivialis Civitas* mas também as comunidades Bregmanianas do Tipo 2. Continuava a ser perfeitamente possível ambas as formas de organização comunitária se desenvolver lado a lado. A singularidade de trabalhar sem dinheiro ou de realizar trocas baseadas em valores simbólicos, unidades de tempo ou uma combinação de ambos não parecia influenciar negativamente essas formas de coexistência.

Em Ganímedes e Marte, existiam sociedades colonizadoras, independentemente de como se organizassem. Ganímedes parecia ter desenvolvido uma sociedade do Tipo 2 e nenhuma comunidade do Tipo 3 foi encontrada lá. Segundo Alberto isso significava que o risco de excessos totalitários podia aumentar devido à falta de outros exemplos.

Ele deduziu a impossibilidade de se formar uma sociedade duradoura apenas com ignorantes não arrogantes. Contudo esta população facilitava o surgimento de uma sociedade totalitária com um governo a gerir *gatos de apartamento* felizes como a maioria das experiências anteriores à Refundição tinham demostrado.

Ele forneceu-lhes esta visão geral para incluir na descrição. O texto completo pode ser encontrado na versão eletrónica de Neo-Ignarysis [Chakma B & Zoungrana I (122.16) *O Quadro Ignarométrico: Concepção e Evolução*, Neo-Ignarysis Vol XXIV-3]. Talvez isso teria ser mudado hoje. Assim como o projeto DiSoCol, a Ignarometria também evolui.
Em vez de Sociedade Totalitária ***e*** Colonizadora seria talvez ser correcto de propor Sociedade Totalitária ***ou*** Colonizadora. E talvez chegou o momento para omitir a palavra *Terrestre* e simplesmente falar da sociedade comunitária cooperativa. Hoje é possível imaginar comunidades em Ganímedes a juntar-se à Rede de *Convivialis Civitas*. Mas na época em que este último livro foi escrita, tínhamos apenas a versão dado pelo Alberto.

Quando Delun Huáng faleceu aos 88 anos Umut sugeriu à filha dele para continuar lá em casa. Nos últimos anos elas tinham pesquisado juntas parte família Huáng e as pesquisas não estavam totalmente concluídas. Acreditava-se que a família descendia de uma família de marinheiros não colonizadores. Numerosos documentos mostravam que os marinheiros de Waçúm então com o nome de Reino do Meio ou Estado Central não eram sempre movidos pelo desejo de conquistar terras distantes, como foi a obsessão daqueles que mais tarde navegaram sob o comando dos imperadores e reis de Erebúm querendo converter as populações para o cristianismo e enriquecer. Nos últimos anos de sua vida, Delun dividiu a sua atenção entre Claudius Cardinalis e outras pessoas de destaque nas religiões monoteístas mas que muitas vezes foram forçados a se submeter a líderes muito agressivos e por isso os criticavam.

Umut sempre tinha sido o seu interlocutor principal nas investigações que fazia. No entanto em resultado da saga, o Delun fez bastante trabalho com a Babitha. A família dela era também originária de Waçúm dum país anteriormente conhecido com o nome de Reino de Vanga. Babitha fez um acordo com Umut e os filhos de Delun para que assumissem e concluíssem as investigações que Delun estava a concluir na altura em que faleceu. Quaisquer artigos para *História Hominis* serias postumamente assinado por ele.

O grupo de *descritores da simplicidade dos problemas* extinguiu-se por completo em 122.17 HE. Em meados daquele ano falecerem Raja e Despina e no final do mesmo ano a família Auctor teve que se despedir do meu sogro, que tinha noventa anos.

As nossas filhas, cada uma à sua maneira, comprometeram-se para dar continuidade ao trabalho do avô delas.

Catherine e Halona eram já conhecidas como excelentes documentaristas. Elas constantemente procuravam auxiliar os grupos de trabalho do EJCD.

O grupo de trabalho de comunicação, do qual Liberty fazia parte, tinha adotado muitas das ideias de Lev por sugestão dela. Hoje estavam sobretudo envolvidos na preparação das conversas com a comunidade marciana. Iniciariam assim que os Gestores das Fundações o decidissem. Levaria quase mais três anos.

Os primos distantes preparavam-se entretanto para voltar para Ganímedes no final de 122.19 HE. Estava agendado um voo **RR**. Não seria Wolfgang o piloto mas sim um colega de Culturopolis.

Pablo e Sayen desocuparam a casa onde passaram dez anos e, como tinham planeado há já algum tempo, mudaram-se para Culturopolis com os seus dois filhos. Iria servir de base para mudar para um lugar mais permanente para viver provavelmente no sudeste de Anahuac. Como Sayen nos já tinha dito no início do namoro, ela queria aprender mais acerca da concretização das ideias do antigo educador Moisey Pistrak. Ele pensou numa nova escola em resposta à escola burguesa. É claro que não tinha nada a ver com as propostas anteriores de uma espécie de escola de massa, como Lancaster fez. As propostas dele eram mais dialéticas e tomavam como modelo a sociedade adulta na qual estava submerso. Chamavam-na de Revolução Soviética ou Russa no início do século 119 [Ver livro 7. *Tempos de chumbo*]. Sayen pensava que ele pude em certo momento ter ficado preso à mentalidade do seu tempo. Glorificava-se o trabalho como a atividade do ser humano a ter que ser recompensada monetariamente. Numa época em que a nova ordem descendia também ela de uma educação burguesa, o pedagogo enumerava as vantagens duma hierarquia rígida em relação a quem trabalhava em benefício de outros. A posteriori pode se dizer que a glorificação do trabalho levou à continuação de escravizar os trabalhadores e subjugá-los a regras económicas onde de igualdade havia pouca. Isso era talvez inevitável se considerarmos o contexto histórico na qual surge esta versão de nova escola e até do que alguns acreditaram ser uma nova sociedade. Numa sociedade sujeita ao capital individual ou estatal qualquer movimento educacionais só temporariamente e localmente podia ter algum caráter libertador. De modo geral,

tratava-se da ilusão de que seria possível dentro dum Estado hierárquico e centralizador desenvolver uma escola outra denunciando os abusos criados por essa mesma hierarquia centralizadora. E a escola de Pistrak não era certamente uma escola do trabalho rumo a uma sociedade sem dinheiro. Na época esse tipo de sociedade era considerado com desconfiança o sonho de determinados grupos anarquistas. Se por acaso Pistrak valorizava a cooperação em vez da colaboração fazia-o apenas dentro de uma estrutura hierárquica.
Ao longo do Hectano 120 a escola de trabalho de Pistrak foi contudo uma fonte de inspiração para movimentos de trabalhadores agrícolas e pastores de Anahuac que possuíam pouca ou nenhuma terra e viam a escola de trabalho como um meio para envolver as futuras gerações na gestão conjunta das terras ocupadas ou emprestados a esses movimentos. Sayen queria investigar até que ponto as ideias tinham pontos em comum com o que mais tarde ficou conhecido como antropogogia institucional. Teriam os seguidores de Pistrak adotado elementos das ideias de Ferrer e daquilo que ele chamava a Escola Moderna?

Umut faleceu com 90 anos algures no ano 122.19 HE. No Espaço JCD relembrámos as suas valiosas contribuições acerca de como figuras poderosas manipulam a mente humana por meio de dogmas, e como podemos encontrar exemplos disso ao longo de mais de 120 hectanos. Ela também demonstrou que numa comunidade baseado na ausência de bens ou riqueza pessoal o desejo em controlar a mente dos outros diminui. Foi a

razão pela qual contribuiu para enquadrar na Saga gerações anteriores de pedagogos e de modelos educacionais.
Ela manteve um vínculo maternal com Binh Pham até a sua morte o que explica por que ele foi o mais afetado entre os co-autores com o seu desaparecimento.

***

Como mencionamos anteriormente, à essa terceira geração pós-Refundição sucedeu gradualmente outra nova. Não foi diferente na nossa família. Três anos após do falecimento do nosso avô paterno, perdemos também o nosso outro avô. Deixou-nos o pai da minha mãe que se dedicara com tanto entusiasmo a tantos grupos de estudo por tanto tempo, replicando inúmeras técnicas artesanais. Ele foi um elo crucial entre Sabedores e Ignorantes. Os grupos nos quais participou foram fundamentais para conectar cada vez mais ambos os universos após a Refundição.

Novos diálogos surgiram. Naquele ano de 122.20 HE, pudemos finalmente iniciar o que um dia se poderá tornar-se uma plataforma de entendimento entre todos os humanos nos locais habitados no nosso sistema solar.
O início da interação entre Ganímedes, Marte, Lua e Terra consistia numa longa e cuidadosa exploração de desejos, possibilidades e assuntos impossíveis de discutir anteriormente. Como iríamos ajudar-nos mutuamente a desenvolver uma sociedade não arrogante em crescimento ao lado de uma comunidade relativamente pequena com personagens arrogantes? O objetivo de cada grupo não era de defender a

nossa própria forma de sociedade como um dogma contra outros dogmas. Isso podia soar mais fácil por parte duma grande sociedade não arrogante, mas o tamanho continha em si uma ameaça. Conseguem os grupos de comunicação e de aprendizagem básica, partindo dos princípios que conhecíamos n*A Rede*, impedir que o grande grupo não arrogante se mantivesse não arrogante em relação aos demais? Era por outro lado possível libertar os proprietários do pensamento dogmático numa sociedade altamente hierárquica baseada na propriedade pessoal? O que isso significaria para os proprietários? E isso se relacionava a outras duas questões, é claro. Porque é que após a Refundição, um pequeno grupo de nossa espécie continuava a desejar possuir coisas? O que a propriedade pessoal realmente significava para eles? Possuir coisas e capital implicava automaticamente possuir o trabalho dos outros? Como integrar esta tomada de posição num Princípio da Empatia ou num Princípio da Heterogeneidade? Livrar-se desse dogma financeiro seria uma forma de arrogância para com aqueles que consideravam a propriedade pessoal uma necessidade para a auto-realização. E como era para quem considerava que educar as pessoas a conhecimento as livrava assim do dogma do dinheiro? Essa parecia uma boa questão de pesquisa para o grupo de trabalho EGAL, especialmente se pudéssemos incluir também habitantes de Ganímedes e os Gestores de Fundações nesse grupo de trabalho…

Na Rede de *Convivialis Civitas*, estava bem estabelecido que cada habitação tivesse uma horta e que cada horta fosse cuidada pelos moradores dessa habitação. Isso já tinha sido incorporado

no Princípio da Refeição e no da Partilha há quatro gerações. No caso do Princípio da Refeição poderíamos até falar de cinco gerações, pois mesmo antes do Inverno Vulcânico, as refeições eram frequentemente partilhadas nos Três Lugares na altura conhecidos. Mas nem sempre era fácil explicar a diferença entre a partilha do trabalho dos moradores da casa ou da EquivaGente duma Polis e a atribuição de tarefas remuneradas, para não falar da obrigação da execução por imposição.

Surgiram facilmente mal-entendidos acerca da propriedade pessoal. Qual era a diferença entre dispor de eletrodomésticos em cada casa mas de manter só uma linha telefónica central? Encomendar a um artista uma decoração personalizada para o quarto era bem diferente do que pagar milhões em moeda local antes da Refundição, simplesmente para poder afirmar que se possuía uma obra de arte. Aliás, essas obras ficaram frequentemente escondidas por medo de serem roubadas.

O ponto de partida do grupo EGAL era que não-proprietários nunca se apropriavam o trabalho alheio. Não-proprietários nunca lucravam com a partilha de utensílios. Não havia empréstimo com valores fixos. Alguns objetos eram de uso comum, outros não, principalmente por razões ecológicas ou de higiene. Não parecia muito sensato tornar uma única escova de dentes um objeto compartilhado por toda a família.

Tanto o Princípio da Heterogeneidade quanto o da Empatia contêm a ideia de que o trabalho realizado por alguém deve derivar do prazer pessoal de desenvolver este projeto. Ninguém se sente obrigado a julgar o projeto de outra pessoa depois de ter sido adotado pela comunidade.

Antes da Refundição, o desejo de comer algo que viesse de outro parte do mundo estava às vezes relacionado ao status, mas era principalmente económico. A forma globalizada como a agricultura intensiva em larga escala era praticada para os habitantes do planeta podia talvez ter justificação económica, mas levantava grandes questões ecossistémicas. E mesmo o economicamente justificável podia ser questionável. Não havia aqui também frequentemente formas de trabalho escravo só para garantir certos estilos de vida para alguns grupos populacionais? Na sociedade sem dinheiro, o argumento económico desapareceu. É biologicamente compreensível não termos acesso a todos os tipos de alimentos durante o ano todo. Embora a maior parte da população da Terra ainda viva num clima bastante parecido em termos de flutuações de temperatura, existe uma forma de sazonalidade que ninguém mais questiona.

É culturalmente crucial definir os limites da autonomia dos participantes em cada projeto. Pensem no Princípio do Ecossistema e no Princípio da Cooperação. Esses limites podem ser muito locais ou muito amplos. Alguns projetos limitam-se a uma habitação, a um bairro de uma Polis, outros envolvem uma Polis inteira, um continente ou até mesmo a vários continentes. Considerem por exemplo o abastecimento de água local ou a construção de um ramal VSA.

Todo os projetos incluem responsabilidade por parte dos seus participantes. Esse tipo de responsabilidade surge do Princípio da Empatia, que constitui a base para muitas relações éticas.

E esse Princípio da Empatia é algo que se reforça culturalmente

no seio de todos os grupos de aprendizagem. Um aspecto trabalho nos grupos de aprendizagem é a socialização das emoções. Investigadores já o discutiam frequentemente há 200 anos. É um aspecto crucial no desenvolvimento da criança. De uma perspectiva pedagógica é importante procurar desenvolver a empatia nas crianças. O Princípio da Empatia promove o bem-estar individual e contribui para a formação de grupos de aprendizagem nos quais todos gostam de estar presentes. Portanto, é uma base importante para estabelecer e manter uma sociedade inclusiva e diversa.

Mas não se pode simplesmente alterar todo um sistema educacional forçando uma comunidade específica de abandonar o sistema existente para o converter a um sistema de grupos de aprendizagem. Uma abordagem antropogoga requer equilíbrio e diálogo baseados em vários princípios; caso contrário, o que oferecemos é meramente uma mudança ou uma alteração de dogma. A EquivaGente da Rede já entende isso. Para a hierarquia marciana, antropogogos e grupos de aprendizagem mesmo depois de observar o trabalho no planeta Terra eram em 122.19 HE ainda ideias utópicas. Ao mesmo tempo não entendiam por é que a EquivaGente não impunha simplesmente o seu modo de vida. Afinal parecia que os Terráqueos estavam convencidos que a sua sociedade era mais eficiente.

Esse foi talvez um dos maiores desafios. Continuávamos a dizer que não tínhamos interesse em classificar sociedades e comunidades, muito menos em presumir que a nossa maneira de ver as coisas estava universalmente certa e todas as outras estavam erradas. Tínhamos uma boa hipótese que o tipo de

comunidade proposta pela EquivaGente no Hectano 122 se apresentava como mais sustentável do que outras. Mas isso era apenas uma boa hipótese, não um facto comprovado.
Contudo a EquivaGente acreditava ser necessário perceber ao máximo os conceitos de instrução e de diálogo dentro de estruturas hierárquicas baseadas na propriedade pessoal. Mesmo na época de Paulo Demeester, afirmava-se que a instrução deveria-se estritamente limitar à transmissão informativa de técnicas para ações humanas específicas visando cultivar certos reflexos. A instrução nos sistemas educacionais de base para crianças tinha um efeito limitador especialmente quando se seguia as imposições de governantes arrogantes. A instrução num manual é limitadora, mas não perigosa. Pelo contrário. Um manual bem feito é uma ferramenta que explica algo criado por outrem a alguém que não consegue fabricar o produto ou a ferramenta, mas ainda assim deseja utilizar o objecto.
E veja só. Mesmo nos ambientes que exigiam seguir instruções, resistia-se muitas vezes em ler os manuais antes de por a tal ferramenta trabalhar... e por isso às vezes estragá-la.

O nosso pai reiterou que um grupo de trabalho cooperativo não era um grupo democrático como se costumava pensar antes da Refundição. Segundo ele um grupo de trabalho cooperativo era um grupo de trabalho pluralista. Não era apropriado a maioria expressar uma opinião sobre a minoria. Em vez disso, a tarefa do grupo consistia em desenvolver plenamente o Princípio da Heterogeneidade. Para as crianças, isso significava inicialmente fazer o que gostavam sem incomodar os outros e

sem estragar a sua própria diversão. Assim, surgiram rapidamente limites convidando ao diálogo. Sem diálogo podia-se na melhor das hipóteses tentar imaginar o que o outro queria, correndo o risco de se enganar. Após um diálogo podia-se ficar feliz por o outro também estar disposto a dialogar e feliz por ele ter aceitado o nosso projeto seja porque nos fazia felizes seja porque era útil para nós ou para o grupo de aprendizagem seja por outras razões ou por uma combinação de todas elas. Essa era a essência complexa da questão.

Embora nunca tenhamos visto o pai sombrio ou adepto de teorias da conspiração, ele ainda assim queria nos alertar por um scenario no futuro. Brincávamos dizendo que estava a ficar velho. Ele pensava conseguir prever que em algum momento do hectano 123 uma nova fase poderia surgir.

O paraíso mítico desenvolveu-se como uma sociedade comunitária e convivial, mas isso também tinha podia ter um fim e talvez não de aqui mil anos, mas de aqui pouco mais de 100. Ele dizia não muito claramente porquê. Afirmava simplesmente que seria necessário proteger a literatura e a ciência mais uma vez de um novo tipo de *Cou-Clib-Clans*. Ele recordou como o dinheiro e o poder sempre cativaram a imaginação daqueles que tinham pouco ou nenhum conhecimento dos princípios estabelecidos nos grupos de aprendizagem. Em última análise esses princípios eram para ele uma espécie de adaptação da Carta de Joana Demeester do hectano 120. Foi nessa época que os *Cou-Clib-Clans* começaram realmente a assumir o controle.

Tinha mais fé em Ganímedes do que em Marte. Contudo sabia-

se de ambos os grupos de colonizadores como os sistemas educativos davam menos atenção ao aprendizado dialogado do que aqui na Terra. As Comunidades do Tipo 2 na Terra mesmo assim dialogavam mais com as crianças do que as instruir. Mas a instrução era certamente o foco principal da educação fora da Terra.

Segundo ele, a matriz Ignarométrica demonstrava bem que nesse caso a transição do Tipo 2 para o Tipo 1 era um pouco mais fácil do que a transição do Tipo 2 para o Tipo 3 ou de uma manutenção do status quo. As comunidades do Tipo 2 mostraram-se receptivas à proposta da Sociedade Tipo 1 de Marte. Parecia-lhe um tanto ingénuo as comunidades do Tipo 3 terem plena confiança nos seus grupos de aprendizagem e nos nove princípios. Podia esta confiança ser excessiva. Podiam um tipo de *Mar-Ga-Clãs* desenvolver-se e culturalmente reintroduzir dinheiro e poder na Terra, mesmo se os exilados não estivessem fisicamente presentes nos próximos tempos por razões biológicas? Ele já o tinha mencionado nas suas considerações finais em *Imprimatur* há quase sete anos.

É claro que muitas pessoas discutiram a barreira da distância. Os habitantes de Marte e Ganímedes precisariam sempre de adaptações biológicas significativas. Voltar para a Terra sem qualquer suporte era hoje impossível. Vimo-lo com a nossa própria família. Nalguns casos seriam preciso pelo menos duas gerações para biologicamente estar novamente completamente adaptado à vida na Terra. Um retorno físico imediato seria impossível. Mas quanto à comunicação por ondas de pensamento? Era possível uma hierarquia arrogante possuir

remotamente a EquivaGente?
Parecia um scenario de horror e muitos consideravam-no de pura ficção científica hoje. Mas os voos **RR** foram ficção científica cem anos antes de Fernanda Mestre iniciar as suas especulações matemáticas. Pelo menos aqui na Terra vimos como mesmo as comunidades preferindo ficar isoladas da Rede procuravam psicólogos e sociólogos. Estavam dispostos a perceber melhor as lógicas que quase levou a humanidade à total extinção no final da Era do Calendário Gregoriano? Claro que o interesse podia ser entendido como uma preparação para retornar à sociedade do tipo 1 sem repetir os mesmos erros.
Liberty falava da gritante diferença numérica. A vasta maioria dos humanos continuava a viver na Terra. Os colonos representavam cerca de 0,0072% da população humana. Mas o pai contrapunha que em 2090 o grupo Bloomberg 8+ representava cerca de dez vezes menos da população total da época, e mesmo assim construiu *Elysium*. Vaiámo-lo e dissemos que essa comparação não fazia sentido nenhum.
Na altura a maior parte da população era composta de escravos ou quase-escravos ignorantes trabalhando para os Bloomcampers. Hoje a EquivaGente na Terra constituía uma sociedade de pluralistas bem-informados e dialogantes.
Ele admitiu que os dois momentos históricos eram difíceis de comparar. Procuraria exemplos melhores, disse. A sua única intenção era de alertar a EquivaGente do que chamava de síndrome Steiner. Teríamos chegado a outro fim da História. Teríamos chegado ao paraíso eterno pelo que já não precisávamos fazer mais nada.

E então, queridos leitores… Então veio o enorme trovão em céu azul. Que estrondo foi!
De repente Alberto Auctor faleceu.
Isabelle tinha 14 anos, Manuel 13, e Iona e Upul, ambos com 11.
Ele completaria 69 anos em 122.22 HE. E agora foi-se. Sentimos um grande vazio. Um vazio surreal. Tanto os filhos de Liberty quanto os nossos ficaram completamente desorientados por semanas. Simplesmente não conseguiam entender por que ele não abria à porta quando íamos là à casa.
E a mãe! Ela estava definhando. Tia Olívia sugeriu então ir morar com ela.

Três anos depois, os netos falam da casa das duas avós.
Assim é a morte. Assim é a vida.
A mudança geracional continua.
Essa é a vida. Uma vida pacífica, aqui na terra!

É uma espécie de epílogo

(Escrito pelas três autoras em conjunto)

E agora estamos no ano 122.25 HE. Decidimos pôr um fim definitivo às revisões coletivas. Quatro dos co-autores faleceram, dois partiram para o sudeste de Anahuac. Os demais estão ocupados com outros projetos. Maria Liber continua a corrigir imprecisões gramaticais com cada nova leitura, mas não alteraremos mais nada à estrutura ou ao conteúdo da história. Éramos quatorze co-autores e para a saga propriamente dito assim permaneceremos. Todos temos autoridade; ninguém se coloca à frente ou acima dos outros.

A saga começa em 1630 d.Chr. (nascimento de Wolfgang Magister) e consideraremo-la terminada em 122.30 HE, oito anos após a morte de Alberto Auctor. Quem leu os livros na ordem cronológica já sabe que nos concentrámos na história da Análise Ignarométrica. Pelo que sabemos ela só começa a desenhar-se com John Lesmeister. Mas Wolfgang permitiu-nos fazer a ligação com Comenius, Claudius Cardinalis e com as ideias do Iluminismo em Erebúm.

Wolfgang e o seu pai aparecem em diversos documentos relacionados ao *Athenaeum Illustre* na cidade de Amsterdão de então. Os documentos foram encontrados num arquivo da *Huis der Hoofden,* a casa das cabeças.

Muito provém principalmente da Biblioteca Paulo Demeester ou vem referenciado em arquivos locais onde foram realizadas escavações. A precisa localização de Oostende continua algo vago. Não temos escavações diretas em Moresnet também não.

No entanto possuímos dois livros sobre a história da região vindo também da Biblioteca Paulo Demeester.
A história da família só terminará claro quando não houver mais descendentes de Alberto. Mas ninguém pensa sequer em escrever adendos. A família concordou em encerrar a Saga em 122.30 porque as pessoas simplesmente gostam de números redondos. Na nossa mente ouvimos Alberto a resmungar.

A saga abrange 600 anos de aquisição de conhecimento humano e pouco mais de cem anos de aquisição de conhecimento Não-Humano se tomamos a pesquisa matemática de Fernanda Mestre como ponto de partida para este segundo aspecto.
Parece muito tempo. Mas 600 anos correspondem a seis hectanos dos 122 desde o ano 0 no calendário do Holoceno de Cesare Emiliani. A Saga atravessa aproximadamente 10% da história escrita do Homo sapiens, assumindo que as escritas, nas quais a cuneiforme tenham surgido há pouco mais de 5.000 anos. Isso representa dois décimos de um por cento do tempo decorrido entre os desenhos descobertos do género *Homo* e por muitos considerado como sendo comunicação ou informação humana registrada. Se incluirmos Catherine e Liberty bem como os pais de Wolfgang Lesmeister, os 600 anos correspondem a 22 gerações humanas. Dá uma média de 27 anos por geração, cerca de quatro gerações por século. Há aproximadamente 490 gerações até o início das povoações humanas, se contarmos 25 anos por geração e se as hipóteses para esta parte da História estiverem corretas. Contamos um pouco mais de 2.200 gerações até o início das mensagens do género *Homo* se assumirmos uma

média de 22 anos por geração levando de certa forma em conta a expectativa de vida naqueles tempos mais remotos… Uma gota de uma gota de uma gota do oceano da nossa história comum portanto…

No momento em que escrevemos este epílogo, *A Rede* considera as Civitas Bibliopolis, Culturopolis, Perolapolis e Arqueopolis como as memórias históricas do planeta.

Qualquer pessoa interessada em qualquer assunto tem acesso digital completo a tudo o que existe, e qualquer pessoa pode solicitar uma edição impressa ou uma reprodução de qualquer documento ou artefacto. Os livros impressos estão sempre disponíveis na Biblioteca Central da respectiva Polis. Dessa forma, gerimos os livros impressos em conjunto. Porque sabemos hoje como os livros impressos em papel são importantes. Para crianças e adultos.

Em quatro locais de Memória Histórica do Planeta grupos interessados arquivam sistematicamente todas as informações provenientes de escavações em diversos locais da Terra. As suas bibliotecas centrais estão integradas num grande banco de dados gerido por computadores quânticos e todos os novos projetos aceitos pela EquivaGente recebem as ligações diretas que desejam para obter informações históricas úteis para a sua atividade. Isso é inestimável para investigadores, engenheiros, artesãos e todos nós.

Em quase todo o planeta Terra o desejo de criar supera o desejo de ganhar dinheiro. A eliminação das obrigações financeiras e da necessidade de trabalhar para outros reúne dentro d*a Rede* mais de 90% da população mundial. Todos possam ter acesso ao

conhecimento e à ciência para lançar um projeto do seu interesse. Os projetos que por desejo genuíno apoiam outros (pense em quem trabalha na área da saúde ou na antropogogia) naturalmente incluem um certo grau de responsabilidade. Se uma pessoa se sente atraído por um projeto assim ela sabe que a comunidade conta com ela dentro do acordado. Comunidades sem serem do Tipo 3 usam bancos de tempo para esses projetos. Em Marte este tipo de serviços e pago com *bitcoins*. Os Gestores das Fundações afirmam que é raro alguém não ter acesso a cuidados médicos. E os antropogogos continuam excluídos do seu sistema educacional automatizado que todos percorrem entre 4 e 17 anos.

Neste espécie de epílogo é impossível não retornar às reflexões de Alberto sobre os próximos cem anos digamos. Não somos os primeiros a argumentar que fazer previsões com cem anos de antecedência num mundo em constante evolução tem mais de presságio do que à análise científica.

Previsões existem sim para descrever as órbitas elípticas de corpos celestes maiores em torno de outros corpos celestes ainda maiores. Até a matemática humana consegue fazer cálculos razoavelmente precisos para isso.

Desde a morte de Alberto, têm havido ao longo desses três anos discussões regulares com os Gestores das Fundações em Marte e com as equipas de representantes de Ganímedes. Em ambos os locais a influência cultural dos descendentes dos Elysianos é bem maior do que na Terra. Lembramos que durante a Refundição a maioria dos Elysianos escolheu Marte como novo lar em detrimento de Ganímedes e da própria Terra.

Essa preferência por viver longe da Terra foi na altura sobretudo motivada pela ideia de que era impossível viver numa sociedade não regulada pelo dinheiro. Em Ganímedes existem hoje grupos de descendentes que se perguntam se os seus antepassados não abandonaram levianamente grande parte do conforto biológico e uma vida confortável na Terra por estarem obcecados por bens materiais.

Continuamos a não sabemos em nome de quem falam os Gestores das Fundações em Marte. Alberto lembra em *Imprimatur* algumas das conversas dentro e fora do nosso círculo familiar. Até agora não conseguimos reunir todos aqueles que gostaríamos ver sentados à mesa. Mas temos tempo e não há pressão da nossa parte. A frota **RR** foi expandida com duas unidades, permitindo engenheiros aventureiros a propor e desenvolver curtos projetos focados nalgumas soluções urgentes decorrentes de desafios específicos nas cidades-cúpula marcianas de Polis Arei, Polis Electorum ou Nirgalopolis. Há menos entusiasmo para trabalhar na própria Elysiodomus, mas isso deve-se principalmente à recepção ainda um tanto fria de quem vem de fora. Verdade seja dito que os engenheiros ficam sempre felizes de voltar para a Terra. A vida em Marte não é nada fácil. Nem biologicamente, nem socialmente. Mesmo tendo ficado mais do que claro que ninguém na Terra baniu os habitantes de Elysium para Marte em 121.45 os rumores persistem. Mas não comungamos totalmente das preocupações de Alberto.

Outras coisas mantêm-nos ocupados. Por exemplo sabemos agora que pode ser útil e necessário de estudar certas anomalias advindo da inversão magnética em curso na Terra. Até agora e no passado uma inversão desse género levou em média cerca de 40 hectanos, ou 4 kiloanos. Ainda não temos informações sobre a aceleração hoje e se ela é realmente resultado de ações humanas. Foi medido que a inversão em curso se completou em cerca de 10% o que significa que a inversão ocorre duas vezes mais rápido do que antes. Significa que a inversão completa ainda pode levar cerca de 18 hectanos. Isso equivale a cerca de 72 gerações supondo que mantenhamos uma média de 4 gerações por hectano. Devemos nos preocupar com a lenta recuperação do planeta? Ou novas crises estão no horizonte?

As preocupações humanas do dia a dia podem se tornar mais urgentes para as próximas gerações. A questão fundamental para nós é simplesmente até que ponto a comunidade da Terra conseguirá manter um diálogo saudável e não destrutivo com aqueles que amam o poder e o dinheiro. E não, ainda não está muito claro como as discussões irão prosseguir entre as três comunidades, ou as quatro, se incluirmos as bases lunares.

É claro que estamos muito entusiasmados com o progresso que os grupos estão a fazer na comunicação entre espécies. De nós as três a Liberty está mais envolvida nisso. Quando ouvimos o que poderá ser o futuro ficamos realmente imersos numa espécie de romance futurista cheio de ideias que ainda são difíceis para aceitar. E nós, que pensávamos ter levado a ciência ao limite com os voos **RR**.

Desde 122.23 HE inúmeras conversas foram gravadas recorrendo a um sistema altamente sofisticado. A gravação em si é uma espécie de caixa-preta para engenheiros da Terra que nunca trabalharam com a comunidade Hunt. Mesmo para cientistas da inteligência eletrónica a caixa é bem mais preta do que uma videoconferência de longa distância é para pessoas em geral da comunidade de EquivaGente hoje em dia, para não falar dos voos **RR**.

Na nossa família, sabemos há muito tempo que os investigadores a contactar com a comunidade Hunt apanham regularmente sustos relativamente a interpretação do mundo físico. Agora parece que a abordagem biológica também requer matemática não terrestre. Pelo menos estamos a ver os primeiros resultados da experimentação com ondas portadoras de comunicação que não podem ser descritas com a matemática terrestre.

Trata-se de capturar um tipo de energia sobre a qual até recentemente apenas especulávamos ela existir. Nem temos ainda uma descrição ou uma palavra terráquea. O conceito mais próximo poderia remeter para uma forma de *telepatia*. Já vemos muitos investigadores sérios e competentes torcer o nariz para o termo. E como dissemos é uma aproximação grosseira do conceito baseada em raízes filológicas terráqueas. Os sentidos estão de facto envolvidos. Ou pelo menos estão envolvidos sentidos assim como o radar imita a eco-localização biológica dos morcegos. A comunidade Hunt propõe a palavra *Fidgulattle*. É de possível pronúncia humana. Noutras partes do espaço, o conceito provavelmente envolve a comunicação entre seres de diferentes espécies por meio de alguma imitação eletrónica. Mas

também não sabemos ao certo o que eles estão a fazer ou onde o estão a fazer. Nem está muito claro para nós se a pesquisa ocorre no passado, no presente ou no que poderíamos considerar um tipo de futuro nosso. Devido à falta de uma compreensão completa, simplesmente os investigadores vivendo no sistema solar não conseguem descrever do que se trata o que embora em certo sentido possa ser usada.
É certamente frustrante. A melhor comparação é a com uma criança ou alguém com grande autoridade numa área específica a usar um dispositivo desenvolvido por investigadores de outra área sem entender o funcionamento preciso. Pense novamente no que sabe a maioria das pessoas das Bolhas Espaciais. Ou dum bóson. A maioria das pessoas sabe que existe e o que se faz com isso, sem saber exatamente o que é. Por exemplo, a maioria da EquivaGente com o mínimo interesse no espaço já ouviu falar do número de Rovelli-Mestre. Todo o movimento dentro do sistema solar estão sujeito a ele, inclusivamente a propulsão TWIST. Mas tente encontrar alguém que percebe exatamente porque é assim…

E agora é talvez a última vez que vai ouvir falar dois das três autoras deste décimo terceiro volume. É claro que a mais velha permanecerá firmemente com os pés no chão em Bibliopolis. E está inquieta outra vez, como quando Liberty foi para Marte. Ela continuará a assumir sozinha a revisão gramatical da Saga de vez em quando. Até para superar um pouco uma certa tristeza. Por quê?

Bem, as duas mais novas estão a trabalhar num outro projeto ainda mais radical. As mais novas? Catherine tem 48 anos e Liberty tem 45. No entanto, junto com Halona, Dulan, filhas e filhos, elas estão a preparar-se para uma viagem numa nave espacial totalmente desenvolvida com Matemática Não Humana. Envolve uma abordagem ainda completamente diferente da usada nas Bolhas Espaciais. Nenhum computador com matemática humana consegue lidar com os cálculos. O objetivo é alcançar outro braço do espiral da nossa galáxia. Mas não é só isso. Usa o mesmo fenómeno de descontinuação de tempo como os voos **RR**.
O voo levaria apenas alguns meses e eles estariam de volta em cerca de um ano tendo decorrido o tempo deles e o tempo na Terra em paralelo. Impossível, dizem os físicos e matemáticos da Terra. Tentem, diz a comunidade de Hunt, nós temos experiência com isso...
Pronto... talvez alguém um dia relata essa aventura…

Maria iniciou a saga toda, pelo também tem a palavra final. Ela propõe concluir dirigindo algumas palavras aos outros dez co-autores vivos e que ainda não estão cientes deste epílogo. Se já o leu entretanto e porque os outros concordaram com o conteúdo…

Somos um grupo cooperativo.

Caros amigos.

Passaram-se três anos desde que Alberto nos deixou. Também tivemos que nos despedir de outros três amigos do nosso grupo muito empenhado em escrever a Saga Magister-Auctor.

A Saga tornou-se muito popular hoje, algo que não previámos de todo há dez anos, quando distribuímos a primeira versão eletrónica para as bibliotecas da rede Convivialis Civitas.

Como entretanto escrevi na introdução do Pequeno Guia para Distraídos, muitos profissionais apreciam a biografia narrativa. Há claro aqueles que têm dúvidas, pois as histórias não são estritamente separadas do que eles chamam a História propriamente dita. Mas os seguidores de Paul Ricœur deram-nos os parabéns pela nossa escolha, porque partimos do pressuposto de que a História é a escrita de histórias dentro de uma história.

O Conselho Interpolis sugeriu a publicação de uma edição em papel da Saga completa para a Biblioteca Central de cada Polis que o desejar. Para economizar papel quaisquer melhorias posteriores serão apenas feitos no formato eletrónico. Cada Polis decide se e quando a sua Biblioteca Central pede um único exemplar impresso da Saga. O Conselho propõe a inclusão no Pequeno Guia das anotações encontrados entre as cartas de Francisco N'Kondo do ilustrador e compositor do século XXI Frank Nuyts. Os desenhos seriam ótimas capas para os livros impressos. Concordam?

Gostaria também saber se concordam com o epílogo.

Fim do livro 13

Fim da saga… ou talvez não…

Uma estranha carta

Caro Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no contínuo do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222. Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no contínuo não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.
Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

Anexos

Tipos de comunidades ou sociedades

Tipo 1: Comunidade ou sociedade capitalista.

A concentração de riqueza é essencial para manter o consumo baseado em crédito. Esta organização societal também beneficia os pobres, de modo geral. O trabalho filantrópico financeiro de fundações pessoais promove essa perspectiva, razão pela qual essas fundações deveriam receber mais atenção pública.

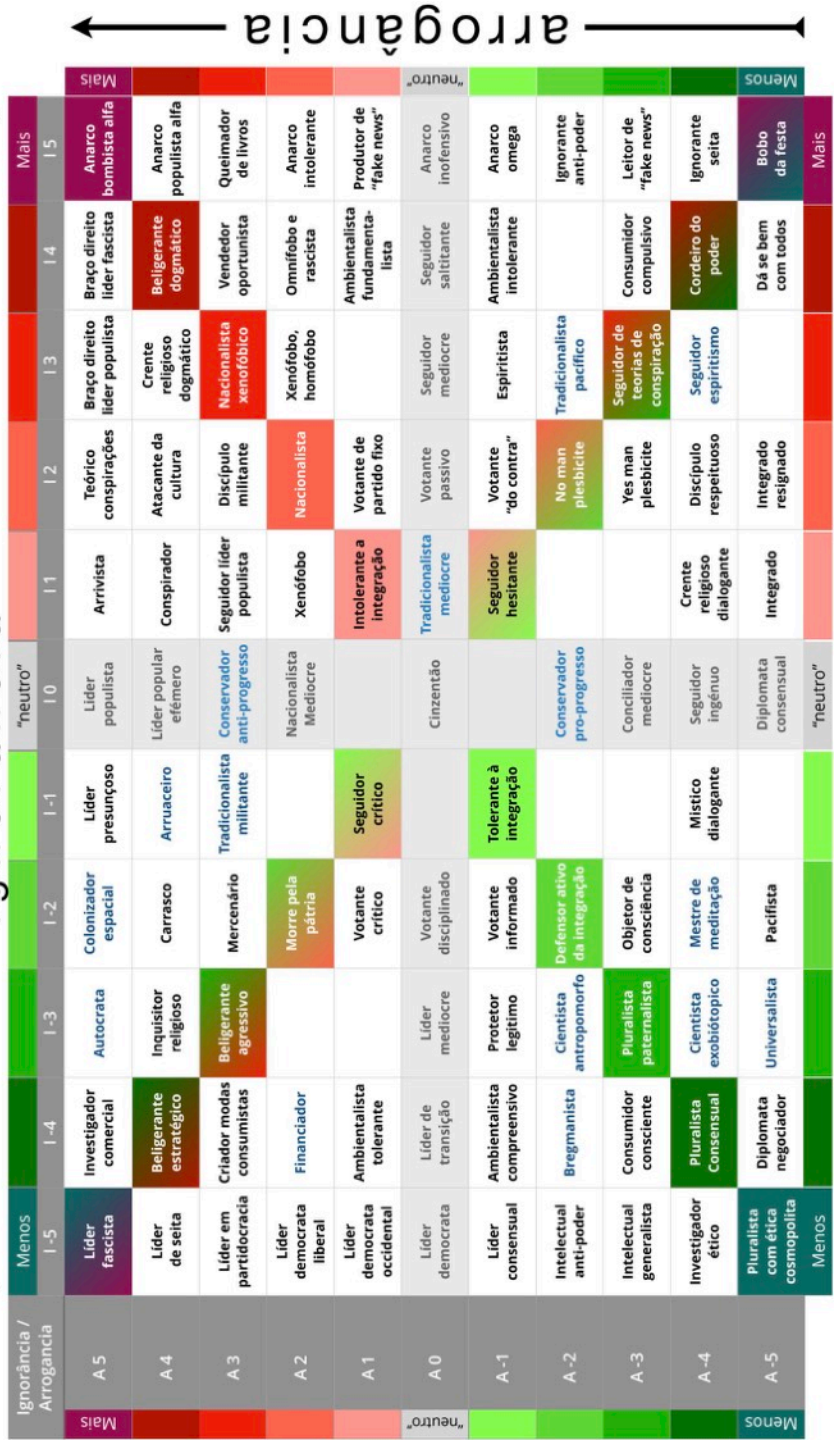
Tipo 2: Comunidade ou sociedade Bregmaniana

A concentração da riqueza tem sido uma catástrofe para o planeta Terra. Para continuar o funcionamento da economia de mercado, é preciso desenvolver projetos que se baseiem num Rendimento Básica Universal, em Bancos de Tempo e nos 3P: Pessoa, Produto, Planeta. Assim reduz-se as manifestações de agressão no plano local e global e proporciona-se melhores oportunidades de sobrevivência para todos. Mas a desigualdade de rendimento deve ser mantida para preservar a possibilidade de mobilidade social.

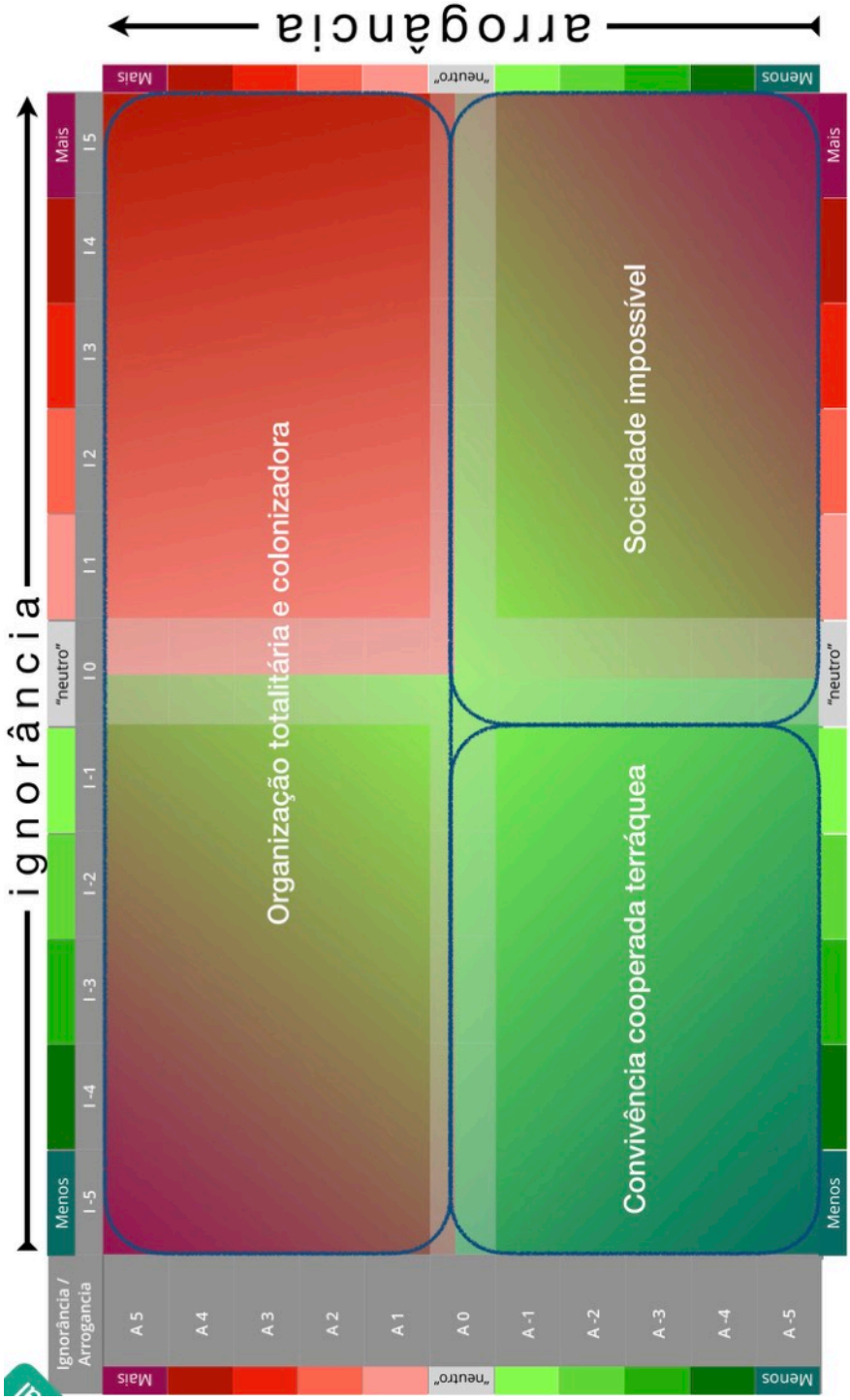
Tipo 3: Comunidade ou sociedade 'convivial' de Illich

O dinheiro é o problema. Uma comunidade pluralista e equitativa com bem-estar geral é impossível enquanto circula o dinheiro. A população mundial não é levada a acumular valores abstratos expressos em cifras e números. Vive em *Convivialis Civitas*. Consequentemente a dinâmica de poder entre opressor e oprimido desaparece. 'Pobre' é um conceito sem sentido. As pessoas vivem de acordo com princípios estabelecidos coletivamente.

Actualização do quadro ignarométrico (Alberto Auctor)



Modelo societal simplificado por Alberto Auctor (122.21)



Maria Liber interessa-se pelo desenvolvimento da linguagem. Ela inspirou outras treze pessoas a escreverem a Saga Magister-Auctor.
Liberty Auctor escolheu a comunicação, a etologia e a inteligência eletrónica (IE) como campo de atuação, juntando-lhes alguma arqueologia da computação.
Catherine Auctor é analista e documentarista. Até há pouco tempo trabalhou na Biblioteca Central de Bibliopolis. Interessa-se pela história pós-Reconstrução e a exploração espacial.

No livro final da Saga Magister-Auctor, Maria, Catherine e Liberty fazem um balanço dos esforços de catorze co-autores que em conjunto abrangem na sua narrativa um período de 600 anos de história da aprendizagem.
Relatam as origens da Saga enquanto analisam novos desafios enfrentados pela EquivaGente da Terra em relação à arte de aprender, agora que o diálogo com quem emigrou para outros corpos celestes do sistema solar parece ser uma realidade.